

LUCILEIDA MARA DE CASTRO

**O IMPACTO DAS MEDIDAS NEOLIBERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO E
O TRABALHO NA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI DE
FRANCA (SP): uma análise da trajetória da entidade entre as
décadas de 1980 e 1990**

FRANCA

2010

LUCILEIDA MARA DE CASTRO

**O IMPACTO DAS MEDIDAS NEOLIBERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO E
O TRABALHO NA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI DE
FRANCA (SP): uma análise da trajetória da entidade entre as
décadas de 1980 e 1990**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração Serviço Social: Trabalho e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Maria David

FRANCA

2010

Castro, Lucileida Mara de

O impacto das medidas neoliberais sobre a educação e o trabalho na Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP) : uma análise da trajetória da entidade entre as décadas de 1980 e 1990 / Lucileida Mara de Castro. –Franca : UNESP, 2010.

Dissertação – Mestrado – Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Neoliberalismo – Política educacional – Brasil. 2. Educação – Trabalho. 3. Escola – Inclusão social. 4. Fundação Educandário Pestalozzi – História – Franca (SP).

CDD – 370.981

LUCILEIDA MARA DE CASTRO

**O IMPACTO DAS MEDIDAS NEOLIBERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO E
O TRABALHO NA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI DE
FRANCA (SP): uma análise da trajetória da entidade entre as
décadas de 1980 e 1990**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social - Trabalho e Sociedade.

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: _____

Profa. Dra. Célia Maria David

1º Examinador: _____

Profa. Dra. Vânia de Fátima Martino

2º Examinador: _____

Prof. Dr. Ubaldo Silveira

Franca, ____ de _____ de 2010.

AGRADECIMENTOS

Só colhe os frutos de seu trabalho aquele que, ao longo do caminho, pode contar com mãos amigas a se estenderem e construírem pontes para que o caminhante possa transpor as dificuldades.

Muitas foram as mãos que me foram estendidas: as de Naná como fonte de apoio inabalável; as de minha tia Cida por acreditar em mim; as de meu filho Igor, ao ter sido companheiro e paciente; as de Carla e Bruno pela solidariedade constante.

Esse percurso teria sido impraticável sem a imensa boa vontade de Carolina Nalini, que fez o impossível para que eu tivesse todo acesso aos arquivos da Escola Pestalozzi. Tampouco eu teria conseguido não fosse o profundo empenho do Dr. Cleber Novelino que colaborou imensamente para que eu pudesse encaminhar esta pesquisa.

Serei para sempre grata à Bernadete, Tânia, Dulce, Neiva, Schébina, Ivânio, Rosinha, Hélio e Maria José por iluminarem os meus passos.

Grande é minha dívida de gratidão para com Sira, orientadora de meu descompasso.

Muito obrigada a todos vocês!

Entretanto, cabem aqui mais quatro agradecimentos: à D. Aparecida e ao Dr. Tomás, por me haverem acolhido; à minha mãe, por ser quem é; a todas as pessoas que me receberam e compartilharam comigo, de coração aberto, as suas experiências nos lares-escola e, finalmente, à minha orientadora Profa. Dra. Célia Maria David por ter feito essa travessia ao meu lado com sensibilidade, acolhimento, disponibilidade e solidariedade, não me deixando só em nenhum momento.

*Navegar é preciso,
Viver não é preciso.*

Fernando Pessoa

Quando escolhi pesquisar a Fundação Educandário Pestalozzi, sabia que corria riscos porque, paralelamente, ao percurso acadêmico próprio da pesquisa, a busca por mim mesma permearia todo o caminhar. Tanto o sabia que o texto escolhido para a abertura do meu projeto de pesquisa foi a conhecida frase “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, de Caetano Veloso, ali tomada na sua mais profunda acepção.

O que eu não sabia é que o percurso seria tão doloroso, tão complexo, tão repleto de descobertas pessoais a ponto de, em algum ponto do trajeto, eu me perguntar se teria condições de perseverar.

A trajetória da Fundação Educandário Pestalozzi é épica. Sua história, pelos elementos que a compõe, bem poderia ser guardada na memória dos mais respeitados *griots* para ser desfiada geração após geração e assim servir de farol ou de bússola para as gerações vindouras. Talvez dissessem: *houve entre nossa gente quem se arriscasse a realizar seus sonhos e aspirações com o suor do rosto, com a força de suas convicções e que acreditasse que a vida de muitos poderia ser melhor ao abrigo dessa arquitetura humanitária.*

Entretanto, se a vida dessa Fundação fala por si, viaja de boca em boca, de história de vida em história de vida e não precisa de mim como sua porta voz, eu descobri, ao longo desta pesquisa, que comigo se passava o inverso: eu precisava da história dessa Instituição para encontrar a minha própria essência. Isso eu não havia previsto.

Em uma época em que, em nosso país, os governos não se preocupavam com a promoção social e que acudir à miséria era tarefa reservada à caridade; em um tempo em que crianças pobres eram recolhidas em creches que muito se assemelhavam a depósitos humanos, eu tive a sorte de ser acolhida pela Fundação Educandário Pestalozzi em seu lar-escola. Esse dia, embora eu não o soubesse a até bem pouco tempo, pode ser considerado como o meu segundo nascimento, pelo simples motivo de que, a partir daí, eu pude realmente existir como ser.

Durante a minha infância, pertencer a uma família considerada desajustada era motivo de estigma e forte preconceito. No lar-escola Pestalozzi, foram-me dadas perspectivas para que eu pudesse conduzir a minha vida para além daquela visão tão arraigada na sociedade de então. Ali, aprendi que eu era um ser capaz. Até hoje, trago comigo uma certa convicção que, às vezes, me parece pouco modesta, de que eu posso realizar ou aprender qualquer coisa a que me disponha ou a que me entregue. Instrução, força moral, fortes sentimentos humanitários, responsabilidade e empreendedorismo compunham a bagagem que eu trazia comigo quando, aos catorze anos, completei o período de minha estada naquele lar-escola e parti para a vida fora dali.

Aos catorze anos não sabemos grande coisa sobre a vida, não somos capazes de grandes análises interiores, não sabemos lidar muito bem com as nossas pequenas tragédias pessoais, mas temos sonhos, muitos sonhos. Eu fui atrás dos meus, e eram sonhos simples: estudar, trabalhar, ser feliz, ter amigos, amar. Aos poucos, as engrenagens foram-se movendo, a vida passando e eu fui realizando meus projetos, colhendo as oportunidades, construindo-me e à minha própria vida. As dores, os tormentos da infância foram ficando adormecidos em um canto qualquer da alma e ali estiveram até o momento em que comecei essa dissertação.

Quando compartilhei minhas limitações com minha orientadora, ouvi: faça as pazes com seu passado, perdoe essas pessoas, liberte-se. Coloquei-me, de coração aberto, à procura de um caminho que, de alguma forma me levasse para além das angústias pessoais e que lançasse alguma luz sobre o lado adoecido de minha alma. Estou trilhando esta seara. O que posso dizer? Talvez eu já não tenha mais tanto medo. Após conversar com muitas daquelas que foram crianças dos lares-escola da Fundação Educandário Pestalozzi, percebi que temos muito em comum: a consciência das nossas dores morais e esse gosto de, apesar delas, termos a possibilidade de experimentar uma vida digna e repleta de possibilidades.

Ao longo desta pesquisa, muito ouvi, pouco falei. Mas, um dia, um pouco antes de iniciar uma entrevista, em meio a uma conversa informal e agradável na qual falávamos sobre nossas experiências no Pestalozzi, minha interlocutora me perguntou: *E você? Como foi que veio parar aqui na Fundação?* Naquele momento, eu me peguei falando de mim com profundidade e naturalidade. Senti uma alegria

inaudita porque descobri que estava começando a conseguir cumprir a mais difícil das tarefas dadas pela minha orientadora ao cabo de todo esse tempo.

Obrigada Célia, pela sabedoria. Obrigada Tânia, pela pergunta e por ter ouvido minha resposta com tanto interesse e respeito.

CASTRO, Lucileida Mara de. **O impacto das medidas neoliberais sobre a educação e o trabalho na Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP):** uma análise da trajetória da entidade entre as décadas de 1980 e 1990. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória da Fundação Educandário Pestalozzi, de Franca (SP) e estabelecer a inter-relação entre a entidade e a conjuntura na qual ela se inseriu ao longo desse percurso, seja no âmbito local, nacional ou internacional. Complexa e múltipla, a estrutura da Instituição permeia várias políticas públicas: as sociais, as educacionais e as econômicas. A partir da interface existente entre as variáveis dessa rede de circunstâncias, foi sendo estruturado, ao longo dos anos um amplo trabalho educacional e social que era sustentado pela fábrica de Calçados Pestalozzi. A crise econômica dos anos 80 e 90 no Brasil e o advento neoliberal coincidiram com uma grave crise econômica interna que abalou a Fundação. Nesta pesquisa, procuramos avaliar em qual medida os problemas institucionais tiveram algum tipo de vínculo ou relação com a crise macroeconômica. Para viabilizarmos este estudo, concentramos nossa pesquisa no trabalho sócio-educacional da entidade em torno dos chamados lares-escola. Voltados para a assistência de crianças e jovens carentes oriundos de famílias parcialmente constituídas, esses lares-escola associavam acolhimento/educação de qualidade, o que permitiu a muitas famílias romperem o círculo vicioso da pobreza. Pretendemos dar conta, ao longo dessa análise, da compreensão dos avanços e retrocessos vividos pela Instituição, principalmente, nessa conjuntura economicamente adversa.

Palavras-chave: creches. inclusão. educação. crise econômica. neoliberalismo. Fundação Educandário Pestalozzi.

CASTRO, Lucileida Mara de. **O impacto das medidas neoliberais sobre a educação e o trabalho na Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP): uma análise da trajetória da entidade entre as décadas de 1980 e 1990.** 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo presentar la trayectoria de la Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP) y establecer la interrelación entre la entidad y el contexto en el que se inserta a lo largo de esta ruta, en los planos local, nacional o internacional. Compleja y múltiple, la estructura de la institución permea muchas de las políticas públicas: sociales, educativas y económicas. Desde la interfaz entre las variables de tales redes de circunstancias, se ha estructurado en los últimos años un trabajo social y educativo amplio que fue apoyado por la fábrica de zapatos Pestalozzi. La crisis económica de los 80 y 90 en Brasil y el advenimiento de lo neoliberalismo coincidió con una grave crisis económica interna que sacudió la fundación. En este estudio se trató de evaluar hasta qué punto los problemas institucionales tenían alguna conexión o relación con la crisis macroeconómica. Para realizar este estudio, hemos centrado nuestra investigación de los aspectos social-educativos de la entidad, con más precisión en torno a sus guarderías, por ellos llamada casa-escuela. Centrándose en el cuidado de los niños y jóvenes desfavorecidos de familias parcialmente formadas, estas casas-escuela de acogida asociadas a una educación de calidad, permitió a muchas familias romper el círculo vicioso de la pobreza. Tenemos la intención de alcanzar en este análisis, la comprensión de los avances y retrocesos experimentados por la institución, especialmente en esta coyuntura económica adversa.

Palabras-clave: cuidado de niños. la inclusión. la educación. la crisis económica. el neoliberalismo. Fundação Educandário Pestalozzi.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Colégio Allan Kardec, em Sacramento (MG).....	27
FIGURA 2 - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Praia Vermelha [1918].....	29
FIGURA 3 - Aparecida junto às crianças na Escola e Biblioteca dos Pobres em 1933.....	34
FIGURA 4 - Aparecida, por ocasião de seu noivado	35
FIGURA 5 - Propaganda da Escola Pestalozzi em jornal francano	38
FIGURA 6 - Propaganda da Escola Pestalozzi em jornal francano	38
FIGURA 7 - Novelino, uma visitante e Aparecida, ao lado da obra iniciada.....	42
FIGURA 8 - Vista parcial da construção – lado direito (1951)	43
FIGURA 9 - Vista parcial interna – lado esquerdo	44
FIGURA 10 - Logomarca da primeira experiência calçadista da FEP	47
FIGURA 11 - Banda Musical das crianças do internato da FEP	51
FIGURA 12 - Casal Novelino em atividade na Calçado Narizinho	52
FIGURA 13 - Vista parcial da praça interna localizada na parte frontal do prédio da Unidade II da Escola Pestalozzi onde também funciona a Unidade II do lar-escola	63
FIGURA 14 - Vista parcial do pátio interno da Unidade III da Escola e lar-escola Pestalozzi	63

FIGURA 15 - Vista parcial dos pátio jardins da Unidade III da Escola e lar-escola Pestalozzi	64
FIGURA 16 - Biblioteca escolar na década de 1960	71
FIGURA 17 - Vista da sala de aula do laboratório de ciências	72
FIGURA 18 - Aula experimental de Ciências, início da década de 1970	72
FIGURA 19 - Vista parcial do Salão Anália Franco (década de 1970)	73
FIGURA 20 - Peça teatral infantil apresentada em 1968.....	74
FIGURA 21 - Apresentação artística de alunos do curso ginásial Pestalozzi em 1968	74
FIGURA 22 - Foto aérea do novo prédio da fábrica de calçados Pestalozzi (1970).....	87
FIGURA 23 - Vista parcial da estrutura física da Unidade II – Pestalozzi (s/d)	97
FIGURA 24 - Coral Bate-Boca, formado pelas crianças do lar-escola – Unidade II (1998).....	97
FIGURA 25 - Casas dos trabalhadores rurais que moravam na fazenda Pestalozzi	100
FIGURA 26 - Ordenhadeira mecânica instalada fazenda Pestalozzi na década de 1980	101
FIGURA 27 - Observatório astronômico Eurípedes Barsanulfo. No detalhe, o telescópio.....	102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Desempenho escolar por amostragem referente aos alunos da 5ª. série do Educandário Pestalozzi no ano de 1972.....	80
QUADRO 2 - Desempenho escolar por amostragem referente aos alunos do 3º. ano do 2º. grau da Escola de 1º. e 2º. Graus da Fundação Educandário Pestalozzi no ano de 1976	82
QUADRO 3 - Déficits das atividades escolares entre 1970 e 1975 (em Cr\$)	89
QUADRO 4 - Receitas do educandário no ano de 1974 (em Cr\$).....	90
QUADRO 5 - Produção anual de calçados (em milhões de pares)	103
QUADRO 6 - Número de trabalhadores empregados (1985-1992) na indústria de calçados de Franca (SP).....	104
QUADRO 7 - Número de trabalhadores empregados (1993-2000) na indústria de calçados de Franca (SP).....	105
QUADRO 8 - Vendas de calçados para o mercado interno entre 1984 e 1996	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
O percurso metodológico.....	19
 CAPÍTULO 1 O CONTEXTO DA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI.....	24
1.1 A trajetória de Tomás Novelino.....	24
1.2 A trajetória de Maria Aparecida Rebelo Novelino.....	33
1.3 O início das atividades educacionais da Escola Pestalozzi e da Fundação Educandário Pestalozzi	37
 CAPÍTULO 2 AS ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DOS LARES-ESCOLA DA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI.....	49
2.1 Um breve histórico do internato e de como o trabalho assistencial foi encaminhado	49
2.2 Subsídios para a compreensão do imaginário popular sobre a institucionalização de crianças no Brasil e a questão da denominação lar-escola.....	53
2.3 Como os sujeitos entendem o significado da passagem pelos lares-escola da Fundação Educandário Pestalozzi	65
 CAPÍTULO 3 O PAPEL DO MODELO DAS ESCOLAS PESTALOZZI NO PROCESSO DE INSERÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS DOS LARES-ESCOLA DA ENTIDADE	70
3.1 A estrutura educacional da Fundação Educandário Pestalozzi.....	70
3.2 Estudo comparativo do desempenho escolar dos alunos do lar-escola frente aos demais alunos da escola mantida pela Fundação Educandário Pestalozzi	75
3.3 O desempenho escolar das crianças do Lar-escola frente aos outros alunos	77
3.4 O que podemos perceber a partir da observação da documentação escolar	80

CAPÍTULO 4 A CONJUNTURA ECONÔMICA E SUA RELAÇÃO COM PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA ESTRUTURA DO LAR-ESCOLA NA DÉCADA DE 1990	84
4.1 A crise sistêmica do capitalismo mundial e alguns desdobramentos na realidade econômica brasileira	84
4.2 Alguns aspectos sobre o desenvolvimento econômico da Fundação Educandário Pestalozzi	85
4.2.1 Avanços e retrocessos: a crise da Instituição nos anos 1970	88
4.2.2 A reconstrução da Fundação Educandário Pestalozzi nos anos 1980.....	92
4.3 A Unidade II – Histórico e estrutura.....	96
4.4 A Unidade III – Histórico e estrutura.....	98
4.5 A fazenda e o observatório astronômico	100
4.6 A grande crise dos anos 1980 e 1990	103
4.7 O processo de reestruturação da entidade após a instalação da crise	109
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 113
 REFERÊNCIAS.....	 119
 APÊNDICES	
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (EX-ALUNOS)	129
APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (DIRETORIA FEP).....	130
APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (DIRETORA E EX- DIRETORAS DA UNIDADE II)	132
APÊNDICE D – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (EX-DIRETORA DA UNIDADE III)	133
APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (FUNCIONÁRIOS E EX- FUNCIONÁRIOS DO SETOR CONTÁBIL E FINANCEIRO DA FUNDAÇÃO)	134

INTRODUÇÃO

Pesquisar a Fundação Educandário Pestalozzi de Franca (SP) é, pela amplitude da história e variedade de atividades, um grande desafio.

Essa entidade, idealizada por Dr. Tomás Novelino e pela Profa. Maria Aparecida Rebelo Novelino, surgiu em 1944 como uma pequena escola, para se transformar em uma das principais instituições da região de Franca (SP). Nesses mais de 60 anos de existência, já foi objeto de pesquisas respeitáveis no mundo acadêmico. Essas pesquisas atravessaram fronteiras e chegaram ao conhecimento do Instituto de Yverdon, na Suíça, um importante centro de estudos em torno do pensamento do educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi.

Em 1996, quando se comemoravam os 250 anos do nascimento desse importante pedagogo, a televisão suíça decidiu fazer um documentário que tinha como objetivo, a partir da identificação das principais instituições representativas do pensamento pestalozziano no mundo, buscar indícios da sobrevivência das ideias de Pestalozzi. Através do Instituto de Yverdon, o diretor Tobias Wyss tomou conhecimento da experiência francana e, após vir conhecê-la, não teve qualquer dúvida em elegê-la uma daquelas que mais se aproximava da essência da obra de Pestalozzi.

Também no âmbito nacional, a Fundação Educandário Pestalozzi é bastante conhecida e respeitada. Ao longo de sua existência, foi várias vezes visitada por particulares e autoridades governamentais que buscaram ali inspiração para os seus projetos¹.

Há, no percurso dessa entidade, um pioneirismo notável em vários aspectos: foi a primeira creche espírita de Franca; procurou saídas inovadoras para humanizar o acolhimento das crianças, buscando soluções para promover-lhes, efetivamente a formação integral; sustentou-se e sustenta-se economicamente com poucos recursos governamentais².

¹ Conforme depoimento da ex-diretora da Escola Pestalozzi - Unidade III

² Segundo o Serviço de Assistência Social da Instituição, após o fechamento da fábrica de calçados, a Fundação passou a firmar convênios com vistas à obtenção de verbas de manutenção e custeio, nos níveis municipal, através das secretarias voltadas para a educação e ação social; estadual, através da Divisão Regional de Assistência e Desenvolvimento Social de Franca (DRADS); bem como no federal (até o ano de 2009), através de repasses da União para o Fundo Municipal.

Surgida como uma pequena escola voltada para a educação infantil e ensino primário para crianças e adultos, essa Instituição ao se consolidar ao longo dos anos, foi estabelecendo um diálogo contextual com as realidades local, estadual, nacional e até mesmo internacional.

Embora o seu principal objetivo tenha sido, desde o início, a educação e a assistência social em seu lar-escola, não podemos deixar de relevar a questão do trabalho, pois para gerar os proventos que mantiveram a obra de pé durante muitos anos, foi fundada uma fábrica de calçados que se tornou um importante empreendimento nesse setor.

A Instituição que pesquisamos atua ativamente desde a sua Fundação sem quaisquer interrupções e, nesse percurso, vem se mostrando capaz de se renovar e aperfeiçoar-se para acompanhar as mudanças e exigências próprias de cada época. Há, na constituição dessa Fundação, uma teia de acontecimentos, ideologias, crenças pessoais, políticas públicas e privadas que se entrelaçam para ora afetarem ou ora serem afetados pela dinâmica que ali se forma.

Nesta pesquisa, debruçar-nos-emos de maneira mais cuidadosa, sobre as décadas de 80 e 90, embora apresentemos o percurso histórico da entidade para, a partir dali, encaminharmos nossos estudos.

A trajetória da Fundação Educandário Pestalozzi (FEP) poderia ser pesquisada para conhecermos os caminhos e descaminhos da História da Indústria de Calçados em Franca; ou para o estudo da História da Educação de Franca nos níveis básico, médio, profissionalizante e superior, uma vez que todos esses rumos foram tomados pela Instituição que pesquisamos. Aqui, devido às limitações próprias de uma pesquisa, optamos pelo recorte do trabalho social e educacional desenvolvido nos lares-escola mantidos pela entidade na cidade de Franca.

Entendemos que, na experiência dos lares-escola, reside o cerne do trabalho idealizado pelos fundadores da Instituição. Estabelece-se ali a coerência entre o pensamento dos mesmos e a sua prática, bem como o embate entre esse pensar e esse fazer com as condições externas advindas das políticas públicas e da conjuntura internacional.

Esta pesquisa busca recuperar as origens e características dos lares-escola a partir da hipótese de que esse binômio acolhimento-educação, foi responsável por um amplo trabalho social e educacional na cidade de Franca, com reflexos consideráveis na vida dos sujeitos diretamente envolvidos, principalmente,

as crianças assistidas e seus familiares. Também nos interessa buscar a compreensão dos rumos sociais e administrativos tomados pela Instituição após a falência da fábrica de calçados, na década de 1990. Nesse patamar, a nossa hipótese é de que a Instituição pode ter sido afetada pela crise nacional que se fazia sentir desde os anos 1980 e pela onda neoliberal introduzida no Brasil a partir da posse de Fernando Collor de Mello em março de 1990. As políticas públicas, notadamente as econômicas, que foram assumidas pelos governantes desde período, levaram a uma série de mudanças e adequações na busca pela sobrevivência da Fundação. Queremos compreender a natureza dessas transformações e a profundidade de interferência das mesmas nos pressupostos e filosofia iniciais da entidade.

É importante também que se perceba o grau de dependência ou independência financeira que a FEP estabelecia em relação ao poder público e em qual medida o fechamento da fábrica de calçados foi um fator relevante para a manutenção do equilíbrio financeiro. Assim, quais adequações foram feitas nos lares-escola para garantir-lhes a sobrevivência? A dependência da entidade em relação ao poder público permaneceu nos mesmos patamares dos tempos da Calçados Pestalozzi?

Por outro lado, percebemos que, para ser bem compreendida, torna-se necessário apresentar a Fundação Educandário Pestalozzi, bem como aos seus idealizadores e ao contexto no qual ela se insere, seja ele mundial, pela influência do pensamento democrático advindo com o fim da Segunda Guerra Mundial; seja nacional, pelos reflexos da política varguista. Ou ainda pelo conhecimento dos pressupostos do Manifesto dos Pioneiros da Educação³.

Entendemos que, se queremos conhecer o trabalho humanitário da Fundação, precisamos entender as bases que o alicerçam para além dos aspectos religiosos. Esse conhecimento foi importante nos momentos de analisarmos as políticas da entidade e as suas deliberações frente às situações de risco à sua sobrevivência que se apresentaram.

³ “[...] esse manifesto propunha-se a realizar a reconstrução social pela reconstrução educacional. Partindo do pressuposto de que a educação é uma função essencialmente pública, e baseado nos princípios da laicidade, gratuidade, obrigatoriedade, co-educação e unicidade da escola, o manifesto esboça as diretrizes de um sistema nacional de educação, abrangendo, de forma articulada, os diferentes níveis de ensino, desde a educação infantil até a universidade” (SAVIANI, 2006, p. 33).

Seguindo essa linha de raciocínio, organizamos nossa pesquisa em quatro momentos: no primeiro capítulo, apresentamos o universo contextual da Fundação Educandário Pestalozzi e seus idealizadores. Recuperamos, até onde foi possível, a trajetória pessoal dos seus fundadores para que pudéssemos procurar compreender a filosofia e a mentalidade que nortearam a construção da entidade.

Ao recuperar suas trajetórias pessoais, delineamos as experiências de vida que influenciaram a formação do pensamento e visão de mundo tanto de Dr. Tomás Novelino, como de D. Aparecida Rebelo Novelino. Ambos viveram em uma época de grandes transformações políticas, sociais e econômicas. Todas essas mudanças, ao lado de sua convicção religiosa, poderiam, naturalmente, influenciar suas decisões e posicionamentos, em uma relação própria entre o homem e seu tempo.

Nesse momento, buscamos perceber as inter-relações nacionais e locais com a opção que os idealizadores fizeram pela educação quando da efetiva constituição da Fundação, em 1945.

Nesse capítulo, também tratamos da necessidade dos idealizadores resolverem a questão financeira sob o aspecto da manutenção da entidade e da alternativa encontrada pela Fundação para garantir a sobrevivência da experiência, através da estruturação de uma fábrica de calçados finos que colocava os seus lucros a serviço do sustento dos segmentos educacional e assistencial.

Conhecido esse contexto, no capítulo 2, direcionamos nossa pesquisa para o segmento do lar-escola. Pesquisamos suas origens e características. Buscamos os sujeitos egressos da Instituição e procuramos recuperar suas impressões, a autoavaliação que cada qual fazia da experiência ali vivenciada, ou ainda, qual era a rotina da Instituição e como era o funcionamento da parte relativa à escola formal. Afinal, em qual medida esses sujeitos entendem que a passagem pelos lares-escola da Fundação Educandário Pestalozzi se refletiu em suas vidas.

No capítulo 3, partindo do princípio de que o lar-escola pretendia dar conta do binômio acolhimento/educação formal, procuramos, por intermédio da documentação encontrada nos arquivos mantidos pela Escola Pestalozzi, estabelecer uma análise comparativa entre o desempenho escolar dos alunos matriculados no lar-escola e aqueles que usufruíam apenas da estrutura educacional da entidade. O que se quer responder é como era o desempenho educacional das crianças assistidas pelo lar-escola, principalmente nas décadas de 1970 e

1980, quando elas estudavam nas mesmas classes frequentadas pelos alunos “de fora”, ou seja, que não faziam parte dos lares-escola. Também ouvimos aos próprios sujeitos e a profissionais que trabalhavam junto às crianças com a finalidade de compormos um quadro a esse respeito.

Conhecidos esses aspectos, procuramos, no capítulo 4, pesquisar as permanências e transformações ocorridas na estrutura do lar-escola ao longo do tempo. Nossa preocupação aqui se manifesta de maneira mais objetiva: em meados dos anos 1990 a fábrica de calçados entrou em uma crise que a levou ao encerramento das atividades em 1995; por que essa crise se estabeleceu? Até onde a Instituição pesquisada foi influenciada pelas urgências do modelo neoliberal? Como se saiu diante das imposições das transformações econômicas e políticas públicas? Conseguiu manter-se fielmente presa aos preceitos iniciais dos seus fundadores? Quais foram as novas condições administrativas instauradas? Como, na nova estrutura, organizou o trabalho assistencial? E para a sociedade, houve avanços, houve retrocessos? Ou seja, o que, em última análise, procura-se. é entender como os impactos da política econômica neoliberal se refletiram no papel social dessa Instituição.

Por fim, nas considerações finais, procuramos expor nossas reflexões sobre a singularidade e significado do trabalho realizado nos lares-escola, além de buscar ponderar o impacto que as políticas públicas tiveram sobre aquela experiência educacional.

Ao longo desse trabalho procuramos apresentar algumas fotografias que consideramos relevantes. Elas foram provenientes, principalmente, de dois acervos particulares: o de Dr. Cleber Rebêlo Novelino e o de Rosa Maria Pierucci.

O percurso metodológico

Antes do início do processo investigativo, no momento em que analisávamos, a partir das várias variáveis que se apresentavam, qual seria o percurso metodológico mais adequado para a condução desta pesquisa, percebemos que nos encontrávamos, principalmente, no âmbito da pesquisa qualitativa. Essa perspectiva vinha ao encontro do que pensa Minayo (1999, p. 15, grifo do autor), “[...]”

é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante.”

Pelas características de nosso objeto de pesquisa, encaminhamo-nos para o âmbito da história das instituições escolares, pois as fontes que dispúnhamos tais como registros escolares, atas variadas, matérias jornalísticas e os sujeitos envolvidos, confluíam nessa direção.

Ademais, assim se manifesta Saviani (2004, p. 8)

A primeira observação a ser feita me parece ser a de que a escola é uma instituição educativa entre outras com as quais se relaciona em termos diacrônicos e sincrônicos. No primeiro caso, põe-se a questão da gênese que pode envolver a passagem, a transformação ou a ruptura entre diferentes modalidades de instituições educativas. No segundo põe-se a questão da coexistência entre diferentes instituições que podem se complementar ou se opor, aproximar-se ou distanciar.

Havia, a nosso ver, nas bases que alicerçaram a Instituição pesquisada, a questão da educação. Foi, a partir desse ponto, que se construíram as demais facetas de entidade. Ao buscarmos as raízes da Instituição, pudemos, a partir dali, acompanhar o alargamento das suas aspirações, onde se situavam os aspectos sócio-econômicos. O fato desta pesquisa se dar no âmbito do Programa de Pós-graduação em Serviço Social garantiu-lhe o espaço necessário para que, a partir dos aspectos educacionais, pudéssemos transitar entre os vários aspectos da entidade e analisá-la em sua multiplicidade.

Devido à natureza escolar e empresarial da Instituição, deparamo-nos com arquivos próprios da sua rotina, que documentam o seu cotidiano: comunicados internos, atas, estatutos, documentação escolar relativa ao alunado, documentos próprios da administração escolar, fotografias, filmes, dentre outros. Além disso, essa mesma natureza permitiu, ao longo dos anos, que a Instituição estivesse presente na mídia – principalmente em jornais -, além de haver documentos oficiais, relativos à mesma, arquivados em cartórios e arquivos particulares.

Assim, a primeira etapa de nosso trabalho foi realizada junto aos arquivos da Fundação, além de realizarmos buscas nos arquivos do museu histórico municipal, em jornais da época, acervos particulares, em cartórios, em indicadores do Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca e da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados). Também buscamos constituições, decretos e

resoluções de órgãos governamentais que pudessem ser importantes para o encaminhamento de nossa análise. Tivemos acesso a filmes e fotos pertencentes ao acervo particular do filho de Dr. Tomás Novelino, Dr. Cleber Rebelo Novelino, os quais nos colocaram em contato mais amplo com aquele fundador da Instituição.

Ao nos guiarmos pela pesquisa qualitativa, pudemos, a partir de uma maior aproximação com o objeto da pesquisa, ir criando as condições para que conseguíssemos ler as entrelinhas, compreender melhor os significados que pudessem ser apreendidos da compreensão das teias sociais historicamente estabelecidas.

Para tanto, procedemos à leitura de toda a documentação levantada e a organizamos nos mesmos parâmetros utilizados por Pimentel (2006, p. 103-104): na primeira etapa os documentos foram organizados a partir de um título, da caracterização do material e da caracterização do conteúdo das fichas. Na segunda, os documentos foram organizados por assunto. O próprio material dirigiu o estabelecimento dos temas que viriam compor as categorias de análise.

Com a documentação organizada, selecionamos aquilo que poderia nortear nosso trabalho no sentido de possibilitar as reflexões em torno das hipóteses que havíamos levantado.

Especificamente, para levantarmos os dados de que precisávamos para um estudo comparativo entre o desempenho dos alunos do lar-escola e os da comunidade, localizamos os livros de matrícula das crianças no lar-escola e, a partir da identificação de seus nomes, buscamos nos arquivos escolares da Escola Pestalozzi, os seus prontuários. Os sujeitos pesquisados não foram, necessariamente, os mesmos das entrevistas, pois nem toda a documentação escolar foi localizada. Dessa forma, optamos pela seleção aleatória dos prontuários escolares. Concomitantemente, adotamos a mesma estratégia ao selecionamos prontuários dos alunos que frequentavam apenas a escola, não fazendo parte do lar-escola.

Em ambos os casos, limitamos a seleção dos prontuários escolares principalmente às décadas de 1970 e 1980 porque foi a época em que houve a maior heterogeneidade de segmentos sociais na escola da Unidade I.

A natureza de nossa pesquisa permitia que contrapússemos a documentação que dispúnhamos à opinião dos sujeitos que, a partir de múltiplas perspectivas, tinham participado da vida da Instituição, seja na condição de

fundadores, seja na condição de diretores da Fundação, de funcionários, professores, diretores das escolas ou crianças assistidas. Entendemos que cada um desses segmentos guardava em suas lembranças, vivências e experiências, facetas variadas de uma mesma história. Especialmente as crianças assistidas, cujas vozes se mostrariam fundamentais para procedermos às nossas análises.

Estruturamos nossas entrevistas a partir de sugestões bastante ponderadas da banca de qualificação, dentre elas a preocupação com os aspectos éticos. Utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acatando a recomendação e orientações daquela banca.

Inicialmente, realizamos três entrevistas: duas com alunos egressos dos lares-escola e uma com uma diretora de uma das escolas. Essas primeiras experiências serviram como pré-testes, a partir dos quais fizemos os ajustes necessários aos roteiros de entrevistas.

Definimos que nossa amostra seria composta por 30 (trinta) ex-alunos dos lares-escola, das décadas de 1970, 1980 e 1990; quatro diretores ou ex-diretores da Fundação; três diretoras das escolas. Foram preparadas entrevistas específicas para cada segmento, complementares entre si e com alguns questionamentos-chave comuns. No decorrer da pesquisa, foi necessário buscar depoimentos de alunos que frequentaram o internato da Instituição na década de 50, professores, funcionários, além de buscarmos a ajuda técnica de um assessor da Abicalçados, sem os quais não teríamos alcançado nossos objetivos.

Nem todas as nossas expectativas foram alcançadas. Uma das ex-diretoras, em função de problemas de saúde, não pode nos receber para uma conversa mais extensa. Assim, conseguimos entrevistar apenas três diretores. Em relação aos alunos egressos da Instituição, como o período de permanência na entidade poderia chegar a até 10 anos, muitas vezes um mesmo sujeito vivenciou experiências que, em parte, pertenciam a uma determinada década e, em parte, a outra década e tratavam o período como um todo. Entretanto, isso não comprometeu a pesquisa e até mesmo a enriqueceu.

As entrevistas foram realizadas entre março de 2009 e janeiro de 2010. Foram todas gravadas, totalizando aproximadamente vinte horas de material. Em seguida foram transcritas. Procedemos a uma leitura cuidadosa, no sentido de identificarmos os relatos que traziam maiores subsídios para nossa pesquisa, além dos pontos comuns e divergentes na visão dos sujeitos sobre a Instituição.

Os alunos foram escolhidos de forma aleatória para fugirmos ao risco do direcionamento. Dessa forma, a partir de indicações e da lista telefônica, identificamos os primeiros e esses, por sua vez foram nos indicando outros de forma sucessiva até que completamos a nossa amostra.

Os alunos entrevistados nos acolheram muito bem. Muitos nos receberam em suas casas, em seus horários de descanso, à noite, em finais de semana, abrindo um espaço em suas vidas para nos atender. Todas as pessoas entrevistadas tiveram uma imensa boa vontade em nos ajudar. Não raro, os depoimentos eram entrecortados pela emoção, pela alegria, pela tristeza, pelo sentimento de gratidão ou, às vezes, de mágoa. Cada qual trazendo em si, as especificidades de sua história de vida.

Após transcrevermos as entrevistas, mesmas foram analisadas. Não optamos pela análise do discurso, mas pelo estudo comparativo entre as várias opiniões colhidas no sentido de aferir até que ponto a documentação oficial que dispúnhamos refletia o ponto de vista dos sujeitos, pois era esse o objetivo das entrevistas no âmbito dessa pesquisa. Entretanto, nada impede que o material coletado venha a ser estudado, em um outro momento, a partir daquela técnica dentro daquilo que Chizzotti (1991, p. 98) entende como “[...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo latente, as significações explícitas ou ocultas.”

Para embasarmos teoricamente nossa pesquisa, fez-se necessário buscar a ajuda da revisão bibliográfica. Assim recorremos a várias produções teóricas gerais e específicas referentes aos temas: institucionalização de crianças no Brasil, marginalidade social, inclusão social, política social, neoliberalismo, educação e história da educação, pedagogia espírita, políticas públicas, economia, conjuntura político-econômica brasileira e comércio exterior, e história da indústria de calçados no Brasil.

Em alguns momentos bastante pontuais, analisamos quantitativamente alguns dados que dispúnhamos sobre a produção calçadista em Franca.

De modo geral, nisso se resumiu nosso percurso metodológico. Acreditamos que essas opções permitiram que tivéssemos elementos para conduzirmos melhor da maneira que pudemos esta pesquisa.

CAPÍTULO 1 O CONTEXTO DA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI

Em 1944, o casal Maria Aparecida Rebelo Novelino, professora, e Tomás Novelino, médico, abriu uma pequena escola localizada na rua Monsenhor Rosa, 765, no centro da cidade de Franca (SP).

Um breve histórico intitulado “Fundação Educandário Pestalozzi: sua história e seus fins”, produzido pela Instituição em 1968, para efeito de balanço de suas atividades, assim resume e contextualiza esse momento:

Residia na cidade de Franca, Estado de São Paulo, na rua Monsenhor Rosa, 785, lá pelos idos de 1940, o casal Dr. Tomás Novelino e Professora Maria Aparecida Rebelo Novelino, quando a humanidade de engolfava com a Segunda Guerra Mundial, atestando seu estado primário de cultura espiritual. Preocupado com essa situação, o casal resolveu alimentar a ideia de fundar uma Escola, onde, além de desenvolver a instrução comum, pudesse propiciar a seus frequentadores ambiente envolvido para os problemas espirituais e formação moral. Nesse afã, após quatro anos de amadurecimento da ideia, vem à luz, no dia 1º. De agosto de 1944, a ‘Escola Pestalozzi’, com sede na rua Monsenhor Rosa, 765. (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1968).

Quais motivações levaram Maria Aparecida Rebelo Novelino, professora efetiva de escola pública em Franca, e Tomás Novelino, médico conhecido, com clientela estabelecida, a ingressar no mundo da educação com escola própria? Ao ingressarem, por que o fizeram através de uma Fundação e não através daquele que poderia ter sido um rentável negócio pessoal? Por que se preocuparam em aliar o processo educacional ao processo assistencial? Buscaremos essas respostas, analisando alguns aspectos de suas trajetórias de vida.

1.1 A trajetória de Tomás Novelino

Consta na certidão de assentamento do casamento emitida pelo Registro Civil das Pessoas Naturais, do 1º. Subdistrito de Ribeirão Preto, do município e comarca de Ribeirão Preto, assentada no livro B, número 57, à folha 66 sob o

termo 186, que Tomás Novelino nasceu em Delfinópolis (MG) em 06 de outubro de 1901, filho de Thomaz Novelino de Aquino e de dona Auta Maria das Dores Novelino.

Incontri (2001 p. 11) afirma que o pai era filho de um italiano de Nápolis. Pai e mãe não exerceram, por muito tempo, influência direta sobre o menino Tomás uma vez que este muito cedo perdeu o pai e, aos seis anos, ficou também órfão de mãe.

A orfandade foi um importante fator na formação da personalidade de Novelino. Devido a ela, o menino saiu da pequena cidade natal para significativas vivências.

Sobre esse momento, explica Incontri (2001, p.11):

A mãe, Auta Maria das Dores, já conhecia a fama de Anália Franco e simpatizava com seu trabalho. Por isso, quando faleceu, Tomás e seus irmãos – duas irmãs e um irmão – todos mais velhos, foram internados no Asilo Anália Franco em São Paulo. [...] Como se sabe, essa educadora espírita fazia um trabalho pioneiro e filantrópico, tendo fundado numerosas escolas e asilos infantis e femininos. Tomás, com sua memória portentosa, lembrava-se até o fim, de cada detalhe dos anos passados dos 7 aos 12 anos, no asilo de Anália.

Anália Franco é um nome importante da história da educação brasileira. Seu trabalho à frente da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), fundada em 1901, na cidade de São Paulo, tornou essa Associação um epicentro educacional que disseminou pelo estado de São Paulo cerca de 110 escolas maternais, asilos, creches, liceus femininos, escolas noturnas para analfabetos e uma colônia regeneradora (OLIVEIRA; KUHLMANN JÚNIOR, online, p. 3).

Em 1907, quando o menino Novelino foi acolhido por Anália Franco em seu orfanato, vamos encontrá-la à frente do projeto da AFBI, dedicando-se integralmente aos princípios estatutários daquela Instituição, que visava à proteção e educação de crianças e mulheres desamparadas.

A AFBI atravessava um momento de estruturação. Segundo Oliveira e Kuhlmann Júnior (online, p. 5) , a AFBI instalou-se

Na cidade de São Paulo, [...] além do prédio no Largo do Arouche, na Ladeira dos Piques nº 13 e 21 (1903), na rua São Paulo nº 47 (1906) e na rua dos Estudantes nº 19 (1908), atual XV de novembro. Funcionou também numa chácara em Pinheiros, em 1910. A partir de 1911, instalou-se na Fazenda Paraíso, no Tatuapé, onde permaneceu até 1997, transferindo-se para o município de Itapetininga, no interior de São Paulo, onde ainda atua.

Quando criança, Novelino conviveu diretamente com essa luta e sentiu na própria pele as dificuldades que o trabalho de Anália Franco enfrentava neste momento. Dono de uma ótima memória, o médico contava suas lembranças da época em que o trabalho assistencial da AFBI foi transferido, em 1911, para a Fazenda Paraíso, no atual bairro do Tatuapé na cidade de São Paulo. Era comum que o médico, ao conversar com as pessoas sobre sua vida, lembrasse que a pobreza do lar de Anália era grande e que todas as instalações da propriedade tais como o solar, estrebarias e senzala, foram utilizadas para atender aos assistidos.

Anália Franco começou a se destacar no meio filantrópico, educacional e na defesa das mulheres desde o final do século XIX quando passou a acolher crianças negras abandonadas por ocasião da aprovação da lei do ventre-livre. Desde então, o seu trabalho ganhou uma proporção tal que se estendeu a todo tipo de pessoas carentes: órfãos, mulheres marginalizadas por questões relativas à vivências sexuais condenadas pela época, pobres de maneira geral. Para concretizar suas aspirações, além de várias iniciativas econômicas da AFBI, contava com a ajuda de doações, com o apoio da maçonaria e, raramente, de um ou outro elemento do clero.

No nosso entender, da convivência de Tomás com dona Anália Franco, na condição de interno, ficaram pelo menos três influências: a convicção de que era necessário acudir aos pobres através de obras assistenciais, a obstinação pela ideia que os lares-escola mantidos pela Fundação Educandário Pestalozzi primassem pelas boas instalações físicas e pela qualidade dos serviços prestados e, finalmente, um grande respeito pelo potencial intelectual e realizador das mulheres, certeza que o levou a admirar a capacidade empreendedora de sua esposa, contando com ela, em condições de paridade, no processo de estruturação e condução da Fundação.

De fato, percebemos que a capacidade empreendedora de Dona Aparecida Rebelo Novelino era ímpar, fazendo-se notar em várias atividades comunitárias pelas cidades pelas quais ela passou.

Considerada a influência de dona Anália Franco na vida de Tomás Novelino, devemos retomar a sua trajetória de vida. Aos doze anos, foi retirado daquele internato e retornou para Delfinópolis para dali ser levado aos catorze anos, à cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, onde um jovem mestre espírita chamado Eurípedes Barsanulfo mantinha uma escola denominada Colégio Allan Kardec cujos alicerces pedagógicos eram bastante diferenciados: em uma época em

que as crianças eram apartadas por gênero nas instituições escolares, na escola de Eurípedes, as classes eram mistas e a convivência entre meninos e meninas era a regra; castigos e prêmios foram substituídos pelo diálogo, pelo fortalecimento moral e pelo incentivo; as avaliações eram cotidianas e parte natural do processo ensino-aprendizagem; a teoria era seguida pela prática, pela experimentação e pela observação; os alunos do colégio acompanhavam Eurípedes Barsanulfo nas várias atividades assistenciais que o mesmo desempenhava junto à comunidade; os exames finais eram uma época de festa naquela Instituição

Havia boletins mensais, mas com conceitos, para acompanhar o aproveitamento do aluno. Depois, no final de ano, eram feitos os exames gerais que, entretanto, ainda segundo Dr. Tomás, “não tinham efeito para transposição ou aprovação”. Os alunos mudavam de um período para outro de acordo com a observação dos professores. Na verdade, os exames finais eram uma festança, a que pais e amigos eram convidados a participar. Promovia-se uma discussão ampla com os alunos sobre os temas estudados durante o ano e a própria assistência participava com perguntas e apartes. Essa atividade final, conjugada com a apresentação de uma peça de teatro pelos alunos, representava o resultado de sucessivos debates durante o ano. Eurípedes desenvolvia a eloquência e a argumentação lógica, convocando os discípulos a debates semanais (geralmente entre um menino e uma menina), em que cada qual devia propor questões ao outro, para desafiar a réplica. A racionalidade dos argumentos era altamente enfatizada. (INCONTRI, 2001, p. 216).

Na imagem que se segue, pode-se ter visualizar o prédio onde funcionava o Colégio Allan Kardec.



FIGURA 1 - Colégio Allan Kardec, em Sacramento (MG)

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Eurípedes Barsanulfo se tornou, para Tomás Novelino, uma referência para a vida inteira: o amor pela educação libertária – nos moldes espíritas –, pela astronomia, pela medicina, pela homeopatia, pelo espiritismo e mais uma vez, o respeito pelo intelecto feminino, desabrocharam e se consolidaram a partir dessa época.

A pandemia de Gripe Espanhola (1918-1919) que assolou vários países do mundo, dentre eles, o Brasil, fazendo milhões de vítimas, provocou a morte de pelo menos duas pessoas significativas para Novelino: Eurípedes Barsanulfo, em novembro de 1918 e Anália Franco em janeiro de 1919.

A morte de Eurípedes encerrou uma experiência educacional que era descrita por Novelino como sendo a dos três anos mais felizes em sua vida. Assim, a continuidade de sua formação se deu na cidade mineira de Muzambinho, cujo Lyceu de Muzambinho, fundado em 1901, tinha equivalência com o Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro. Essa posição educacional do Lyceu garantiu a Novelino as condições legais para que pudesse concorrer a uma vaga para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha. Relembrava-se Novelino em entrevista concedida ao jornalista Ismael Gobi (2000) para a Folha Espírita:

Em 1916, fui estudar com o Sr. Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento, e lá permaneci até 1918, quando ele desencarnou. Naquele ano, fui internado no Colégio de Muzambinho, em Minas Gerais, que era chamada de "Atenas brasileira", porque seus certificados tinham validade para a banca do Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro. Tirei lá os preparatórios de Medicina. De 1919 para 1920, me matriculei na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, onde fiquei por sete anos.

A imponente construção da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, que não mais existe, constituiu-se no próximo passo do estudante.



FIGURA 2 - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Praia Vermelha [1918]

Fonte: Lima (2008, p. 77).

Entre o final de 1919 e o começo de 1920, Tomás Novelino iniciou os seus estudos que se estenderiam até o ano de 1928. Lembremo-nos de que esse foi um dos períodos mais conturbados e, ao mesmo tempo, transformadores da República Velha. Ao se referir a esse período, Paschoal Lemme (2005, p. 166-167), ativo participante nas lutas pela reforma da instrução pública, assim se manifestou ao analisar o movimento de modernização da educação e do ensino no Brasil desencadeado a partir da segunda década do século XX:

[...] transformações econômicas, políticas e sociais que vinham em gestação, desde fins do século 19 e, mais precisamente, com o advento da República, começaram a se manifestar com maior intensidade a partir dos anos 20. E, 1922, a mocidade militar, especialmente do Exército, o setor mais numeroso e atuante das forças armadas, rebela-se contra o predomínio das oligarquias agrárias que dominavam a política [...]. Por essa mesma época, os meios culturais brasileiros eram também abalados por acontecimentos muito importantes e que se concretizaram especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo com a chamada “Semana de Arte Moderna”. Influenciada a princípio pelas novas correntes que se formaram na Europa do pós-guerra, nos campos das artes plásticas, na literatura e na música, conhecidas como o surrealismo, o futurismo, o dadaísmo, etc., adquiriu entre nós um poderoso caráter nacionalista que pregava nosso rompimento com os modelos europeus que então dominavam nossas manifestações artísticas. Impelia-nos, além disso, a nos voltar para as coisas de nosso País, para as características de nossa terra e de nossa gente, nossos costumes e realidades, que até então desprezávamos e desconhecíamos completamente. [...]. Essa ânsia de transformações que agitava o País, não podia deixar de repercutir intensamente nos setores de educação e do ensino, ou seja, da transmissão da cultura. Os educadores brasileiros, por seus elementos mais progressistas, em breve, estavam também engajados na crítica à nossa precária “organização” escolar e aos nossos atrasados métodos e processos de ensino. E como resultado dessas preocupações, abriu-se o ciclo das reformas de educação e ensino.

Novelino se viu, portanto, no epicentro dos movimentos transformadores que eclodiam no Brasil. Principalmente, no que se refere à educação, homens considerados sábios, como Miguel Couto e Afrânio Peixoto, tinham influência direta sobre o estudante, pois eram seus professores na Faculdade de Medicina.

Era grande a admiração que Novelino nutria pelo Prof. Dr. Miguel de Oliveira Couto, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Além de titular de três cátedras naquela faculdade, esse professor foi acolhido como membro da Academia Brasileira de Letras em 1916. Sempre que se referia a esse mestre, Novelino o fazia com grande respeito. O jovem estudante esteve presente, em 1927, na solenidade ocorrida na Associação Brasileira de Educação (ABE), que havia sido criada em 1924. Naquela circunstância, o Prof. Dr. Miguel Couto fora homenageado com o título de Presidente Honorário daquela associação. Na ocasião, proferiu um discurso intitulado: No Brasil só existe um problema: a educação do povo; o qual se tornaria, desde então, o lema da ABE. Sobre esse mestre, assim Novelino se expressa:

O Professor Miguel Couto era um ídolo no Rio de Janeiro, um coração bondoso e, a bem da verdade, até amigo dos espíritas. No ano em que eu saí da Escola, ele fez uma palestra no Rio de Janeiro, na qual a afluência de público foi espantosa para ver e ouvir aquele expoente da medicina. O tema era sobre educação, e ele afirmava: "No Brasil só existe um problema: a educação do povo". Iniciou a palestra falando que no norte da Europa havia um convento em que os monges se cumprimentavam pela manhã proferindo as seguintes palavras: "Pensai na morte, irmãos". E o Professor Miguel Couto, parodiando-os, sentenciava: "Pensai na educação, brasileiros...". Essa postura do Dr. Miguel Couto, extremamente preocupado com a educação, me marcou profundamente. (GOBI, 2000, online).

De fato, a fala do professor em prol da educação parece ter alcançado grande impacto. A ata referente à 35ª. Sessão do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (1927, grifo nosso) menciona “[...] *um officio da Associação Commercial do Rio de Janeiro felicitando a ABE pela brilhante conferência do prof. Miguel Couto*”, bem como faz referência à leitura feita pelo secretário da ABE sobre o “Jornal do Commercio” confirmar ter o Presidente da República autorizado a publicação do discurso na íntegra pela Imprensa Nacional com o objetivo de distribuí-lo gratuitamente à população.

Lemme (2005, p. 169), ao refletir sobre a importância da ABE, assim se posiciona:

A Associação Brasileira de Educação (ABE), onde se congregaram os educadores brasileiros mais eminentes e atuantes, desde sua Fundação, em 1924, assumiu a liderança de todos esses movimentos de renovação da educação e do ensino no País, apoiando- os e promovendo a realização de palestras, debates, cursos e conferências, convocando para isso autoridades e especialistas, nacionais e estrangeiros. E, a partir de 1927, iniciou a série de conferências nacionais, em várias das capitais dos estados brasileiros, onde eram debatidos os mais importantes problemas referentes à educação, ao ensino e à cultura do País. As atividades promovidas pela ABE foram de tal importância que se pode afirmar, sem exagero, que ninguém conseguirá escrever a história da educação do Brasil sem compulsar, pelo menos, as atas dessa agremiação e os anais das referidas conferências nacionais de educação.

Ao longo de sua vida, sempre que chamado a falar sobre a educação, esse pronunciamento do Prof. Dr. Miguel Couto era lembrado por Tomás Novelino no intuito de ilustrar seu próprio posicionamento em defesa da mesma.

Como anteriormente citado, o Prof. Dr. Afrânio Peixoto que, em época anterior aos estudos de Novelino, assumira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a cátedra de medicina legal e, posteriormente, o cargo de professor extraordinário, era largamente conhecido por sua intelectualidade. Venâncio Filho (2007, p. 23), ao se referir a essas múltiplas facetas, assim o descreve:

[...] na multiplicidade dos aspectos que apresenta a personalidade de Afrânio Peixoto, o que domina é o de educador. No homem de letras como no de ciências, no higienista como no médico legista como no parlamentar, no ensaísta como no professor, no homem de sociedade como no amigo, Afrânio Peixoto é antes de tudo o educador. Educou-se para educar, e ninguém no seu tempo o excedeu nesse nobre mister.

Parece-nos, portanto, que Tomás Novelino foi diretamente marcado pelo momento histórico vivido pela educação brasileira enquanto viveu na Capital Federal. O seu interesse pessoal em assistir à palestra de Miguel Couto na ABE, em 1927; a menção do nome Afrânio Peixoto após quase seis décadas do contato com o professor, mostra que Novelino tinha consciência da importância de ambos para a educação brasileira.

Em março de 1932, a imprensa não especializada trazia a público um forte posicionamento da ABE frente aos rumos esperados para a educação nacional e para as políticas públicas educacionais. Intitulado *Manifesto dos Pioneiros da*

Educação Nova e dirigido ao povo e ao governo essa proposta de reconstrução educacional no Brasil, esse importante documento trazia dentre os seus signatários Afrânio Peixoto. Era uma resposta à sugestão do chefe do Governo Provisório Getúlio Vargas quando da quarta conferência nacional promovida pela ABE, no Rio de Janeiro em dezembro 1931

[...] tendo como tema geral: *As grandes diretrizes da educação popular*. O chefe do Governo Revolucionário Provisório – Getúlio Vargas –, especialmente convidado, instalou os trabalhos da conferência e, em memorável discurso, disse aos educadores presentes que os considerava convocados para encontrarem uma “fórmula feliz” com a qual fosse definido o que ele denominou de “o sentido pedagógico” da Revolução de 1930, que o Governo se comprometia a adotar na obra em que estava empenhado de reconstrução do País. (LEMME, 2005, p. 171, grifo nosso).

Entretanto, nesse momento de sua vida, Novelino já não mais se encontrava na Capital Federal, pois após sua formatura, mudou-se para a cidade de Ibiraci (MG) onde viveu por cerca de cinco meses até se transferir para Monte Sião (MG) para ali clinicar até 1934. Foi quando um episódio clínico envolvendo um ex-colega de faculdade que apresentou problemas psiquiátricos trouxe-o a Franca (SP), cidade na qual se instalaria por toda a sua vida.

Podemos supor que, pela sua natureza dinâmica e atuante do ponto de vista religioso e humanitário, Novelino não ficaria alheio e isento dos reflexos dos importantes acontecimentos que eclodiam na então capital federal. Sabemos que para lá retornou pelo menos mais uma vez, pois essa informação permeia texto escrito por sua esposa: “Estivéramos, meu marido, minhas filhas e eu, durante todo o mês no Rio de Janeiro, onde Novelino fizera um curso de cirurgia. [...] Era 1944.” (XAVIER, 1982, p. 92). Certamente, a presença do casal naquela cidade, em plena Segunda Guerra Mundial, não os deixou incólumes ao sentimento libertário que assolava o Brasil.

Adiante, tomaremos contato com o homem maduro, síntese de suas vivências e crenças. Nas palavras de Incontri (2001, p. 237)

Novelino foi homem ativo e polivalente. Médico cirurgião, médico homeopata, astrônomo amador, construtor, fundador e diretor de escolas, jardineiro de rosas e de orquídeas, fabricante de sapatos para exportação, orador eloquente e, acima de tudo, educador. Mas direcionou todos os seus talentos para a causa da educação espírita, juntamente com a esposa. Construiu um império, mas não para si mesmo. Trabalhou intensamente, mas não pela ambição pessoal de lucro e poder. Morreu como um homem

simples e sem grandes posses, aos 99 anos de idade, lúcido e com memória prodigiosa, falando ainda com o mesmo entusiasmo juvenil de seus mestres espirituais, Eurípedes e Anália, Pestalozzi e Kardec.

Essa amplitude de habilidades de Novelino se refletirá na trajetória da Fundação Educandário Pestalozzi. Antes, é dela indissociável, como o será a presença de Maria Aparecida Rebelo Novelino cuja trajetória de vida cremos ser imprescindível conhecer nesse momento em que pretendemos ter nas mãos o máximo de facetas que nos permitam compreender nosso objeto de estudo.

1.2 A trajetória de Maria Aparecida Rebelo Novelino

Dona Aparecida Novelino, como era conhecida, nasceu na cidade de Cravinhos, no estado de São Paulo, em 1914, sob o nome de Maria Aparecida de Mello Rebello, filha de Constantino Rebello e dona Antonina de Mello Rebello. Viveu a maior parte de sua vida de solteira na cidade de Ribeirão Preto (SP), onde se formou professora em 1932.

Nascida em família católica, conheceu o espiritismo e se aproximou dessa religião ainda na adolescência, tornando pública sua opção em abril de 1932:

A Jovem senhorita Aparecida Rebello, há tempos vinha se interessando pela fenomenologia mediúnica, estudando as obras de Kardec e de outros autores, e assim, em cada dia, mais vinha se convencendo da realidade da Filosofia Espírita. Inteligente, sincera e idealista, muito embora pertencente à tradicional família católica, não teve dúvidas em abraçar os ensinamentos Kardequianos. E para mostrar a sua nova fé, fez sua pública profissão de fé no Espiritismo. O nosso orientador Gustavo Marcondes preparou esse evento, que teve lugar no Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo, em noite festiva, com todas as suas dependências lotadas, onde a jovem professora fez uso da palavra, emitindo conceitos elevados que encantaram a todos os presentes, e ganhando assim a nova Associação mais uma grande colaboradora. (PAPA, 1989, p. 14).

A relevância desse fato se explica por pelo menos dois aspectos: inicialmente pelo primeiro contato entre D. Aparecida e o seu futuro esposo, Tomás Novelino ter-se dado no meio espírita. E, segundo, refere-se à presença articuladora do senhor Gustavo Marcondes em torno do qual militava boa parte da mocidade espírita de Ribeirão Preto e região.

Segundo a biografia disponibilizada pelo Centro Espírita Allan Kardec por ele fundado em Campinas (SP), Marcondes migrou do Paraná para o Estado de São Paulo em 1923 ao ingressar no Banco do Brasil, assumindo seu posto na cidade de Franca (SP), nessa época era ainda um iniciante no espiritismo. Atuou como voluntário colaborador na Casa de Saúde Allan Kardec, Instituição pertencente à Fundação Allan Kardec, que se ocupava da saúde psíquica dos mais carentes, bem como se ocupou de várias atividades na Casa Espírita Esperança e Fé. Já casado, foi transferido para a cidade de Ribeirão Preto (SP) em 1926, onde se tornaria importante personagem do movimento espírita.

Como parte dessa atuação, fundou, em 1928 a Escola e Biblioteca dos Pobres, uma entidade voltada para a educação, que atendia a população carente ministrando o curso de jardim da infância, curso primário e cursos noturnos para adultos, especialmente o Curso Prático de Comércio, com todos pagando contribuição mínima.

A jovem Aparecida Rebello participou, como voluntária, desse movimento, atuando na Escola e Biblioteca dos Pobres, podemos identificá-la junto às crianças em foto de 1933, reproduzida a seguir.



FIGURA 3 - Aparecida junto às crianças na Escola e Biblioteca dos Pobres em 1933

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebello Novelino

Em palestra proferida pelo filho do casal, Dr. Cleber Rebelo Novelino na cidade de Santos (SP), sobre o trabalho educacional do casal Novelino, assim se reportou o palestrante a esse momento na vida de sua mãe: “Aparecida apaixonou-se pela escola e se ofereceu para ajudá-la, começando imediatamente. Por um ano e meio aí lecionou gratuitamente.” (informação verbal)⁴. Em sua fala, ele nos traz a própria opinião da jovem professora pelo trabalho que desempenhava:

Com ele [Marcondes] aprendi muita coisa, desde olhar para o alto e amar as estrelas e voltar a colocar os pés na terra em benefício dos semelhantes. Afirmou-me também que o problema do espiritismo é a educação do povo, e meus olhos, desde então se voltaram para o serviço assistencial, com base na escola.

Foi como convidada do senhor Gustavo Marcondes que a jovem Aparecida foi a um centro espírita em Ribeirão Preto para ouvir o orador daquele dia, Tomás Novelino, um médico residente em Franca. Perceberam ter muito em comum e, após um ano de namoro e noivado, em junho de 1936, casaram-se e vieram residir em Franca (SP).



FIGURA 4 - Aparecida, por ocasião de seu noivado

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Nessa ocasião, Marcondes já havia sido transferido pelo Banco do Brasil para a cidade de Campinas (SP), onde fundou o Centro Espírita Allan Kardec

⁴ Palestra “Eurípedes Barsanulfo e o casal Novelino” proferida durante o 1º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita, realizado na cidade de Santos/SP no período de 10 a 12 de junho de 2004.

e posteriormente, como departamento dessa Instituição, o Instituto Popular Humberto de Campos. Por volta de 1949-1950, mais um departamento se somaria ao trabalho realizado, a Casa dos Meninos, um internato para jovens de 14 a 18 anos, que ali recebiam alimento, moradia e educação.

Sabemos que as iniciativas educacionais e assistenciais de Gustavo Marcondes despertavam o interesse de D. Aparecida desde a época dos serviços por ela prestados à Escola e Biblioteca dos Pobres. Estamos falando de uma época em que havia um grande fomento ao movimento espírita no interior do estado de São Paulo; assim, ao longo do tempo, esses personagens se encontravam em várias ocasiões doutrinárias e trocavam ideias e impressões entre si sobre as atividades que realizavam. Na década de 1960, de uma conversa entre D. Aparecida e Marcondes, nasceria a ideia para a criação do modelo assistencial, por ela denominado lar-escola que, até os dias de hoje, é adotado pela Fundação Educandário Pestalozzi.

Já residindo em Franca, Aparecida se ocupou de seu trabalho como professora da Escola Estadual Coronel Francisco Martins, enquanto atuava no movimento espírita da cidade. Vamos encontrar menção ao seu trabalho no Almanaque Histórico de Franca (1943, p. 3, grifo nosso). Em artigo referente à criação do Centro Municipal da Legião Brasileira de Assistência de Franca (LBA), a professora Aparecida é citada como *“[...] elemento de sobejo conhecido na imprensa local, onde se abriga na modéstia do pseudônimo, é também uma dedicada servidora da L.B.A.”*

Não conseguimos, a despeito das tentativas que foram feitas, descobrir qual era o pseudônimo por ela usado ao escrever para a imprensa local. Assim, nesse sentido, essa pesquisa fica prejudicada, pois muito poderíamos descobrir sobre seu pensamento e atuação municipal. Entretanto, na LBA de Franca, coube-lhe compor a primeira diretoria, junto à qual ocupou a chefia do departamento de propaganda, cujo serviço, segundo o referido Almanaque (1943, p. 3, grifo nosso): *“[...] é feito através de crônicas e notas sobre a mesma nos jornais locais e também por intermédio da emissora PRB5, diariamente, da 9 horas e meia às 9 e 45 minutos.”*

Também Novelino, na condição de médico, assumiu o Departamento de Saúde, ministrando, ao lado de vários outros médicos da cidade, o Curso de Enfermagem que objetivava preparar as enfermeiras locais tanto para atenderem às

famílias dos francanos convocados para a Segunda Guerra Mundial, como também, se ocorresse um ataque direto das forças do Eixo ao município, acudirem à população de modo geral.

Para nós, fica claro que o casal atuava unido seja no movimento espírita, seja em circunstâncias sociais. Essa afinidade de ideais foi essencial para que conseguissem concretizar suas intenções relativas à Fundação Educandário Pestalozzi.

Além disso, inegavelmente, mais uma vez, a conjuntura mundial, nacional e local se entrelaçou à vida pessoal do casal, impulsionando-o a dar início ao seu trabalho educacional no ano de 1944.

Conhecendo um pouco sobre Tomás Novelino e Aparecida, podemos nos lançar ao objeto principal desse trabalho: a Fundação Educandário Pestalozzi, mais especificamente, seus lares-escola. Através desse recorte, pensamos que os pontos essenciais dessa Instituição poderão ser conhecidos, mas não temos a pretensão de esgotar o assunto, pois o mesmo pode ser objeto para vários outros estudos a partir do enfoque que se enseje, pela sua dimensão e riqueza social, educacional ou econômica.

1.3 O início das atividades educacionais da Escola Pestalozzi e da Fundação Educandário Pestalozzi

Sobre o início das atividades da Escola Pestalozzi, revela-nos o próprio Novelino:

Quando me casei, a minha companheira era formada professora e já tinha essa ideia que também era a minha. E esse ideal ganhou corpo quando nos deparamos com a intolerância religiosa, aqui em Franca, envolvendo alguns estudantes espíritas de Rifaina. Na cidade, havia o tal Alburitel, que depois de sair do seminário, fundou uma escola no centro da cidade, num sobrado, que tinha retratos de santos por toda parte. E ele queria, a todo custo, submeter aqueles estudantes espíritas aos ensinamentos religiosos da igreja católica, que ali na sua escola eram obrigatórios. Então, se levantou em defesa daqueles estudantes, a Maçonaria, que se associou a nós. Fundamos, no dia 1º de agosto de 1944, uma escolinha onde funcionavam os cursos pré-primário, alfabetização de adultos e admissão ao antigo ginásio. (GOBI, 2000, p. 3).

Também Aparecida ao se referir ao ano de 1944, quando de viagem à cidade Pedro Leopoldo (MG) na qual objetivava conhecer o médium Francisco Xavier:

Naquela época o “Pestalozzi” para nós ainda estava na área do sonho, pois a primeira escolinha – “Escola Pestalozzi” - só se iniciou em agosto desse mesmo ano, 1944, e a Fundação em maio de 45. E quantas lutas sofremos! Mas Deus sabe que nunca pensamos em desistir! (XAVIER, 1982, p. 92).

Os anúncios veiculados em jornal, apresentados a seguir (Figuras 5 e 6), nos dizem um pouco sobre esse primeiro momento:

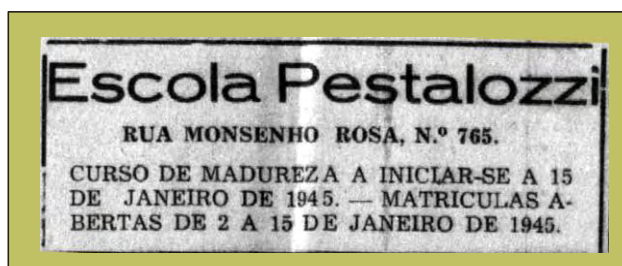


FIGURA 5 - Propaganda da Escola Pestalozzi em jornal francano

Fonte: Jornal Diário da Tarde (30 dez. 1944, p.1).



FIGURA 6 - Propaganda da Escola Pestalozzi em jornal francano

Fonte: Jornal Diário da Tarde (11 set. 1945)

Se inicialmente nos parece que a preocupação primeira (Figura 5) foi a de atender aos adultos, disponibilizando-lhes o curso de madureza correspondente aos atuais cursos supletivos e Educação de Jovens e Adultos (EJA), ao

observarmos o anúncio de setembro de 1945 (Figura 6), compreendemos que as atividades eram estendidas também às crianças e àqueles que buscavam se preparar para os exames de admissão.

Entretanto, a preocupação da nova escola com a alfabetização de adultos é fato que chama a atenção. Leôncio Soares e Ana Maria Galvão (2008, p. 266) afirmam que

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo e a volta da democracia no país, ganham novamente impulso as iniciativas oficiais de alfabetização de adultos. A Lei Orgânica do Ensino primário, de 1946, já prevê o ensino supletivo, mas é em 1947 que o governo brasileiro lança, pela primeira vez, uma campanha de âmbito nacional visando alfabetizar a população.

Parece-nos que, desde os tempos primeiros da escola, seus fundadores conseguiam analisar as deficiências educacionais do sistema brasileiro e eleger espaços de atuação que dessem um significado mais profundo ao trabalho proposto. Trabalho esse, sabidamente fundamentado nos princípios espíritas, notadamente naqueles humanitários, mas também, a nosso ver, influenciado pelas vanguardas do pensamento liberal e democrático do pós-guerra.

Em 1945, Dr. Tomás Novelino comprou uma chácara de dois alqueires na cidade de Franca (SP). A localização era privilegiada: em área urbana, servida de água, luz e rede de esgotos. O negócio consumiu a importância de 74 mil cruzeiros, pagas com recursos do próprio médico.

Tratava-se então, de dar maior consistência ao trabalho pretendido, assim em 20 de maio de 1945, a entidade adquiriu personalidade jurídica passando a ser denominada Fundação Educandário Pestalozzi.

A pedra fundamental do futuro prédio foi lançada em 13/01/1946, em um domingo, para que todos os colaboradores pudessem presenciar. A ocasião foi especialmente escolhida porque, no dia anterior, comemorara-se o bicentenário do nascimento do educador J. H. Pestalozzi, que emprestou seu nome à nova Instituição. Em discurso preparado para aquele momento, D. Aparecida fez sólidas referências ao trabalho e ideias de Pestalozzi, assim como o relacionou a dois discípulos: Hippolyte-Léon-Denizard Rivail (Allan Kardec), que se tornou conhecido por fundar o Espiritismo e Fröebel, reconhecido pelos seus jardins da infância. (NOVELINO; NOVELINO, 2001, p. 161).

A nova Instituição surgia permeada por referências à liberdade, próprias do clima que reinava no país após a Segunda Guerra Mundial. Estão entre as convicções de Aparecida que

O Educandário Pestalozzi primará por ser livre e fazer homens e mulheres livres, criaturas ciosas de sua liberdade, amantes do bem, do trabalho, da atividade, da evolução e não seres modorrentos que, muito embora consigam às vezes grande cultura, a tragam simplesmente acumulada na memória [...] . O Educandário porfiará por lapidar em seus alunos intelecto e coração, aprimorando-lhes razão e sentimento (NOVELINO; NOVELINO, 2001, p. 163).

O caráter democrático também se faz notar na adoção do modelo de Fundação para a sua constituição jurídica. Embora tenham sido os idealizadores do trabalho, muitas pessoas da comunidade abraçaram aquele ideal. Manter a entidade pública era o reconhecimento desse esforço coletivo.

A Lei n.º 3.071 de 1.º de janeiro de 1916, que regia o processo de constituição das fundações, em sua seção IV, artigo 24, estabelecia que “Para criar uma Fundação, far-lhe-á o seu instituidor, por escritura pública ou testamento, dotação especial de bens livres, especificando o fim a que se destina, e declarando, se quiser, a maneira de administrá-la.” Na sequência, em seu artigo 27, a mesma Lei determina que os instituidores da Fundação deverão formular logo, de acordo com as suas bases, os estatutos da entidade projetada. (BRASIL, 1916, online).

Quanto ao disposto no art. 24, o Cartório do Registro geral de Hipotecas e Anexos, da cidade de Franca (SP), dá fé que a certificação jurídica encontra-se registrada no Livro “A”, folha 39, sob o número de ordem 66 e que se encontra em pleno vigor. Já quanto aos estatutos sociais, a versão mais antiga que localizamos data do ano de 1963, entretanto, em sua folha 3, é feita menção aos estatutos de 27 de maio de 1945, os primeiros da Instituição. (CARTÓRIO DO REGISTRO GERAL DE HIPOTECAS E ANEXOS, 1975).

Na versão que pudemos examinar, no capítulo I, da denominação, sede, fins e duração - Art. 1.º, tomamos conhecimento que, em relação aos seus fins, (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1972a, [p. 1])

A Fundação Educandário Pestalozzi, com sede nesta cidade, na Rua José Marques Garcia, n.º 1, que tem por fim contribuir para a Educação do povo, ministrando ensino pré-primário, primário, secundário, Técnico Comercial, Profissional e outros cursos que julgar conveniente criar, norteando-se pela Religião Espírita-Cristã, conforme a codificação da doutrina de Allan Kardec,

podendo a Instituição organizar indústria e comércio, para a manutenção de suas finalidades, sendo que atualmente já mantém uma indústria de calçados, Comércio de materiais para Construção, Livraria e Marcenaria, podendo abrir outros ramos que achar conveniente, podendo ainda, exportar e importar, bem como fazer parte de sociedades comerciais organizadas para fins de exportação.

E ainda em seu Art. 2 º., quando considera o público ao qual pretende atender, delibera que não visará

[...] a fins econômicos pela educação dos candidatos; os educandos de melhor recurso financeiro pagarão mensalidades ou anuidade módicas com o fito de manter o nível material do Educandário, facilitando a frequência gratuita de alunos pobres, estando neste sentido a Instituição considerada obra de assistência social [...]. (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1972a, [p. 1]).

Analisemos a redação desses dois artigos. Faz-se bastante claro que o objetivo primeiro da Instituição é a educação, por isso não podemos nos descuidar de dois pontos bastante relevantes: primeiro a preocupação com o atendimento educacional da população de forma mais ampla levando a escolaridade às camadas mais pobres da sociedade e, a seguir, a disposição de fazê-lo de forma subvencionada ou até mesmo gratuita, tentando, de fato, dar ao povo a oportunidade de instruir-se.

Para colocar esses objetivos em prática, segundo Oliveira (1998, p. 4), foi organizada uma sociedade civil, por cotas, com a colaboração de pessoas de Franca e de outras localidades. A rifa de um automóvel permitiu a arrecadação de Cr\$ 350.000,00, além de outros recursos advindos de quermesses e promoções variadas. Dois anos após a compra do terreno, adquiriu-se a madeira e o material para a construção que permitiram o início da obra. Esses recursos, na realidade, não foram suficientes. O casal Novelino vendeu bens que dispunham e, por fim, a sua própria casa de morada, para dar continuidade à construção.



FIGURA 7 - Novelino, uma visitante e Aparecida, ao lado da obra iniciada

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Eram constantes as notícias locais sobre a construção do Educandário Pestalozzi. Tão logo foi anunciado o propósito da construção, o Jornal Comércio da Franca de 07 de outubro de 1945, trazia, sob a manchete “Uma obra de esforço particular”, informações de que o edifício destinado ao novo ginásio seria construído no puro estilo colonial, com linhas sóbrias e elegantes, tendo todos os requisitos pedagógicos e higiênicos modernos.

Vários anos depois, o arquiteto francano Ivo Indiano (OLIVEIRA, 1998) analisaria a composição arquitetônica daquele prédio e concluiria que, na realidade não se pode dizer que há um estilo arquitetônico específico, mas sim uma mistura de elementos que se tornou muito comum depois da década de 1930 quando surgiram, no Brasil, empresas especializadas em elementos pré-fabricados tais como ornamentos para serem sobrepostos às janelas, ou balaústres, por exemplo. Esses elementos foram usados com muito bom gosto, transformando a construção em um marco na cidade de Franca.



FIGURA 8 - Vista parcial da construção – lado direito (1951)

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Ainda sobre o assunto, o arquiteto compara o prédio da escola aos mosteiros medievais, estabelecendo uma reflexão filosófica nessa contraposição: os mosteiros, fechados, com suas estruturas convergindo para um jardim interno, são uma chamada à reflexão e à introspecção. O prédio do Pestalozzi, sóbrio, voltado para jardins internos, também induz à reflexão. Porém, em um ponto se distinguem: a escola, construída em E, abre-se para o horizonte e projeta o sujeito para o mundo.

Na figura 9, apresentamos um aspecto dessa parte física. O corredor que ali aparece, para o qual se abrem as portas das salas de aula é separado, por jardins, de uma construção que fica ao meio, e que serve para abrigar um amplo anfiteatro; à direita desse, um corredor idêntico ao ilustrado completava a estrutura. Bem ao fundo, em segundo plano no centro da foto, vemos parte do primeiro prédio da Fábrica de Calçados, ainda no terreno da escola.



FIGURA 9 - Vista parcial interna – lado esquerdo

Fonte: Acervo pessoa de Cleber Rebelo Novelino

A construção era ambiciosa, imponente. Essa característica acompanharia a Instituição ao longo de toda a sua trajetória. Entendemos que essa preocupação, em grande parte, vinha de Novelino que, com sua capacidade autodidata era o responsável pela criação dos projetos arquitetônicos da Fundação, muito embora contasse com engenheiros para consolidá-los. Essa preocupação arquitetônica trazia em si as marcas da infância passada no orfanato de Anália. Incontri (2001, p. 234-235) indica que embora Tomás

[...] guardasse intensa admiração pela figura de Anália Franco — referindo-se a ela como “uma mulher virtuosa, íntegra, completa, uma mulher na verdadeira designação do termo” — Tomás Novelino lembrava-se da fome, do frio, das carências de toda espécie, experimentadas durante os anos em que ficou interno.

Assim, o conforto – embora com sobriedade –, instalações adequadas, uma boa infra-estrutura, foram condições buscadas ao longo do tempo: salas amplas, forradas e com assoalhos, bem iluminadas, mobiliário diferenciado, jardins por toda a parte foram planejados e colocados à disposição tanto da educação quanto da assistência social.

A despeito do avanço das obras, o problema financeiro era grave. No momento, após vender os seus bens e aplicar o dinheiro apurado na construção do prédio escolar, o casal Novelino optou por mudar-se para a escola: uma parte da ala da parte administrativa foi adaptada para acolher a família, naquela época composta por Tomás, Aparecida e suas três primeiras filhas. Só bem mais tarde, com a Fundação consolidada, o casal construiu outra casa para si. Dessa forma, os filhos do casal foram criados e alguns, literalmente, nascidos, dentro da escola.

Para agravar o seu quadro econômico, em 1949, assim que o novo prédio já se encontrava em fase adiantada de construção, o curso ginásial passou a funcionar nas novas instalações. Em 1951, a Fundação ampliou os serviços prestados à comunidade, dando início naquele mesmo endereço, a um orfanato misto que chegou a abrigar muitas dezenas de crianças e jovens órfãos.

Esse foi um momento crucial na vida da Fundação uma vez que o desempenho de suas propostas dependeu da busca por soluções para um sério problema: como sustentar uma obra de tal porte uma vez que os próprios estatutos sociais previam a subvenção ou gratuidade dos serviços educacionais? Ou quando havia, além das despesas próprias da escola, aquelas que foram acrescidas pela criação do internato?

Há, na base das reflexões propostas, um direcionamento para uma resposta apontado pelos próprios estatutos: a implantação de atividades comerciais ou industriais cujas rendas permitissem a manutenção do trabalho educacional e assistencial da Fundação. Após os primeiros tempos, sobrevivendo de promoções, doações, do investimento dos próprios salários recebidos por seus cargos em outras instituições, os dirigentes perceberam que era necessária uma solução econômica que permitisse a auto-suficiência.

Ao longo do tempo, desenvolver-se-ia, na entidade, um modelo tríplice composto pela educação, pela assistência e pela indústria de calçados, a partir do qual foram construídas as características ímpares dessa Instituição, que a mantiveram, por décadas, entrelaçada às políticas públicas para as áreas educacional, assistencial e econômica do Brasil.

Para termos os elementos que nos permitam explicitar essas características, voltamos a analisar a opção encontrada pelos fundadores de montar uma fábrica de calçados.

Como se pode imaginar, localização da entidade na cidade de Franca (SP), centro mundialmente conhecido pelo seu calçado, seria determinante para a decisão. Entretanto, eram outros tempos. A indústria de calçados era incipiente e estava atrelada ao momento vivido pelo país.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, e a política econômica de incentivo à industrialização do país que norteou a Era Vargas encontrou, em Franca, fértil espaço para sua concretização. Ao apresentar seus estudos sobre o período compreendido entre 1930-1940, Hercília Coelho (1997, p. 74) assim apresenta suas conclusões:

As rápidas mudanças processadas no país se fizeram sentir ativamente em Franca. A cidade se transforma em um ritmo até então jamais visto. [...] A ideia de progresso parece estar intrinsecamente ligada à vida brasileira a partir dos anos 30-40. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder, com a Revolução de 1930, dá o impulso inicial a um rápido processo de industrialização que é levado a cabo em todo o país. O interior recebe com especial satisfação a chegada do progresso. Aos poucos a riqueza advinda do café foi sendo substituída pela produção das fábricas.

Historicamente, a cidade de Franca está ligada aos tropeiros, aos curtumes e às selarias que produziam equipamentos e paramentos para esses viajantes. Entretanto, o impulso trazido pelo governo Vargas levou ao aparecimento das primeiras indústrias calçadistas de porte significativo. Dentre esses empreendedores, estava o senhor Miguel Sábio de Melo, que havia assumido o cargo de tesoureiro na primeira diretoria da Fundação em 1945. Ao presenciar-lhe as dificuldades, aconselhou o médico-educador a ingressar no ramo calçadista, emprestando-lhe, inclusive alguns equipamentos. A sugestão era que fizesse calçados infantis.

Foi sob o estímulo do companheiro calçadista e a influência trajetória do educador suíço, J.H. Pestalozzi, que em 1955, nasceu uma pequena fábrica denominada Calçado Narizinho.



FIGURA 10 - logomarca da primeira experiência calçadista da FEP

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Sabemos que o francês Hippolyte-Léon-Denizard Rivail (Kardec) estudou na Suíça, no Instituto de Iverdon dirigido por Pestalozzi. Em função disso, por mais de 30 anos, divulgou o método pestalozziano na França através da autoria de várias obras pedagógicas sobre o mesmo (INCONTRI, 1996, p.135). As experiências do educador suíço causavam grande impressão entre os intelectuais espíritas, que estudavam com interesse as suas vivências.

Por isso, a Fundação Educandário Pestalozzi procurou sustentar o internato, aproximando-se da experiência realizada por J.H. Pestalozzi na Fazenda de Neuhoof, Suíça, quando da criação de um instituto para pobres, onde a educação e trabalho deveriam caminhar juntos. Sabe-se que a experiência suíça fracassou. Em Franca, não foi diferente. Dr. Tomás comprou a preço muito baixo uma pequena fabriqueta de calçados, falida, com o combinado de ser ajudado pelos antigos proprietários. Esses, no entanto, abandonaram-no. As crianças aprendizes não tinham o compromisso de operários contratados, nem esse era o objetivo. O próprio Novelino se fez modelista de sapatinhos infantis para tentar salvar a experiência, que, ao final, não deu certo. Assim, em 1961, a proposta calçadista foi reformulada e profissionalizada, dando origem à Fábrica de Calçados Pestalozzi que iria, enfim, prover, economicamente, os projetos educacionais e assistenciais da entidade espírita francana.

A seguir, retomaremos a experiência do internato com o propósito de compreendermos a instalação dos lares-escola. Também a trajetória a fábrica de calçados será retomada, em momento oportuno, para conduzirmos nossas análises.

Por ora, consideramos que os assuntos até aqui abordados, sejam suficientes para conhecermos as bases sobre as quais foi alicerçado o trabalho assistencial e educacional da Fundação Educandário Pestalozzi.

CAPÍTULO 2 AS ORIGENS E CARACTERÍSTICAS DOS LARES-ESCOLA DA FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI

2.1 Um breve histórico do internato e de como o trabalho assistencial foi encaminhado

Recordemo-nos de que, em 1951, o trabalho sócio-educacional da FEP foi acrescido de um internato que buscava se espelhar no exemplo pestalozziano de Neuhof, na Suíça. Era o começo de um trabalho que perdura há mais de meio século. Não encontramos, em nossa pesquisa documental, nada que indicasse o número de crianças e jovens assistidos nesse período. Incontri (2001, p. 239), quando se reporta a essa experiência, fala em aproximadamente 100 crianças e adolescentes. Entretanto, em entrevistas que fizemos com alunos egressos do internato, ouvimos que o número girava em torno de umas quatro ou cinco dezenas, de ambos os sexos.

Eram crianças e jovens pobres de outras cidades, normalmente órfãos, que demonstravam alguma predisposição para os estudos. Vindo para o internato teriam condições para realizarem isso em Franca, recebendo abrigo, alimentação e os estudos formais, tudo dentro da própria Fundação.

Duas de nossas entrevistadas, irmãs, explicaram como chegaram ao internato. Contaram-nos que o pai, lavrador, que já fora paciente do Dr. Novelino no Hospital Allan Kardec, procurou por aquele médico e pediu-lhe que fosse até a sua casa, localizada na zona rural de cidade vizinha, para examinar-lhe uma filha que se encontrava bastante doente. Lá chegando, o médico presenciou a grande miséria na qual a família se encontrava. Ciente das dificuldades, contou aos pais que estava abrindo um internato em Franca e perguntou-lhes se tinham interesse em encaminhar algum de seus filhos. Só dessa família, foram quatro as crianças admitidas no Educandário.

Contam com naturalidade as suas atividades: a escola, as horas dedicadas à tentativa de aprenderem um ofício, as aulas de música com vistas à formação de uma banda musical e a convivência com os filhos do casal Novelino, que eram criados junto com as crianças do internato.

Esse momento da experiência francana, além de nos reportar ao trabalho do educador Pestalozzi, também nos levou a comparações diretas com as atividades de Anália Franco que mantinha, em sua Instituição, uma banda musical feminina da qual chegaram a participar as duas irmãs mais velhas de Novelino. Ele próprio reconhecia essa interação. Aos 90 anos, refletindo sobre as várias influências que recebeu ao longo da vida assim se expressou:

Há uma correlação estreitíssima entre os métodos de Pestalozzi, os métodos de dona Anália e os métodos de Eurípedes Barsanulfo. [...] Educar, como dizia Pestalozzi, é o desenvolvimento harmonioso dos poderes anímicos do ser. É a educação integral. Poderes anímicos são poderes do espírito, portanto não é uma educação materialista. A educação de Eurípedes, Anália Franco e Pestalozzi tem cunho espiritualista, com o desenvolvimento integral da criatura. Desenvolvimento da inteligência, educação da vontade, do sentimento. A cultura do sentimento do bem e do amor. Essa era a escola de Pestalozzi, essa era a escola de Anália Franco, essa era a escola de Eurípedes Barsanulfo. [...] Foi nesse ambiente que vivemos, sentimos e formamos a nossa vida. Por isso, temos uma dívida muito grande de gratidão e reconhecimento para com esses preceptores, instrutores, orientadores. (INCONTRI, 2001, p. 235).

A banda musical das crianças do internato francano era mista e fez a sua estreia no dia 22 de novembro de 1959, na reunião de encerramento das atividades da Associação de Pais e Mestres do Educandário Pestalozzi que havia sido criada naquele mesmo ano. Em ata lavrada pela senhora Antonieta Ferraz, à p. 9, consta que, logo após a parte prática da reunião,

[...] anunciou o Sr. Diretor o início da parte musical que foi executada pelo Conjunto Orquestral e pela Banda de Música composta esta por meninos e meninas abrigados no Educandário. A banda, embora fosse a primeira vez que se apresentasse em público, agradou extraordinariamente aos ouvintes e, a pedido desses vários números foram bisados. (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1959-1964).

Internos desse período fazem referência a viagens que fizeram com a Banda Musical, uma delas à terra natal de Novelino, Delfinópolis (MG), onde as crianças permaneceram um mês de janeiro inteiro, participando de muitas festividades, tocando inclusive a convite do padre local. Consideramos essa menção de integração religiosa bastante significativa por demonstrar que a Instituição buscava colocar em prática os preceitos de liberdade de crença religiosa que motivaram a sua criação.

Na imagem apresentada a seguir, Dr. Tomás foi retratado à frente da banda musical. Observemos a qualidade dos uniformes, variedade dos instrumentos musicais e a convivência natural entre jovens de ambos os sexos.



FIGURA 11 - Banda Musical das crianças do internato da FEP

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Houve, paralelamente à questão escolar e musical, uma tentativa de preparar as crianças maiores e os adolescentes para o trabalho quando foi feita a experiência de produzir calçados infantis com a marca Narizinho.

A perspectiva da experiência era a de proporcionar aos mais velhos a aprendizagem de um ofício que lhes seria ensinado por adultos voluntários. Os depoimentos que recolhemos, demonstraram que a atividade não era profissionalizada.

Na figura 12 o casal Novelino, ao centro, em plena atividade produtiva. Ao seu lado, dois dos internos aprendizes estão produzindo os calçados infantis.



FIGURA 12 - Casal Novelino em atividade na Calçado Narizinho

Fonte: cena do documentário Fraternidade, a base da evolução/acervo FEP

De modo geral, essa primeira experiência foi um fracasso. A maioria dos rapazes e mocinhas aprendizes não demonstravam um compromisso efetivo com as atividades, desempenhando-as de maneira insatisfatória. Já os adultos instrutores não tinham experiência nem paciência para ensinar a profissão aos jovens internos. Assim, a fábrica de calçados foi profissionalizada e a experiência de associar educação e trabalho, acabou sendo abandonada.

Expõe-nos um dos diretores entrevistados que os problemas no internato eram muitos. Com o passar do tempo, o casal foi percebendo que aquele tipo de experiência assistencial era frustrante. Muitos dos internos já chegavam maiores, com problemas muito sérios e, mais do que isso, estavam desvinculados de suas famílias. Por mais que se fizesse, as dificuldades emocionais eram muito grandes e, às vezes, até insuperáveis, fazendo com que o trabalho – que teve o seu valor – não fosse aquilo que os fundadores almejavam. Mas o que fazer? Como acertar os rumos da proposta sócio-educacional da Instituição? Foi em conversa com Gustavo Marcondes que D. Aparecida encontrou a sua resposta.

Contava-lhe Marcondes sobre os serviços que vinha desenvolvendo em Campinas desde que lá se instalara e fundara o Centro Espírita Allan Kardec, mais especificamente, comentava sobre a escola que ali instalara. Considerava que

[...] as crianças tinham toda assistência; só faltava uma coisa para se tornar ideal, que pudessem ficar todo o dia na escola, onde receberiam de tudo: alimentação, aulas, assistência médico-dentária, educação moral, mas que fossem à tarde para casa, a fim de não perderem o contato com a família. (NOVELINO; NOVELINO, 2001, p. 211).

Aparecida sentiu aquilo como uma abertura, compreendeu, a partir daquele comentário, o que deveria fazer para reestruturar o trabalho assistencial da Fundação. Após concretizar essas mudanças, teve início, em 1963, a primeira creche espírita de Franca.

A Fundação optou utilizar a denominação lar-escola, e não a de creche, para nomear o seu trabalho assistencial.

Quando indagamos a diretores da entidade e aos responsáveis pelas três unidades dos lares-escola sobre o porquê dessa denominação, ouvimos que a palavra creche tinha uma conotação pejorativa naquela época. Nossas pesquisas realmente comprovam essa perspectiva.

A história da assistência às crianças no Brasil quanto à institucionalização aponta para essa direção. Os antigos asilos ou orfanatos foram duramente criticados, desde as últimas décadas do século XIX pelos problemas que apresentavam.

Por isso, para uma melhor análise do porquê D. Aparecida buscou uma denominação diferenciada para a nova fase do trabalho assistencial da Fundação Educandário Pestalozzi, é necessário que busquemos trazer à tona, mesmo que, de forma incipiente, quais foram as marcas deixadas no imaginário brasileiro em relação aos asilos, orfanatos, internatos, creches ou congêneres ao longo dos séculos XIX e XX, principalmente para podermos, posteriormente, contrapor essa visão ao projeto que foi implantado em Franca.

2.2 Subsídios para a compreensão do imaginário popular sobre a institucionalização de crianças no Brasil e a questão da denominação lar-escola

Muitas instituições voltadas para a infância surgiram, desde a época do Brasil Colônia, em torno das conhecidas rodas dos expostos, normalmente anexas às santas casas, como já se tem conhecimento. Esses armários giratórios instalados nos muros dos asilos permitiam que ali fossem depositados, anonimamente, aqueles nascidos de relações consideradas ilícitas, ou as crianças indesejadas, ou ainda as que eram abandonadas por suas famílias devido à miséria. Desde o período

colonial, milhares de enjeitados, como eram popularmente chamados, foram depositados nessas rodas para serem entregues à adoção – se saudáveis – ou para serem criados pelas obras de caridade mantidas em asilos por várias das ordens monásticas da Igreja Católica. Entretanto, a morte era parte do cotidiano desses lugares.

As condições insalubres em que essas crianças viviam submetidas, foram responsáveis por índices de mortalidade infantil muito elevados. Em trabalho apresentado no Congresso Internacional de Higiene em 1878, o Dr. José Maria Teixeira (apud RIZZINI, 2008, p. 112) afirmou que, enquanto nas classes abastadas o índice de mortalidade era de 70 a 80 por 1000 crianças criadas no próprio domicílio, ela variava de 250 a 750 e até 900 por 1000 crianças assistidas e confiadas a amas mercenárias.

Essas amas eram mulheres pertencentes às camadas mais pobres da população, não raro sífilíticas ou tuberculosas que, sem quaisquer noções de higiene e cuidados para com as crianças acabavam contribuindo para que muitas daquelas que lhes eram confiadas fossem a óbito.

Marcondes Filho (apud RIZZINI, 2008, p. 112), médico pediatra do início do século, cujo nome está ligado a uma série de ações em prol da infância, posicionou-se a partir de uma perspectiva higienista, sobre aos asilos do final do século XIX:

O 'asylo', tal qual o concebiam os antigos. Era uma casa na qual encafurnavam dezena de crianças de 7 a 8 annos em diante nem sempre livres de uma promiscuidade prejudicial, educadas no carrancismo de uma instrucção quasi exclusivamente religiosa, vivendo sem o menor preceito de hygiene, muitas vezes atrophiadas pela falta de ar e de luz sufficientes, via de regra pessimamente alimentadas, sujeitas, não raro à qualquer leve falta, a castigos barbaros dos quaes o mais suave era o supplicio da fome e da sede, aberrando, pois, tudo isso dos princípios scientificos e sociaes que devem presidir a manutenção das casas de caridade, recolhimentos, patronatos, orphanatos, etc., sendo, consequentemente os asylos nessas condições instituições condemnaveis.

Na transição do século XIX para o século XX, as vozes liberais, positivistas ou eugenistas que, naquele momento, ergueram-se, buscaram, cada uma, à sua maneira, colocar a sociedade e o homem brasileiro no centro do debate político, bem como, de forma implícita, garantir a manutenção do *status quo*. Isso porque se em parte, eram impulsionados pelos ecos dos ideários herdados dos pensamentos e movimentos revolucionários que se levantaram desde o século XVIII,

também o faziam em favor de que se buscasse uma solução para a pobreza que se alargava, sobremaneira, comprometendo a própria ordem social.

Nos primeiros tempos da República Brasileira, um sentimento idealista, comprometido com a perspectiva de construir um país civilizado, nos moldes do que já se via em alguns países europeus mobilizou a intelectualidade. No âmbito da assistência à criança, destacaram médicos e juristas. Esses dois grupos caminhavam lado a lado sem que um incomodasse ao outro. Rizzini (2008, p. 59), entende que os pobres estavam divididos em dignos e indignos de acordo com uma metafórica (e subjetiva) escala de moralidade. Aos dignos, os médicos e seus pensamentos higienistas; os indignos, os juristas e a repressão.

Essa nova perspectiva sobre como lidar com a pobreza fez com que, na prática, aos poucos, a responsabilidade pelas crianças - fossem elas abandonadas, órfãs ou transgressoras - fosse lentamente passando da esfera religiosa para a esfera secularizada. Esse processo se inseriu nas transformações das relações de poder que vinham ocorrendo entre a Igreja e o Estado e que pode ser ilustrado, a título de exemplo, pela questão religiosa que antecedeu a Proclamação da República e culminou com a separação entre a igreja e o Estado brasileiro.

Ao mesmo tempo em que a Igreja relutava diante da possibilidade de perder o poder que o monopólio sobre os pobres e a caridade lhe conferiam; médicos, juristas e políticos defendiam que somente uma ação mais contundente por parte do Estado para com o problema da assistência à criança poderia garantir ao Brasil a construção do seu futuro. Nas palavras do Senador Lopes Trovão (apud RIZZINI, 2008, p. 90): “Por isso, senhores, eu me volto para a infância – os pequeninos de hoje que serão os grandes amanhã; é nella que ponho as esperanças na grandesa do actual regimen pela regeneração da pátria.”

A aproximação política com o problema da assistência à infância relacionava-se, além do mais, com os aspectos econômicos do Brasil. Em estudo sobre Moncorvo Filho e o problema da infância, publicado na Revista Brasileira de História, Wadsworth (1999, p. 113) menciona declaração feita em 1929 pelo Juiz de Menores Mello Mattos, que empresta o nome para o primeiro Código de Menores brasileiro, na qual assim se expressa o jurista:

O menor é para o Estado um valor econômico e um valor social; contribui para o desenvolvimento do povoamento, do solo e para a manutenção da integridade e da independência da Pátria; por isso, além de outras razões, a vida dos menores é preciosa à Nação.

Ainda segundo o autor, para Mello Mattos a criança representava a base principal do povoamento do país, o futuro trabalhador, na lavoura, na indústria, no comércio, em todas as classes produtoras. O juiz ponderava ainda que o valor social da criança residia no fato de nela repousar tanto a grandeza do povo, quanto a prosperidade das nações e o progresso da humanidade.

Assim, Wadsworth (1999, p. 114) entende que

[...] os profissionais da medicina e do direito estabeleciam conexões explícitas entre infância, nação e a ideologia do Estado sobre assistência. Eles efetivamente construíram um discurso nacionalista que relegou a criança a uma posição de bem econômico da nação. As instituições de assistência à infância transformaram-se em mecanismos das classes médias e altas para assegurar a estabilidade social e econômica.

Colabora para afirmar o seu ponto de vista o fato do governo estadonovista de Vargas ter-se preocupado em incluir no Decreto-Lei nº 5.452 - de 1º DE MAIO DE 1943 - DOU de 09/08/1943, que aprovou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), no Título III, das normas especiais de tutela do trabalho, no Art. 386, que todo empregador seria obrigado a dar a permissão para as mulheres manterem os filhos em fase de amamentação sob sua guarda. Eis o que diz o parágrafo único na íntegra:

Quando não houver crèches que atendam convenientemente à proteção da maternidade, a juízo da autoridade competente, os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos trinta mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas *guardar* (grifo nosso), sob vigilância e assistência, os seus filhos no período de amamentação. (BRASIL, 1943, online).

Para Didonet (2001, p. 12), a palavra *guardar*, que aparece no texto legal, leva-nos à ideia de creche, tanto em função da proximidade etimológica com os primeiros nomes para essa Instituição na França (*garderie*), ou com *guardería*, palavra usada até hoje em muitos países latino-americanos para se referir aos seus berçários que acolhem crianças de 0 a 3 anos. Leva-nos, assim, ao sentido inicial de creche.

Na origem de sua concepção, segundo o autor, as creches estavam historicamente ligadas ao trabalho extradomiciliar da mulher.

Esse pensamento nos remete ao universo das revoluções industriais, que, ao empregar a mão-de-obra feminina, muito mais barata, alterou a rotina das famílias e criou a necessidade de uma solução para o problema das crianças pequenas que ficavam sozinhas em suas casas. Lembremo-nos de que, apesar de termos notícias de crianças de apenas cinco anos trabalhando no sistema fabril europeu, as que tinham aquém dessa idade eram um problema para as mães operárias.

A ideia de creche, portanto, havia surgido intrinsecamente ligada à questão do trabalho feminino. Ao conceber a necessidade de um espaço para a *guarda* das crianças, a CLT se aproximou muito mais dessa ideia europeia de abrigo ao filho da mãe trabalhadora do que da ideia de orfanato ou asilo. A expressão *guarda* traz em si a suposição de que o contato entre a família e a criança não seria eliminado em função do papel desempenhado pela Instituição.

As creches eram para os pobres. Sobre essa característica Didonet (2001, p. 12) afirma que, para atender às necessidades das mães, as instituições tinham que ser de tempo integral, gratuitas ou cobrarem muito pouco; que, além de cuidarem das crianças, deveriam zelar-lhes pela saúde, ensinar-lhes hábitos higiênicos e cuidarem-lhes da alimentação. A educação permanecia a cargo da família.

Essa aproximação das creches com a pobreza e o assistencialismo fez com que, no Brasil, elas passassem a atender também aos órfãos, às crianças abandonadas, para enfim, tornaram-se sinônimos de orfanatos, internatos e asilos.

Essa simbiose acabou por transpor para as creches todo o imaginário construído pela sociedade brasileira em torno dos outros modelos de instituições. Consideremos que as condições sanitárias do país continuavam precárias e eram muitas as mortes relacionadas a esse problema, principalmente, em lugares insalubres e pobres.

Apesar dessa visão negativa que a população tinha em relação a essas instituições provavelmente ter realmente influído na busca por outro nome, perguntamo-nos se a denominação *lar-escola* poderia oferecer uma leitura mais abrangente. Assim, incluímos o questionamento *Por que a Fundação usar a*

terminologia lar-escola e não a de creche? em todos os segmentos por nós entrevistados.

Nosso entrevistado 1, do segmento direção, a quem chamaremos C. assim se expressa:

A terminologia lar-escola, na época, foi colocada pela própria D. Aparecida para justamente dizer que nós pretendíamos ser um lar para a criança, um lar e uma escola, porque o termo creche, na época, vinha carregado de uma conotação, talvez até um pouco, pejorativa, o que hoje já não é. Hoje, creche, na lei de diretrizes básicas, seria, antes de tudo, o atendimento da criança em qualquer nível (social), em qualquer escola desde a mais simples até a mais elitizada, até os três anos, depois é pré-escola. Ela quis dizer: vocês estão no lar de vocês; aqui é o lar de vocês.

Aqui nos vemos presos em um dilema, pois entramos no ramo da subjetividade porque, afinal o que é um lar? Os compositores Luis Reis e Haroldo Barbosa, na música *Notícia de Jornal* trabalham a tragédia da mulata que

Tentou contra a existência num humilde barracão
Joana de tal por causa de um tal João
Depois de medicada *retirou-se pro seu lar*
Ai a notícia carece de exatidão
O lar não existe
Ninguém volta o que acabou
Joana e mais uma mulata triste que errou
Errou na dose, errou no amor
Joana errou de João
Ninguém notou, ninguém morou
Na dor que era o seu mal
A dor que não sai no jornal (REIS; BARBOSA, 1975, grifo nosso)

Nossa dúvida imediata foi a de que havia na análise da entrevistada uma possível contradição porque se D. Aparecida acreditava na necessidade integração com a família a ponto de fechar o internato e reestruturar todo o trabalho assistencial da Fundação, como poderia, nesse segundo momento, oferecer um lar a quem já o tinha? Seria apenas um apelo assistencialista? Nossas entrevistas 1 e 2, do segmento ex-alunos do lar-escola, cujos sujeitos aqui chamaremos G.F.H. e T.F.H., irmãs, lançaram alguma luz sobre nossa análise. A primeira, em certo ponto de seu depoimento, quando analisa a sua passagem pelo lar-escola nos diz :

O lar foi tudo de bom pra nós. Sabe quando hoje se fala que a escola é a nossa segunda casa, para nós, não; a escola era a nossa primeira casa e a nossa casa era a segunda porque lá eles acolheram nós de braços abertos. Igual eu te falei, a gente não tinha a nossa mãe, então lá a gente chegava cedo, tomava um banho, coisa que na nossa casa, nós não fazíamos

porque não tinha jeito. Tinha aquelas mulheres que eram as inspetoras, levavam a gente pro banho. Era tudo limpinho. Tinha uniforme. Toda semana era trocado. Nós tínhamos o nosso armário. Cada um tinha o seu armário, duas ou três vezes na semana, eles trocavam; não ficava a semana inteira com uma roupa só. Era tipo assim quando a mãe cuida do uniforme dos filhos, eles cuidavam do nosso. (G.F.H.)

A fala de T.F.H. começa com um sorriso para acrescentar

Nossa! Era bom. A gente já chegava, já tinha que tomar banho, pôr o uniforme, a roupa do Pestalozzi e cada roupa já tinha o seu próprio nome. Cada um tinha o seu armário com o nome escrito. As roupas eram iguais, o diferente eram as cores. Cada um tinha o seu nome nas camisetas, shorts, calça, no uniforme da escola, em tudo. Era tudo limpinho, lavadinho, passadinho. Olha o serviço do Pestalozzi: lavava, passava, tudo organizado. Depois do banho, nós íamos para o refeitório para o café da manhã: era pão com leite com café, pão com uma manteiga muito boa. Na época, a gente nem gostava da manteiga. Hoje, a gente vê o tanto que a manteiga é cara. A manteiga tinha outro sabor.

Do que essas pessoas estavam falando? De assistencialismo ou assistência? Em qual segmento enquadrar suas lembranças do acolhimento, do aconchego, da dignidade, de experimentar a cidadania, a sensação de ter um porto-seguro? Quem ousaria delimitar essa imensa rede de vivências? Como a pesquisadora pode ter certeza de sua análise quando as pessoas falam de cheiros, gostos, gestos de cuidado? Como podemos ter certeza de que estamos captando a real dimensão da situação?

Talvez fosse o momento de dar voz a essas pessoas, deixá-las falar de si para só então procurarmos compreender esta seara.

G.F.H. recebeu-nos em sua casa, lugar simples e muito pobre. Participou com imensa boa vontade da entrevista e fez questão de localizar e pedir que dois de seus irmãos para lá fossem. Quando lhe perguntamos por que a Instituição foi procurada e sobre como era a situação da família, respondeu-nos

Eu fui para lá igual meus outros irmãos. Nós éramos quinze irmãos [treze vivos]. Os mais novos foram para o Pestalozzi, os mais velhos, não. Eu não tive mãe. Quando minha mãe morreu o L., irmão mais novo, tinha um ano e eu tinha cinco anos. A gente não tinha quem cuidava da gente, os mais velhos não tinham condição de cuidar. E aí o Pestalozzi pegou e acolheu nós todos.

T.F.H., sua irmã um pouco mais velha assim nos responde:

Era muito difícil. Era precária mesmo, era a pior. Meu pai ficou sozinho. Minha mãe morreu quando meu irmão L. tinha um ano e oito meses, eu e minha outra irmã tinha que ficar cuidando dele. Ela era a mais velha dos pequenos. Nós ficamos em seis pequenos. Os outros já eram casados, tinham seus filhos; dois eram moços e trabalhavam com o meu pai.

Será que as irmãs tinham um lar? Ou tinha razão o poeta quando dizia que “o lar não mais existe e ninguém volta ao que acabou”. Havia uma casa muito pobre, um pai que tinha uma profissão e a exercia, mas bebia, ausentava-se e que ao final, deixou as crianças entregues à própria sorte ao partir, sem elas, para outro casamento.

O que mais chamou a nossa atenção foi como os seis irmãos menores se uniram, formando um núcleo dentro da própria família nuclear. Não se perderam ou desgarraram uns dos outros. Hoje, todos casados, conseguiram construir suas famílias e mantêm-se fortemente ligados. No momento posterior à entrevista formal, continuaram compartilhando suas lembranças conosco e entre si. Em ambiente descontraído, completavam as falas uns dos outros, riam, brincavam, sentiam-se vencedores, mesmo naquele ambiente tão pobre.

Começamos a entender um pouco o significado da palavra lar no binômio lar-escola, quando K.B.M. olhou-me espantado após ser perguntado do porquê dessa denominação; sua resposta, rápida e concisa ilustrava que para ele era como se estivéssemos perguntando o óbvio. Eis a sua resposta: “Porque era o nosso lar, ora! E a nossa escola.”

Então era isso: D. Aparecida, através de sua visão educacional e de sua visão social, desconstruiu a ideia de creche no imaginário daqueles que estudavam na Instituição, para dar espaço a uma nova percepção. Nela, o lar-escola não substituíra a família ou o lar da criança, mas se tornava uma extensão do mesmo através da maneira como processava o acolhimento daquelas crianças. A preocupação em oferecer uma rotina cercada de atitudes diferenciadas, como a garantia da individualidade através de roupas e armários personalizados, o cuidado com o corpo seja na sua higiene, na sua alimentação ou na sua saúde. Ou ainda a garantia de que, nos finais de semana, tivessem o alimento em suas casas, foram ações que colaboraram para que construíssem uma nova visão de acolhimento.

Nesse sentido, o pensamento de C., que dirigiu uma das unidades, completa nosso raciocínio:

A intenção da Fundação [...] sempre foi minimizar esse trauma diário que a criança tinha e tem porque, a gente sempre dizia que, embora a criança ficasse bem no lar-escola, ela sofria para sair de casa, para ir até a escola. Era inegável isso, eu mesma via porque sempre acompanhava as viagens das crianças *[referindo-se ao transporte de ida e volta ao lar mantido pela Instituição]*. A criança sofria um baque de deixar sua casa e seus pais. Ela saía de um lugar muito pobre, com condições mínimas de higiene, de conforto, pra ir para um espaço totalmente diferenciado onde ela tinha todo o conforto, toda a higiene, todo cuidado e, ao retornar para casa ao final de cada dia, ela novamente passava por aquela situação, e nós tentávamos minimizar isso, fazendo com que a criança se sentisse bem, se sentisse muito bem acolhida lá no lar-escola.

Se, em algumas circunstâncias, o assistencialismo era inevitável, era à assistência que se perseguia. Essa busca pode ser reconhecida na forma como a Instituição se estruturou ao longo dos anos, seja através da elaboração de um regimento para nortear o trabalho, seja pela aproximação com o Serviço Social com a contratação de uma assistente social no início da década de 80.

Desde o seu começo, houve uma preocupação em atender aos segmentos mais carentes da sociedade. Visitas às casas daqueles que se inscreviam para obter uma vaga eram acompanhadas de criteriosa seleção que tinha como objetivo atender aos casos de extrema necessidade. Uma das diretoras assim explica como era esse processo:

Os critérios para a admissão eram estabelecidos pelo regimento que dizia, na época, o seguinte: a escola existia para as famílias parcialmente constituídas; necessariamente, eram filhos de pais ou mães viúvos ou separados e que trabalhavam; era preciso que o pai, ou a mãe, ou o responsável tivesse um trabalho fora de casa; o lar-escola existia para tirar a criança do desconforto de ficar sozinha em casa. Eram exigências cumpridas fielmente porque mensalmente, nós nos reuníamos com as mães, e elas apresentavam um documento assinado pelo empregador e, quando acontecia uma mudança de emprego, nós acompanhávamos. Havia o acompanhamento da assistente social de forma que as mães ou pais estavam sempre trabalhando. Havia as exceções, quando nós nos deparávamos com família, por exemplo, cujo pai trabalhava fora, e a mãe era doente, não tinha como cuidar das crianças. Com esse critério, nós entendíamos que atendíamos a camada mais carente da população. (C.)

Ao estabelecer como norma regimentar que o responsável pela criança trabalhasse e comprovasse esse trabalho, a Instituição combatia o assistencialismo

e promovia a melhoria das condições de vida da família como um todo, colaborava para a sua promoção social.

No entanto, por saber que esse era um processo de longo prazo e como buscava atender à camada mais carente dentre os pobres da cidade, os responsáveis pela Fundação ajudavam, em muitos casos, as pessoas responsáveis pelas crianças quando essas precisavam de alguma ajuda material. Era comum a providência de víveres, cobertores ou utensílios domésticos nos momentos mais dramáticos. Não era raro que a Instituição empregasse mães de crianças assistidas como uma forma encaminhar-lhes a vida. Paralelamente, o processo de reestruturação das famílias era acompanhado de maneira contínua. Aquelas que necessitavam eram ajudadas até que o Serviço Social da Instituição percebesse que já tinham condições de seguirem sem a intervenção da Instituição. Mesmo quando ainda não havia um Serviço Social estruturado, a assistência era preferida ao assistencialismo.

Conforme a fábrica de calçados foi se estruturando, a Fundação Educandário Pestalozzi se viu em condições de abrir mais duas unidades de lares-escola: a Unidade II, na Vila Santa Helena, próxima ao distrito industrial da cidade e a Unidade III, no bairro City Petrópolis, região muito carente.

Os lares-escolas tinham por objetivo atenderem às crianças de maneira integral; por isso, a rotina das três unidades era muito parecida: as crianças eram transportadas para as unidades em ônibus da Fundação. Lá chegando, tomavam banho e se trocavam com a roupa própria para a atividade da manhã: se iam para a escola, o uniforme; se estudavam no período da tarde, um short e uma camiseta. Na sequência, tomavam o café da manhã e seguiam para as suas atividades que poderiam ser a própria aula, ou o reforço e acompanhamento escolar, as aulas de música ou artesanato, as brincadeiras nos horários livres. Havia cinco refeições diárias, além do café, um lanche no meio da manhã, o almoço, o lanche da tarde e o jantar.

Durante o dia, profissionais da saúde acompanhavam as crianças tanto de forma preventiva como curativa: cada uma das unidades tinha um dentista, um médico e enfermeiras contratados que trabalhavam diariamente na Instituição no atendimento a esse aspecto.

Refeitórios com capacidade de atendimento para todas as crianças assistidas, lavanderias, rouparias, profissionais contratados para a limpeza, jardineiros, motoristas, inspetores de alunos, professores, supervisores e diretoras completavam o quadro de funcionários das unidades.

Em cada uma das unidades, funcionava uma escola própria que atendia tanto os alunos dos lares-escola como os da comunidade.

Essa estrutura pode ser parcialmente conhecida nas figuras seguintes:



FIGURA 13 - Vista parcial da praça interna localizada na parte frontal do prédio da Unidade II da Escola Pestalozzi onde também funciona a Unidade II do lar-escola.

Fonte: acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino



FIGURA 14 - Vista parcial do pátio interno da Unidade III da Escola e lar-escola Pestalozzi

Fonte: acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Percebe-se uma preocupação estética: espaços amplos, prédios construídos com finalidade de atenderem tanto às necessidades operacionais como oferecerem bem-estar às pessoas. Sempre muito limpas e bem cuidadas, as instalações ofereciam uma sensação de amplitude, ao mesmo tempo em que as intervenções paisagísticas buscavam passar a sensação de conforto.



FIGURA 15 - Vista parcial dos pátio jardins da Unidade III da Escola e lar-escola Pestalozzi

Fonte: acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Paralelamente à experiência de acolhimento, as crianças estudavam nas escolas da própria Instituição. Já na época, as escolas eram reconhecidas pela qualidade diferenciada de seu ensino e figuravam dentre as mais respeitadas da cidade de Franca. Esse viés do processo será analisado de forma aprofundada no capítulo 3. Entretanto, saibamos que havia o cuidado de incluir essas crianças socialmente através da educação formal, pois elas eram regularmente matriculadas nas escolas mantidas pela Instituição e estudavam ao lado das crianças da comunidade pertencentes aos mais variados segmentos sociais. Oportunamente, veremos como se deu essa interação e quais foram os resultados.

2.3 Como os sujeitos entendem o significado da passagem pelos lares-escola da Fundação Educandário Pestalozzi

A documentação existente na Fundação, os depoimentos daqueles que trabalham ou trabalharam na Instituição, a compreensão que os diretores e administradores têm da trajetória da entidade permitem que tenhamos a perspectiva oficial dos lares-escola de maneira bastante fundamentada. Mas nos perguntávamos como as crianças que vivenciaram o processo o viam? No nosso entendimento, elas também poderiam nos nortear na compreensão da dimensão do projeto empreendido pelo casal Novelino em suas vidas, ou da análise de quanto realmente houve de inovador na condução daquela proposta sócio-educacional. Ademais, entendemos ser muito importante que todas as partes envolvidas tenham voz, pois somente assim poderemos nos apropriar dessa vivência em seu aspecto mais humano.

A seleção dos ex-alunos dos lares-escola para as entrevistas foi aleatória. A Instituição não mantém um cadastro geral atualizado de crianças que por ali passaram. Assim, através de funcionários que tinham informações sobre onde se poderia encontrar uma ou outra pessoa e através da lista telefônica, fomos localizando os primeiros. Esses nos levavam a outros e esses ainda a outros. A teia foi-se formando e, aos poucos, eles foram emergindo da sociedade, das suas histórias de vida e recordações para as páginas dessa pesquisa.

Quantas foram as crianças atendidas? Não se sabe ao certo. Levantamento feito pela direção da Unidade II, a nosso pedido, aponta para mais de 6000 atendimentos ao longo desses anos, apenas naquela Unidade. Entretanto, os nomes, o período de atendimento, as particularidades de cada criança precisam ser sistematizados. Os arquivos existem, mas não estão organizados de forma a facilitar essa tarefa: dezenas de livros, relatórios públicos para prestação de contas ao Estado, prontuários, atas de conselhos escolares; enfim, milhares de documentos precisariam ser revistos para que essa história seja preservada.

Em nossa pesquisa, vimo-nos, pois, diante dos sujeitos e suas histórias pessoais em contraponto a todo esse aparato institucional. O que eles tinham para dizer? O que a passagem na Instituição significou em suas vidas tanto positiva como negativamente? Dessa forma, incluímos no roteiro para a entrevista semi-

estruturada duas perguntas: *Qual foi o significado dessa experiência do lar-escola para você?* e *Você acha que ter participado do lar-escola pode ter feito alguma diferença em sua vida?*

Ambos os questionamentos são subjetivos. Entretanto, pensamos que é na subjetividade que moram as características que constituem o humano: seu pensamento, sua visão de mundo, seus posicionamentos diante da vida, sua capacidade de organizar-se socialmente e de construir-se enquanto criatura. Se estamos pensando em promoção humana, em inclusão social, não podemos nos furtar ao risco de penetrarmos no âmbito desse subjetivo.

Em praticamente todas as entrevistas realizadas, houve dois momentos nitidamente perceptíveis: um primeiro marcado pela preocupação dos entrevistados em fazerem o melhor que podiam diante da gravação do encontro e, um segundo, quando os sujeitos agora libertos da preocupação formal, punham-se a falar de forma livre, sem qualquer condução de nossa parte, compartilhando vivências, falando sobre experiências marcantes da infância, relações familiares, mágoas, alegrias ou situações inesquecíveis.

A fala de C.E.T., por exemplo, atualmente com 33 anos, remeteu-o ao seu histórico de saúde e como a Instituição o ajudou:

Eu entrei no Pestalozzi com sete anos e foi lá que o Doutor C. descobriu o meu problema. Eu fui operado duas vezes mas a lembrança é boa, a mais ruim é que eu não pude aproveitar muito os estudos. Eu ficava mais tempo internado que estudando. Minha mãe trabalhava lá. Ela fazia serviços gerais e era cozinheira, Ela levou a gente para lá. A importância de ter entrado lá foi que, se a minha mãe continuasse onde estávamos, poderíamos até morrer porque não havia recurso. Ela veio do Paraná, desde que nasci, eu era muito doente. Eu passei mal e o Doutor C. descobriu que eu tinha sopro no coração. Eles me levaram para Ribeirão Preto e com sete anos eu fiz a primeira cirurgia; com dez, como eu cresci, a válvula não aguentou e eu tive que trocar.

A análise de C.E.T. é clara no momento em que ele atribui à Instituição o fato de estar vivo por ter sido cuidado em sua saúde. Vê isso como a parte positiva de sua passagem pelo lar. Mas também podemos perceber como a ideia de estudo, a dinâmica da vida escolar que permeava o cotidiano das crianças deixa-o nostálgico ao ponto de relacionar a sua baixa frequência na escola devida aos problemas de saúde com a pior parte d sua infância. Aí transparece a importância que os estudos formais tinham para a Instituição e como isso era passado para as crianças.

Já T.F.H. aponta em direção aos aspectos morais e de acolhimento:

[...] nós recebíamos amor, carinho, atenção, educação. Ensinavam a gente ter respeito com as pessoas. Isso tudo eu tenho, graças ao Pestalozzi, caráter também, muita coisa, vergonha. Isso tudo o Pestalozzi ensinou a gente ter. Sem o Pestalozzi ficaríamos na rua. A vida seria mais sofrida. Sempre foi sofrida, mas seria mais porque lá eles davam comida, banho, de tudo. Era um lar melhor que se eu ficasse em casa sem a mãe e sem o pai.

Essa questão da formação moral também aparece no depoimento de E.B.N.

Eu me lembro de que o Doutor, na nossa formatura, dentre as várias coisas, ele disse sejam honestos, não se deixem levar pela corrupção, pelas coisas erradas do mundo, pelo dinheiro fácil. Eu nunca consegui me desligar aqui do Pestalozzi, por isso, por causa desses valores básicos de pessoa. Houve uma vez em que eu fui pegar um dinheiro em um caixa eletrônico e na hora em que eu contei, eu vi que tinha vindo cinquenta reais a mais. Naquela hora eu pensei no Doutor. Pensei: se eu, pegar o dinheiro, imagine o Doutor, o Doutor me ensinou que eu não podia fazer aquilo. Eu sei que onde o Doutor estiver ficará muito triste se eu fizer isso. Devolvi o dinheiro e avisei para o gerente olhar a máquina porque nem todos devolveriam. Eu não me esqueci da profundidade daquilo que ele me ensinou.

Podemos, portanto, perceber que as crianças tinham contato com valores éticos e morais no seu cotidiano. O conflito ético-moral descrito por E.B.N. tem suas raízes em uma proposta de prática pedagógica que valorizava aquilo que Novelino, como já mencionamos, descrevia como uma educação voltada para o desenvolvimento harmonioso dos poderes anímicos do ser, ou seja, integral, centrada no desenvolvimento da inteligência, educação da vontade, do sentimento. A cultura do sentimento do bem e do amor (INCONTRI, 2001, p. 235).

Tanto os depoimentos de T.F.H. como o de E.B.N. apontam na direção da existência de uma coerência entre o discurso e a prática da Instituição, no tocante com a preocupação com a formação ético-moral.

Para tanto, os idealizadores daquele trabalho se envolviam diretamente com a rotina das escolas e lares-escola. C.I.T., que estudou na Instituição na década de 90, assim resume seus sentimentos:

Eles educavam, ensinavam as coisas; nesses horários de lazer que tínhamos, ficavam as funcionárias olhando. Lá eu ficava o dia inteiro. Se não tivesse ficado, eu poderia estar fazendo outras coisas. Lá ajudou muito. Lá foi muito bom para nós, foi uma escola boa. Eu me lembro quando o Doutor Novelino ficava lá no pátio, brincava com as crianças.

Novelino ficaria viúvo aos 89 anos. A ausência de D. Aparecida, que falecera no ano de 1990, não o afastou dos ideais. Através das recordações de C.I.T., comprovamos outros testemunhos de que ele, já aposentado das atividades ligadas à medicina, dedicava-se integralmente à Fundação. Sua presença nos lares escola era diária e participativa. Essa proximidade foi sentida por aquela criança no momento em que avaliou o papel do lar-escola em sua vida.

No entanto, também ocorriam problemas de adaptação. Foi o caso de N.C.N., que estudou na Instituição na década de 80:

Eu tinha medo, a escola era muito grande. Eu tinha vindo da roça e nunca tinha estudado em uma escola daquele tamanho para mim era muito importante. Eu tive problemas, chamaram minha mãe. Pedi para ir ao banheiro e escondi embaixo da escada, ficava pensando por que minha mãe tinha me colocado em uma escola tão grande, mas depois que eu me adaptei.

Assim, como a entrevistada anterior, S.A.N. também demonstra ter tido problemas:

Eu não gostava muito de escola não, mas eu estudava, eu dei muito trabalho; nas reuniões de pais, mamãe tinha muita reclamação. Meu irmão sempre foi muito quietinho, muito sistemático. Eu sempre fui mais elétrica, mais agitada.

No entanto, na sequência, a mesma entrevistada revela que

Apesar de ter dado muito trabalho porque eu era muito danada, eu só tenho que agradecer, eu brincava, corria, machucava, não gostava de aprender; mas eu falo para todo mundo que, mesmo sem a presença do meu pai em casa, ficando fora de casa o dia todo, vendo minha família só à noite, eu fui uma criança muito feliz. Quando eu saí, eu queria voltar, eu sentia falta, chorava em casa porque queria voltar, mas não havia mais como. Existe muita influência da época na S.A.N. adulta. Eu tenho a imagem da D. Aparecida muito forte na minha vida, na minha história, na história da minha casa, dos meus irmãos.

Os 30 sujeitos egressos dos lares-escola por nós entrevistados os quais ali foram acolhidos e estudaram avaliaram de forma positiva a sua passagem pela Instituição. Essa aprovação vem acompanhada de muitas lembranças, falas, muitas vezes, carregadas de emoção e muitas palavras de orgulho e gratidão. Essa visão dos sujeitos, em uma primeira análise, poderia ser tomada por romântica ou superficial. Não foi essa a impressão que tivemos. As lembranças da miséria e em algumas situações a mágoa com a vida pelas condições do passado estiveram

presentes no momento das entrevistas. As críticas, como as de N.C.N. e S.A.N. foram pontuais, mas nem por isso deixaram de ter grande relevância.

Como visto, a estrutura acolhedora da entidade estava voltada para o cuidado com as crianças e com a sua formação ético-moral. A proposta de inserção social das crianças assistidas era completada pela educação formal que foi tomada sob responsabilidade da própria Fundação.

Assim, o trabalho social se fundia com o trabalho educacional.

CAPÍTULO 3 O PAPEL DO MODELO DAS ESCOLAS PESTALOZZI NO PROCESSO DE INSERÇÃO SOCIAL DAS CRIANÇAS DOS LARES-ESCOLA DA ENTIDADE

Partindo do princípio de que o lar-escola pretendia dar conta do binômio acolhimento/educação formal, buscamos, a partir de entrevistas com alunos egressos do lar-escola da Unidade I e da documentação encontrada nos arquivos mantidos pela Escola Pestalozzi, estabelecer uma análise comparativa entre o desempenho escolar dos alunos matriculados nesse lar-escola e aqueles que usufruíam apenas da estrutura educacional da entidade.

Inicialmente, procuramos aferir o padrão de qualidade da escola na qual todos esses sujeitos estavam inseridos. Assim sendo, quais eram as características da escola então denominada Educandário Pestalozzi naqueles anos de 60 a 80? De qual padrão de qualidade estamos falando? Em última análise, o quanto era boa aquela escola?

Ter um parâmetro sobre como eram os serviços educacionais prestados, o quanto as crianças dispunham de elementos para alargarem sua visão de mundo é bastante relevante quando nos referimos à inserção social, pois quanto melhor tiver sido essa experiência educacional, maiores as chances dos sujeitos conseguirem romper com o ciclo vicioso da pobreza.

3.1 A estrutura educacional da Fundação Educandário Pestalozzi

Desde a concepção do projeto de engenharia do prédio que foi inaugurado em 1951, além das salas de aula amplas e confortáveis, houve a preocupação com o planejamento de espaços de apoio tais como a biblioteca, o anfiteatro, a sala ambiente para o estudo das ciências físicas, químicas e biológicas, sala de artes, quadras de esporte, pista para atletismo e campo de futebol gramado.

A biblioteca que aparece na figura 16 nos permite tomar conhecimento de como era o acervo da biblioteca da Fundação Educandário Pestalozzi no início

da década de 1960. O número de livros, como se percebe era bastante significativo para as proporções da escola naquela época.



FIGURA 16 - Biblioteca escolar na década de 1960

Fonte: acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Na década de 1970, a biblioteca foi transferida para uma sala maior que pudesse abrigar a ampliação do acervo, pois com o passar do tempo foram feitos novos investimentos na educação e mais alunos puderam ser atendidos.

Na figura 17, temos uma vista parcial do laboratório. A parte que vemos foi concebida no modelo de um anfiteatro, pensando nas aulas teóricas. Na parede da esquerda, veem-se mapas escolares de anatomia. No armário localizado ao fundo da sala, balanças de precisão e vários instrumentais próprios para a experimentação nas áreas das ciências biológicas. Em sala anexa ao espaço que se vê, localizado adiante dos alunos e imediatamente às costas do professor, estava o laboratório experimental, com as bancadas, pias, vidraria e produtos químicos para que fosse possível aos professores somarem a teoria à prática.

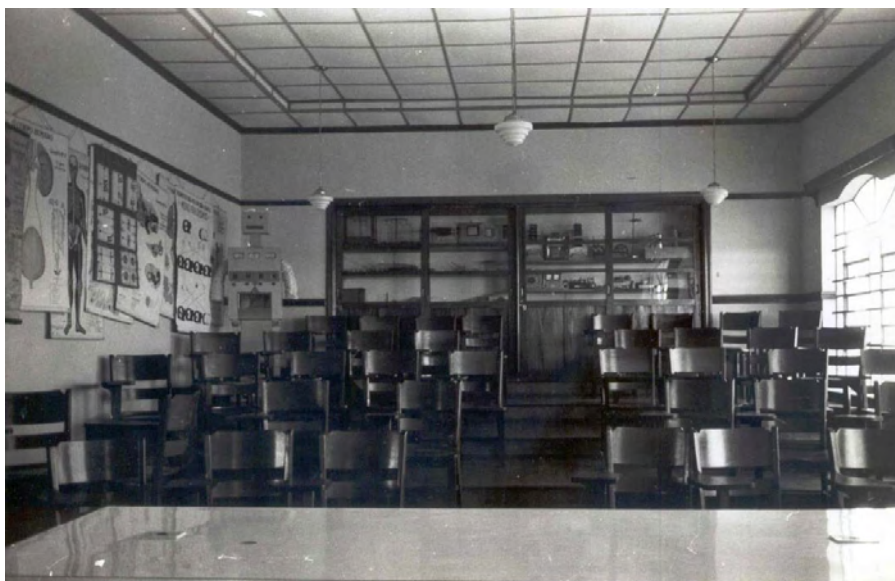


FIGURA 17 - Vista da sala de aula do laboratório de ciências

Fonte: acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

As dimensões e a estrutura do laboratório, a existência de funcionários contratados⁵ para cuidarem da organização daquele espaço e apoiarem os professores durante as aulas, as feiras anuais de ciências, indicam que o uso daquele ambiente fazia parte da rotina escolar. Havia por parte do Dr. Novelino, que ministrou pessoalmente as aulas de ciências e biologia nos primeiros tempos da escola, uma grande preocupação com esse aspecto da formação acadêmica dos alunos; podemos verificar na figura 18, uma aula prática de ciências.



FIGURA 18 - Aula experimental de Ciências, início da década de 1970

Fonte: cena do documentário Fraternidade, a base da evolução/ acervo FEP

⁵ Conforme o informações do Departamento Pessoal da FEP

A imagem nos permite algumas observações relevantes: as bancadas eram de alvenaria, próprias para o trabalho em grupos de até seis alunos, circundadas por banquetas confeccionadas na altura adequada para que o alunado pudesse trabalhar tanto sentado quanto em pé em torno do experimento; podemos concluir que havia instrumental em quantidade suficiente para que todos os grupos pudessem realizar seus próprios experimentos. Ao fundo, um telescópio portátil que podia ser usado em aulas de iniciação à Astronomia.

Já o anfiteatro que tinha capacidade para aproximadamente 260 pessoas, foi erguido entre as duas alas nas quais se encontravam as salas de aula. Nesse espaço, que recebeu o nome de Salão Nobre Anália Franco, aconteciam os eventos culturais, as atividades artísticas, tais como apresentações de teatros, músicas e dança e as solenidades de formaturas. A figura 19 nos permite conhecer esse salão tal como era na década de 1970. A importância que era dada à música pode ser aferida pela presença de um piano de cauda à direita logo abaixo do palco.



FIGURA 19 - vista parcial do Salão Anália Franco (década de 1970)

Fonte: acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Depoimentos demonstram que a música estava sempre presente no cotidiano da escola. As crianças recebiam as visitas receptivamente cantando: *Como vai a visita, como vai? Da nossa lembrança nunca sai. Faremos o possível para sermos bons amigos, como vai a visita como vai?* (M.N.D.)

A imagem seguinte (figura 20) é o registro de uma peça teatral apresentada por alunos do antigo curso primário.



FIGURA 20 - peça teatral infantil apresentada em 1968

Fonte: Acervo pessoal de Rosa Maria Pierucci

Também os jovens ginásianos criavam, dirigiam e se apresentavam em espetáculos, por eles lembrados como sendo memoráveis. Um desses momentos ficou registrado e pode ser visto na figura 21.



FIGURA 21 - apresentação artística de alunos do curso ginásial Pestalozzi em 1968

Fonte: Acervo pessoal de Rosa Maria Pierucci

Atividades de artesanato, noções básicas relacionadas à marcenaria, tapeçaria, pintura em cerâmica ou porcelanas, produção de tábuas para carnes, eram atividades artísticas realizadas na Sala de Artes, espaço organizado com essa finalidade

Os corais infantis, a fanfarra, a preparação para os desfiles cívicos próprios da época, além de feiras de ciências somavam-se às atividades do currículo.

O setor de provas contava com recursos de mimeografia e uma máquina simples de offset para a impressão de textos, avaliações e informativos.

Essa estrutura de apoio educacional foi sendo montada de forma mais consistente com a profissionalização da fábrica de calçados que se firmou e passou a suprir as necessidades financeiras da escola.

Se no início da entidade, os salários pagos aos professores e funcionários eram baixos e, muitas vezes, os mestres chegaram a trabalhar voluntariamente, a partir das receitas da fábrica, os profissionais passaram a receber bons salários o que permitia à Fundação contratar professores de qualidade e se aproximar cada vez mais do seu ideal de formação integral.

Era essa a escola frequentada pelas crianças do lar-escola. Ali participavam de todas as atividades propostas, juntamente aos alunos da comunidade.

3.2 Estudo comparativo do desempenho escolar dos alunos do lar-escola frente aos demais alunos da escola mantida pela Fundação Educandário Pestalozzi

O universo social dos alunos que estudavam na escola mantida pela Fundação era bastante diversificado. Uma pesquisa nos livros de registros de matrícula sobre a profissão do pai do alunado aponta para isso: lavradores, médicos, dentistas, funcionários públicos, chaveiros, pedreiros, professores, comerciantes, fazendeiros, ferroviários, advogados, bancários, dentre outros, conviviam democraticamente naqueles registros escolares.

O Educandário Pestalozzi, como era denominada naquela época a escola da Fundação, era uma Instituição particular e paga. No entanto, a fábrica de calçados subsidiava todas as matrículas, sem exceção, ao praticar preços muito abaixo daqueles de mercado para os cursos oferecidos, além de oferecer um número generoso de bolsas de estudo à comunidade: a pré-escola e o curso primário eram gratuitos; os cursos subsequentes eram pagos, mas os valores eram

irreais porque a fábrica de calçados permitia que a Fundação investisse na educação da comunidade. Mesmo nos cursos que, à época, eram denominados ginasial e colegial, além do curso técnico em contabilidade, os alunos carentes recebiam bolsas de estudo integrais.

Isso explica a grande variedade de segmentos sociais que atendida pela entidade. O Educandário Pestalozzi era, ao mesmo tempo, uma escola de qualidade e uma escola plural, um ambiente muito promissor para o desenvolvimento da convivência democrática entre os desiguais que, naquele espaço, sentavam-se lado a lado com os mesmos livros em suas mãos, com os mesmos professores e os mesmos processos de avaliação. Sujeitos, todos eles, aos mesmos méritos e deméritos do sistema.

Há, na nossa compreensão, duas faces através das quais podemos procurar descortinar as nuances dessa experiência: uma objetiva, representada pelos resultados escolares, pela documentação acadêmica e outra, mais fugidia, bem mais complexa, vista a partir do olhar das crianças do lar-escola que se sentavam naquelas carteiras escolares. Como se sentiam em relação ao outro, ao diferente, ao invasor, ao ser “de fora” que adentrava o seu ambiente acolhedor e rompia com a redoma de proteção criada em torno delas pela vertente “lar” presente na equação lar-escola? Havia aceitação? Havia preconceito?

Ou ainda, ao pensarmos subjetivamente sobre essa questão: sentiam-se capazes? Quão inteligente ou aptas se sentiam ao se depararem com a comparação inevitável com aqueles que vinham de um segmento da sociedade melhor resolvido financeiramente?

Se fazemos essas colocações, é porque vemos aqui um aspecto relevante no trabalho educacional do casal Novelino. O de colocar na mesma escola e salas de aula, em condições qualitativas de igualdade, crianças ricas, das classes médias, das camadas pobres e aquelas que viviam abaixo da linha da pobreza. O estudo dessa experiência pode nos dar algum subsídio para o enfrentamento do problema da educação no Brasil.

Não cabe no espaço desta pesquisa uma avaliação profunda dessa vivência. Nós nos limitamos a ouvir os protagonistas daquela experiência e conhecermos suas impressões, além de apresentarmos algumas mostras da documentação acadêmica no sentido de embasar aquilo que foi dito. A questão é por demais complexa e importante para que uma breve análise se outorgue em

definitiva. Mesmo assim, trazê-la à tona é crucial. Sem isso, não teremos todos os elementos de que precisamos para apreendermos a essência da Instituição.

3.3 O desempenho escolar das crianças do lar-escola frente aos outros alunos

Quando consideramos o fato das crianças pertencentes ao lar-escola estudarem em uma escola com as características anteriormente apresentadas, a qual era reconhecida pela sociedade como sendo uma escola que exigia dedicação e esforço de seus alunos, perguntamo-nos como seria o desempenho daqueles meninos e meninas egressos de um ambiente familiar tão pobre, com vidas marcadas por problemas, muitas vezes, intransponíveis, frente a crianças e jovens que não tinham essa mesma carga emocional.

Entendíamos que nossa busca só teria alguma possibilidade de concretizar se conversássemos com professores e alunos que foram sujeitos daquela experiência, além de proceder a uma análise comparativa de documentos escolares.

Entrevistamos uma professora da época, cujo trabalho era fazer o acompanhamento escolar das crianças acolhidas, sobre como era o desempenho escolar das crianças. Segundo o seu ponto de vista, logo ficou evidente a defasagem das crianças do lar em relação aos alunos “de fora”. As histórias de vida, muitas vezes, deixavam sequelas emocionais que prejudicavam a autoestima, o interesse pelos estudos e o próprio processo de aprendizagem. Para romper essa barreira, D. Aparecida concebeu um sistema de acompanhamento escolar. Não se tratava apenas de um reforço porque tanto os alunos com maior grau de dificuldade quanto aqueles que não tinham qualquer problema com os estudos eram acompanhados em suas tarefas diárias e em trabalhos extra-classe. Nesse ambiente, as crianças eram ajudadas pela professora e também se ajudavam. Ela exemplifica: quando um aluno não conseguia fazer um exercício de matemática, aquele que tinha aprendido ajudava o colega. As crianças eram estimuladas a irem à lousa, a fazerem exercícios variados para que todos os que estivessem naquela série fossem acompanhando.

Ainda, segundo a professora do lar-escola, a Fundação disponibilizava para as crianças, em sala de aula, ambiente próprio para esse momento, vários materiais de apoio como livros para pesquisa, revistas para recortes, material de papelaria, dicionários, aparelhos de som e discos. Complementando esse aparato, as coleções enciclopédicas disponíveis na biblioteca e os livros literários ficavam à disposição para as tarefas escolares.

Para facilitar o trabalho, os alunos do lar-escola, de cada série, eram sempre matriculados na mesma sala de aula. Assim, era possível fazer um bom acompanhamento dos conteúdos e das tarefas, já que a rotina escolar de cada série era a mesma.

Quando perguntamos aos ex-alunos do lar-escola como era o desempenho escolar deles e se conseguiam comparar esse desempenho com o dos alunos de fora, obtivemos respostas diversas.

Q.S.Q. disse que era ótimo aluno e que tirava notas altas. O mesmo afirma M.N.D., que sempre esteve entre os melhores alunos da sala. K.B.O. se definiu como um aluno que tinha uma certa regularidade, nunca foi retido, tirava notas medianas, gostava muito de matemática e física ao mesmo tempo em que não tinha paciência para se sentar e ler um livro. Comparando-se com os alunos da comunidade, ele misturou em sua fala a questão do aproveitamento escolar com a forma como os alunos se relacionavam. Trata-se de uma fala significativa, pois tal qual pudemos perceber em outros depoimentos, está carregada de nuances de cunho emocional

Alguns entendiam a gente como pobres. Eles eram ricos, nós éramos os pobres. Só que, quando a gente ia conversar, quando a gente ia expor, quando a gente ia se expressar, quando a gente sentava pra fazer uma volta, a gente via que era só nível econômico. Eu via que a nossa diferença era só econômica. Cultural, graças ao Pestalozzi, à minha mãe, eu tinha nível cultural tanto quanto alguns, às vezes, até mais e menos que alguns, porque sempre há aquelas pessoas ímpar dentro da classe.

Perguntei à ex-professora do lar-escola se havia alguma rejeição ou preconceito dos alunos da comunidade em relação aos alunos do lar-escola. Ela se recorda de alguns episódios que, embora esporádicos, demonstram ter havido alguma resistência. Contou-nos ela que, certa vez, a esposa de um médico, mãe de um aluno da escola, procurou D. Aparecida para reclamar da presença de crianças do lar-escola na sala de aula de seu filho. Após ouvi-la com atenção, D. Aparecida

respondeu de maneira educada, mas firme, que a escola era para todos e que assim seria. Se a entendesse ser isso prejudicial para o seu filho, tinha toda a liberdade de transferi-lo para outra Instituição.

O depoimento de E.B.N., egressa do lar-escola, permite que adentremos um pouco mais na complexidade dessas relações de convivência que colocavam à prova sentimentos poderosos movidos pela aceitação, pelas condições da autoestima, pelas relações de superioridade/inferioridade que permeiam o convívio social. Em fala marcada por essas contradições sociais, ela expõe seu pensamento sobre a questão da aceitação/discriminação

Enquanto pequenos, essa diferença não existe, e depois que a gente cresce, também. Isso é coisa de uma certa idade. Mas havia meninas no lar que eram mais resistentes às de fora, pessoas de personalidade difícil, davam problemas até com a gente. [...] Havia amizade (*refere-se a com os de fora*), mas talvez a própria autoestima dos alunos do lar-escola fosse meio baixa e nós ficávamos em nosso grupinho, com as crianças do lar. Então, quando a gente está no nosso grupinho, esse tipo de coisa a gente nem presta atenção se está ocorrendo ou se não está. A gente se sente segura no nosso grupo, mas eles procuravam mesclar a gente, passeios eram feitos juntos. Lembro-me de uma aluna de fora que nos convidou para uma festa de aniversário, isso uma vez. Eu até tinha amizade com algumas pessoas, mas não me lembro de uma convivência, nossa realidade era diferente. Mas a escola em si proporcionava essa junção.

Notemos que ela demonstra que as crianças do lar-escola se protegiam, reunindo-se em um grupo que as mantinha protegidas em seu próprio mundo, o que indica um isolamento em relação aos de fora; no entanto, ela se lembra de ter sido convidada para o convívio com os de fora apenas uma vez no período em que permaneceu ligada à Instituição, o que indica uma possível distância na convivência social também dos alunos de fora em relação aos do lar-escola.

Já os homens entrevistados registram uma percepção muito menor de sentimentos de rejeição ou preconceito. Alguns se referem aos esportes e brincadeiras como ponto de aproximação. Q.S.Q., em conversa informal após a entrevista, recordou por vários minutos como era sempre procurado pelos colegas na hora de formarem os times. “Eu tinha muitos amigos de fora”.

Seria ingenuidade imaginar que esses embates sociais não fossem acontecer, mas apesar deles, a Instituição tinha uma perspectiva de inclusão bem definida, própria da filosofia que a norteou, embora estivesse sujeita às contradições próprias da sociedade.

3.4 O que podemos perceber a partir da observação da documentação escolar.

A ampla documentação escolar gerada pela escrituração da escola ao longo de todos esses anos tornou-se um desafio para nossa pesquisa em função da abrangência.

Optamos por trabalhar, por amostragem, com as fichas modelo 18 e modelo 19, que correspondem aos históricos escolares do Primeiro e Segundo graus

No quadro 1, a seguir, reproduzimos a grade escolar da 5ª. série referente ao ano de 1972, acrescida das iniciais do aluno, se do lar-escola ou da comunidade

Aluno	Condição		Português	Matemática	História	Geografia	Ciências	Ed.M.Cívica	Ed. Musical	Desenho	Francês	Inglês	Artes Indust.
A.D.T.	lar-escola		6,1	7,8	8,0	6,2	5,2	x	6,5	8,7	7,4	8,5	x
N.N.	lar-escola		6,3	8,7	7,7	7,1	5,8	x	7,6	8,6	7,6	8,1	x
M.A.M.	lar-escola		7,2	7,4	8,1	6,8	6,1	x	7,3	7,3	7,7	7,9	x
C.F.B.	lar-escola		7,2	6,8	8,4	7,6	6,1	x	7,4	7,9	7,5	7,8	x
M.O.L.	comunidade		5,6	5,9	7,3	6,6	7,6	x	6,1	8,2	6,2	6,7	x

QUADRO 1 - desempenho escolar por amostragem referente aos alunos da 5ª. série do Educandário Pestalozzi no ano de 1972

Fonte: prontuários de alunos da Instituição – fichas modelo 18

O regimento escolar previa que a média anual mínima para aprovação fosse 5,0. Com exceção de A.D.T. e N.N. que obtiveram, respectivamente médias 5,2 e 5,8 em Ciências, nenhuma criança do lar-escola teve um aproveitamento que possa ser considerado limítrofe.

Ao compararmos o conjunto das notas das crianças do lar-escola com as notas de M.O.L., da comunidade, não notamos diferenças acentuadas, ao

contrário, M.O.L. tem um desempenho ligeiramente abaixo das crianças tuteladas pela Fundação.

Percebemos que as notas confirmam o depoimento da professora responsável pelo acompanhamento escolar em relação ao aproveitamento das crianças, assim como também demonstram serem verdadeiras as impressões dos ex-alunos do lar-escola que compuseram o universo da nossa pesquisa, sobre terem tido um desempenho mediano.

Sem pretendermos entrar na questão da reprodução, presente no pensamento de Bourdieu, por entendermos que tal estudo extrapola os limites deste trabalho, não podemos deixar de indicar que, ao nosso ver, a Instituição conseguia equiparar o capital cultural dos jovens assistidos aos dos demais alunos da comunidade, uma vez que no entendimento daquele pensador francês: “A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança.” (BOURDIEU, 2007, p. 42).

No entanto, a documentação também demonstra que as quatro crianças do lar-escola foram retidas ou desistiram de estudar nos anos seguintes:

- A.D.T. – Desistiu em 1973, na sexta série;
- N.N. – Desistiu em 1974, na sétima série;
- M.A.M. – Reprovado em 1974, na sétima série;
- C.F.B. - Reprovado em 1974, na sétima série.

As fichas individuais do ano letivo de 1974, tanto de M.A.M. como de C.F.B., indicam os matriculados na sétima série noturna. Isso nos permite saber que os dois jovens haviam completado 14 anos e atingido a idade limite para ficarem no lar-escola. A partir desse momento, já na condição de ex-alunos do lar passavam à situação de alunos externos bolsistas.

O fato de já conhecermos as condições econômicas das suas famílias, associado ao de estarem estudando à noite, permite-nos intuir que, naquele momento, ambos, provavelmente, entraram no mercado de trabalho, já que em 1974 a legislação permitia que jovens de 14 anos fossem admitidos pelas empresas.

É possível, portanto que, mesmo tendo tido um aproveitamento razoável durante seu período de alunas do lar-escola, muitas crianças tenham abandonado a escola quando deixaram a Instituição.

A análise das fichas de quatro alunos do lar-escola que cursaram a 5ª. série em 1974 leva-nos aos mesmos padrões do grupo de 1972 no que se refere ao aproveitamento escolar: quando fizemos os cálculos da média geral das notas de E.C., D.B.S., N.S.F. e A.C.T., obtivemos o resultado 6,82.

Entretanto, o destino desse segundo grupo foi a transferência. Todos eles, apesar de terem direito a uma bolsa de estudos deixaram o Educandário Pestalozzi. Muitas famílias consideravam a distância entre a escola e sua casa, o fato das aulas se encerrarem às 23 horas, a necessidade de transporte coletivo, custos variados e optavam por escolas estaduais mais próximas.

O pedido de transferência, porém, é um indício do interesse em dar continuidade aos estudos.

Por outro lado, G.C., T.S.M. e H.B.S., usufruíram da bolsa de estudos garantida pela Fundação até o final do então denominado 2º. Grau e concluíram seus estudos com desempenho bastante similar ao dos alunos da comunidade. Isso pode ser aferido ao compararmos as fichas escolares referentes aos dois grupos; os egressos do lar-escola e os da comunidade.

Aluno	Condição		Ling. Port e Literatura	Ling. Estr. Inglês	História	Geografia	OSPB	Matemática	Programa de saúde	Física	Química	Biologia
G.C..	Ex-aluno do lar-escola		6,4	6,4	-	-	6,3	7,6	5,8	5,1	5,3	6,5
T.S.M.	Ex-aluno do lar-escola		5,8	7,8	-	-	6,1	6,8	7,7	5,6	8,2	5,9
H.B.S.	Ex-aluno do lar-escola		6,3	7,5	-	-	7,7	7,1	5,9	5,9	5,7	5,9
G.L.N.	Comunidade		7,1	7,4	-	-	5,7	6,3	7,6	5,4	8,4	5,8
G.C.N.	Comunidade		6,0	6,5	-	-	6,0	6,0	6,2	7,5	6,0	5,5

QUADRO 2 - desempenho escolar por amostragem referente aos alunos do 3º. ano do 2º. grau da Escola de 1º. e 2º. Graus da Fundação Educandário Pestalozzi no ano de 1976

Fonte: prontuários de alunos da Instituição – fichas modelo 19

Assim como pudemos observar no quadro comparativo relativo ao 1º. Grau, também aqui, não notamos grande discrepância entre as notas observadas.

De modo geral, portanto, podemos concluir que o desempenho escolar das crianças do lar-escola pode ser considerado bastante positivo.

CAPÍTULO 4 A CONJUNTURA ECONÔMICA E SUA RELAÇÃO COM PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA ESTRUTURA DO LAR-ESCOLA NA DÉCADA DE 1990

4.1 A crise sistêmica do capitalismo mundial e alguns desdobramentos na realidade econômica brasileira

Muito se tem dito sobre a crise mundial que se iniciou nos anos 70, com a crise do petróleo e sobre a sua relação com o advento do neoliberalismo. Mesmo assim, a título de subsidiar nossa pesquisa, retomaremos, de forma breve, o tema com a finalidade de contextualizarmos nosso objeto de pesquisa. Tratam-se de algumas poucas pontuações para podermos encaminhar nossas reflexões.

Fishlow (1986, p. 507), ao analisar as mudanças ocorridas na política econômica brasileira entre 1974 e 1984, afirma que, quando Ernesto Geisel assumiu a presidência, em março de 1974, ainda reinava a euforia do “milagre” econômico, apesar da brusca elevação do preço do petróleo ocorrida poucos meses antes. O crescimento anual espetacular a taxas superiores a 10%, levava a visões de grandeza e ufanismo. Anos depois, em março de 1985, João Batista Figueiredo deixou o governo de um país que estava assombrado diante de uma taxa inflacionária que saltara de 40% para 200% ao ano, com uma renda per capita em declínio e um aumento colossal da dívida externa.

Para Tavares e Fiori (apud SOARES, 2001, p. 19) os problemas brasileiros se inseriam em um movimento de ajuste global que se desenvolvia em um contexto de globalização financeira e produtiva, como parte de um processo de rearranjo da economia global caracterizado por transformações hierárquicas nas relações econômicas e políticas internacionais e feito sob a égide de uma doutrina neoliberal amparada pelo Consenso de Washington. Nunca antes se vira tal aceleração no fenômeno da globalização.

Como aponta Palma Filho (2005a, p. 18-19), a crise econômica que se estabeleceu, após a crise do petróleo, promoveu as condições para o ressurgimento do ideário neoliberal baseado principalmente no pensamento de Hayek (1945), para quem a liberdade de mercado é a solução para todos os males de que padece o

mundo contemporâneo. O importante, na perspectiva desse pensamento, é garantir as condições para a lucrativa acumulação de capital. Na década de 1980, Margaret Thatcher (Inglaterra) e Ronald Reagan (EUA) tornaram-se expoentes dessa doutrina. A partir dos anos 1990, a globalização já era vista como o destino irremediável do mundo e um processo irreversível.

Azevedo e Portugal (1997) compreendem que o governo Collor, empossado em 1990, passaria a adotar algumas medidas neoliberais, como por exemplo, ao aprofundar as mudanças no regime de importações do país, com destaque para a eliminação das barreiras não-tarifárias⁶, a manutenção da redução gradual das alíquotas de importação, então através de um cronograma de redução tarifária, e a abolição da maior parte dos regimes especiais de importação. A essa conjuntura, associou-se ao fato de que, com a implantação do Plano Real, deu-se a aceleração do processo de eliminação das restrições às importações, mecanismo ali usado para controle da inflação.

Esse é o cenário no qual se insere a crise vivida localmente pela indústria de calçados. Serão esses os parâmetros que teremos em mente ao aprofundarmos nossos estudos sobre a crise da Fundação Educandário Pestalozzi.

4.2 Alguns aspectos sobre o desenvolvimento econômico da Fundação Educandário Pestalozzi

Ao nos apropriarmos de aspectos da filosofia, da estrutura, das características do trabalho e, após termos uma amostragem dos resultados educacionais, sentimo-nos em condições para estudar os aspectos econômicos que garantiram a estruturação da Fundação, além de buscar aferir quais foram as implicações dos reflexos das políticas públicas, nesse âmbito, para a Instituição.

Levantamos junto à diretoria da Instituição a informação de que até o início da década de 1990, os repasses governamentais não chegavam a 5% dos valores necessários para que a Fundação mantivesse o seu trabalho sócio-

⁶ As barreiras não-tarifárias (BNTs) são restrições à entrada de mercadorias importadas que possuem como fundamento requisitos técnicos, sanitários, ambientais, laborais, restrições quantitativas (quotas e contingenciamento de importação), bem como políticas de valoração aduaneira, de preços mínimos e de bandas de preços,

educacional. Aliás, foi a pequena participação econômica governamental nas entidades assistenciais que levou a Fundação a buscar a autonomia econômica através de uma fábrica de calçados.

Apesar de haver encontrado uma solução econômica que garantisse a sua sobrevivência desde o seu início, a entidade esteve sujeita às políticas públicas, sejam elas as educacionais, quando devia adequar suas escolas e currículos às diretrizes nacionais para a educação; sejam as sociais, em função da visão governamental para essas questões; sejam as políticas econômicas, que influíram diretamente sobre os rumos da fábrica de calçados que alicerçava economicamente a entidade e financiava o seu crescimento.

A entidade se constituiu a partir de uma série de paralelismos não-dissociáveis e que se entrelaçam ao longo do tempo. Entretanto, em função da economia ser fundamental para a existência do trabalho institucional, vejamos como se comporta esse aspecto nessa rede de associações: se partirmos do princípio de que a Fundação Educandário Pestalozzi estava ligada à indústria de calçados francana e essa se inseria no processo de industrialização do Brasil, percebemos que a Fundação sempre foi movida por esse diálogo econômico entre o geral e o particular.

O que não podemos perder de vista é que a Instituição se tratava, sob o aspecto jurídico, de uma Fundação. Dessa maneira, por força da legislação, os recursos econômicos obtidos pela fábrica de calçados sempre estiveram atrelados às demais ramificações da entidade, de uma maneira indissolúvel; por isso, para a Fundação Educandário Pestalozzi, as políticas públicas nos níveis econômico, social e educacional sempre foram interdependentes, uma vez que os recursos financeiros obtidos pela Instituição deveriam ser revertidos para o trabalho prestado. Os reflexos das políticas públicas determinavam os movimentos internos que conduziam às decisões administrativas e aos investimentos da Instituição.

Isso pode ser demonstrado pelo histórico da Fundação, quando verificamos o quanto o sucesso ou o insucesso nos negócios calçadistas se inter-relacionam com a estrutura geral da Instituição. Procuraremos confirmar esse ponto de vista a partir dos primeiros tempos da indústria de calçados Pestalozzi.

Sabemos que experiência da fábrica foi favorável desde que se deu a substituição da experiência amadora em torno da fábrica Calçado Narizinho pela profissionalização da fábrica de calçados. Naquela época, houve a coincidência

dessa iniciativa com o bom momento vivido pela indústria de calçados de modo geral.

Em um primeiro momento, nas décadas de 60 e 70 a fábrica de calçados teve um rápido crescimento. Naquela época, como a produção estava voltada para o mercado interno, o empreendimento foi estruturado para esse fim. Construíram-se modernas instalações para a fábrica de calçados (Figura 22) e foram inauguradas, em decorrência do crescimento econômico, aproximadamente 40 lojas da marca Pestalozzi nas principais capitais e cidades do Brasil, com o objetivo de dinamizar as vendas e fortalecer a marca no território nacional.



FIGURA 22 - foto aérea do novo prédio da fábrica de calçados Pestalozzi (1970)

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

O sucesso do empreendimento calçadista permitiu uma série de investimentos: a Fundação passou a atuar no Ensino Superior com a criação da Faculdade Pestalozzi de Ciências, Educação e Tecnologia⁷, para tanto a área construída da Unidade 1 foi ampliada para acolher o empreendimento; o número de crianças assistidas pelo lar-escola foi elevado de 100 para 150. Porém, quanto maior a estrutura, maior a vulnerabilidade. Isso fica claro no estudo que se segue.

⁷ O Decreto nº 70373, de 06 de abril de 1972 autoriza o funcionamento da Faculdade Pestalozzi de Ciências, Educação e Tecnologia.

4.2.1 Avanços e retrocessos: a crise da Instituição nos anos 1970

A despeito de todo esse crescimento verificado, a Instituição teve problemas. A diretoria da Fundação assim se manifesta em relatório referente às atividades desenvolvidas durante o ano 1974: “[...] é notório que o exercício que hoje se encerra proporcionou-nos provas difíceis de serem superadas e problemas os mais complexos em tôdas as áreas de nossas atividades.” (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1974, p. 1).

Apesar dos aspectos positivos relativos a essa ampliação em sua estrutura, a Fundação ressentiu economicamente. O Relatório especial da Fundação Educandário Pestalozzi, referente ao exercício de 1974, veiculado sob forma de suplemento do jornal Comércio da Franca, em 28 de janeiro de 1975, permite-nos visualizar as dificuldades enfrentadas.

O documento é composto por um relatório da diretoria, bem como pela demonstração da conta “Receita e despesa” de 1974, balanço geral, receitas e despesas de todas as áreas da Fundação: Educandário, Faculdade, Conservatório Musical, Marcenaria e Livraria; além da previsão orçamentária da Fundação para o ano de 1975.

Esse documento (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1974, p. 2), assim aborda a situação econômico-financeira:

Embora detentora de um patrimônio imobiliário estimado em Cr\$ 15.000.000,00, continua a Fundação experimentando uma situação financeira difícil, em virtude dos elevados déficits escolares e de imobilizações realizadas nos últimos dois anos, em virtude do desenvolvimento da indústria e das atividades educacionais. Por outro lado, temos contado com atrasos de nossos clientes e de outros fatores que causaram prejuízos no ano que hoje se finda.

No que se relaciona às atividades assistenciais e educacionais, o documento apresenta um levantamento dos déficits e analisa os motivos desses. Diz o relatório:

Mantivemos em nossas Escolas em 1974, 3100 alunos, com aproximadamente 50% de bolsas de estudo, além de 150 crianças assistidas pelo lar-escola, com assistência total. Essas atividades custaram à Fundação um montante líquido de Cr\$ 2.111.726,58. Trata-se de um investimento, porque ao nosso ver, educar é investir. De certa forma todos

os alunos recebem bolsas, pois além dos 50% que não pagam, os alunos que pagam estudam com anuidades fixadas em menos da metade de seu real valor. (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1974, p. 2).

No quadro 3, pode-se perceber como esse era um processo contínuo e que se agravava ano a ano.

Ano	Montante do déficit
1970	168.374,52
1971	470.933,31
1972	645.558,52
1973	1.203.844,60
1974	2.104.386,22
TOTAL	4.593.097,16

**QUADRO 3 - DÉFICITS DAS ATIVIDADES ESCOLARES ENTRE 1970 e 1975
(em Cr\$)**

Fonte: Relatório da diretoria referente às atividades desenvolvidas durante o exercício de 1974

Segundo o parecer da diretoria, um dos agravantes para essa situação eram os investimentos no Ensino Superior. Isso fica posto quando o Relatório assim justifica esse investimento:

Estamos desenvolvendo uma Faculdade de Tecnologia altamente deficitária porque acreditamos em seu futuro admirável. Por esta Faculdade, Franca ainda exportará técnicos altamente qualificados para todos os cantos do país. Cremos que a Faculdade será deficitária ainda por dois ou três anos. A partir daí será auto-suficiente. Ainda no ano de 1975, poderemos experimentar a evolução de nosso ensino superior. (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1974, p. 2).

Porém, percebemos que a indústria de calçados encontrava-se comprometida e sem condições de continuar mantendo toda aquela estrutura. O plano imediato da diretoria da Fundação para debelar o problema recaiu sobre o propósito de recorrer aos governos da União e do Estado para suprirem os déficits previstos para 1975 nas atividades educacionais e assistenciais:

Todavia, estamos atentos para o problema e pretendemos nos anos de 1975 e 1976 recorrer à ajuda dos governos da União e do Estado, para o suprimento dos déficits previstos para 1975 nas atividades educacionais e assistenciais, *de forma a não utilizarmos dos recursos da indústria por dois anos, o necessário para atingirmos o equilíbrio das finanças* (FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI, 1974, p. 2, grifo nosso).

A distância entre as subvenções estaduais e federais recebidas pela Fundação e as suas necessidades orçamentárias era bastante acentuada, conforme podemos verificar no quadro 4 sobre as receitas do Educandário, no ano de 1974:

Receitas	
Taxas e mensalidades	644.528,44
Subvenções estaduais	56.700,00
Rendas diversas	1.419,00
Subvenções federais	11.000,00
TOTAL	713.647,44

QUADRO 4 - RECEITAS DO EDUCANDÁRIO NO ANO DE 1974 (em Cr\$)

Fonte: Relatório especial da FEP referente ao ano de 1974, p. 8

Considerando que o montante total das despesas era de Cr\$ 2.244.469,00, o valor obtido com subvenções, que totalizava Cr\$ 67.700,00, representava menos de 3% das necessidades da Instituição. A expectativa da diretoria em relação a um aporte financeiro estatal, da ordem que se fazia necessária para sanear as dívidas que se apresentavam, pareciam excessivamente otimistas.

De fato, a conjuntura nacional não colaborou para que tais esperanças se concretizassem, pois o Brasil também enfrentava os seus problemas. O chamado “milagre brasileiro” (1968-1973) chegava ao fim com o esgotamento de um modelo econômico abalado pela crise do petróleo de 1973⁸. Sem uma resposta governamental, a Fundação Educandário Pestalozzi fez um ajuste radical: vendeu todas as suas lojas de calçados e, sua mais profunda mudança: vendeu, em 1975, a

⁸ Em outubro de 1973, as nações participantes da OPEP formaram o mais contundente cartel da história econômica contemporânea e elevaram os preços de referência do petróleo bruto nos mercados internacionais de US\$ 2,5 para US\$ 11,0 por barril. Essa inesperada e substancial elevação de preços acarretou, além de ampla redistribuição da renda mundial a favor dos países exportadores de petróleo, sérios problemas de adaptação para os importadores (MARTINS, 1980, online).

Faculdade Pestalozzi de Ciências, Educação e Tecnologia para a Associação Cultural e Educacional de Franca (ACEF S/A). Administrada pelo novo grupo, a Faculdade, com o passar dos anos, transformou-se na Universidade de Franca.

Após esse revés, a Fundação reviu os seus objetivos e definiu que passaria a concentrar os seus esforços no trabalho educativo-assistencial.

Em 1978, essa crise estava debelada. Em carta do Sr. S.A.S., datada de 12 de abril de 1978, direcionada à diretoria da Fundação, que teve como objetivo sugerir que a mesma analisasse um pedido de doação de verbas à duas instituições espíritas de Franca e uma de Sacramento (MG), o autor assim inicia sua argumentação:

Considerando a atual situação financeira da dessa entidade e julgando já praticamente resolvido o problema primordial da Fundação, que para mim é o lar-escola, agora já em instalações adequadas e podendo a D. Aparecida dar às crianças a assistência material que julgar necessária, venho sugerir a essa diretoria o estudo para a destinação de uma verba mensal para entidades espíritas que passam por grandes dificuldades no momento.

O autor se refere a dois pontos significativos: no primeiro, cita a reestruturação física do lar-escola: a ala que fora construída no início da década de 1970 para abrigar a Faculdade passou por uma grande reforma e a partir de então, uma moderna estrutura composta por dois pavimentos que totalizavam 1028 m², acrescida de pátios e parque infantil, equipada com cozinha industrial, refeitório, salão de costura, enfermaria infantil masculina e feminina, rouparias e salas de aula, passou a abrigar o trabalho assistencial. No segundo ponto, dá mostras de que a entidade havia-se reequilibrado e estava já em condições de ampliar seus trabalhos assistenciais.

Nos anos seguintes, a estrutura produtiva da fábrica foi gradativamente canalizada para as vendas ao mercado externo. Embora já o fizesse desde o início da década de 1970⁹, o que se alterou foi a proporção da produção dedicada a cada um dos mercados.

⁹ Segundo o entrevistado J. C., no ano de 1970 a fábrica Calçados Samello, de Franca (SP) fez a sua primeira exportação para os Estados Unidos e essa experiência foi reproduzida por outras grandes fábricas locais, como, por exemplo, a Calçados Pestalozzi. Em 1974, as exportações dessa fábrica correspondiam a 37,5% das vendas de uma produção que, naquela época, girava em torno de 400.000 anuais.

Essa mudança no enfoque econômico se relaciona às políticas públicas para a exportação e trouxe a Instituição para um novo patamar em seu trabalho assistencial.

4.2.2 A reconstrução da Fundação Educandário Pestalozzi nos anos 1980

Após debelar a enfrentada nos anos 1970 e redefinir o seu trabalho educativo-assistencial, a entidade assistiu ao início de uma grande expansão em seu trabalho assistencial.

Essa expansão está relacionada ao crescimento da fábrica de calçados que mudou o seu perfil: se em 1974, a indústria de calçados produziu 400.000 pares de sapatos por ano, o que nos leva a uma média de 1500 pares por dia, na década de 1980, a produção chegou a 4000 pares por dia, ou seja, a uma produção de 1.000.000 de pares por ano.

Podemos compreender esse crescimento devido à indústria de calçados francana ter sido diretamente envolvida pelas tentativas federais para incrementar as exportações brasileiras nas décadas de 1970 e 1980. Naquela época, houve o esforço de transformar o modelo industrial de substituição das importações historicamente adotado pelo país, em um modelo exportador. Como a indústria nacional se caracterizava por haver se desenvolvido em torno da produção que exigia apenas uma baixa tecnologia, os manufaturados estavam entre os principais produtos que o Brasil tinha para oferecer.

Havia, na época, um esforço governamental para que o país, historicamente exportador de produtos primários, *commodities*, pudesse começar a exportar manufaturados. Entretanto, eram muitas as limitações. Em entrevista que realizamos com um consultor da Abicalçados sobre o histórico da exportação de calçados, percebemos que o início desse processo foi marcado por limitações devido às próprias limitações técnicas da indústria calçadista brasileira. Assim, ele expõe o seu ponto de vista:

[O ministro Delfim Neto] com a visão de futuro, começou com as políticas de incentivo aos manufaturados porque sabia que gerava mão-de-obra, gerava riqueza. Esse setor precisava entrar na

exportação, de uma forma ou de outra, e como fazer isso? O Brasil não tinha *know how* para exportar. E quando eu falo de manufaturados, eu não estou falando apenas de sapato, mas vamos especificar aprofundar naquilo que interessa. Sapato, exportar como? Não se tinha experiência, nem produto, nem se sabia como exportar. (J. C.).

A perspectiva pela qual o consultor analisa as deficiências do processo vinha ao encontro daquilo que um grupo de economistas, com destaque para o economista argentino Raul Prebisch preconizava (SOARES, 2001, p. 31). Segundo sua visão, as estruturas desenvolvidas pelas economias latino-americanas eram pouco diversificadas, pouco integradas com o setor primário exportador, incapazes de difundirem progresso técnico para o restante da economia. Além disso, essas economias emergentes não tinham condições de, a continuarem as condições vigentes de concorrência, diminuir a distância tecnológica entre suas indústrias e as dos países desenvolvidos.

Com base nessas proposições, idealizaram-se no âmbito da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), as bases para o funcionamento do Sistema Geral de Preferências (SGP)¹⁰. Eram medidas protecionistas uma vez que uma das características desse Sistema é a inexistência da necessidade de contrapartida, ou seja, o mercado se abria para determinados produtos brasileiros sem que o Brasil precisasse importar daqueles parceiros.

Franca se inseriu nesse contexto porque do ponto de vista regional, ocorreu a inter-relação entre as características locais¹¹ e as condições econômicas

¹⁰ Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o SGP foi assim idealizado para que mercadorias de países em desenvolvimento pudessem ter um acesso privilegiado aos mercados dos países desenvolvidos, em bases não recíprocas, superando-se, dessa forma, o problema da deterioração dos termos de troca e facilitando o avanço dos países beneficiados nas etapas no processo de desenvolvimento. Por meio do SGP, certos produtos, originários e procedentes de países beneficiários em desenvolvimento (PD) e de menor desenvolvimento (PMD), recebem tratamento tarifário preferencial (redução da tarifa alfandegária) nos mercados dos países outorgantes desse programa. (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR, online).

¹¹ A História da indústria coureiro-calçadista de Franca se confunde com a própria história da cidade. Entretanto, ali as rápidas mudanças processadas no país após 1930 se fizeram sentir ativamente. A cidade se transformou em um ritmo até então jamais visto. [...] A ideia de progresso parece estar intrinsecamente ligada à vida brasileira a partir dos anos 30-40. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder, com a Revolução de 1930, dá o impulso inicial a um rápido processo de industrialização que é levado a cabo em todo o país. O interior recebe com especial satisfação a chegada do progresso. Aos poucos, a riqueza advinda do café foi sendo substituída pela produção das fábricas. (COELHO, 1997, p. 74).

da cidade de Franca, que a partir da década de 1960, passou a se transformar em um *cluster*¹² industrial. Embora existissem fábricas de calçados instaladas na cidade nas décadas anteriores, foi a partir dos anos 60 que o setor calçadista começou a se caracterizar por grande dinamismo.

Dessa forma, Franca tinha as condições necessárias para acompanhar o movimento exportador da indústria brasileira a partir da política protecionista introduzida pelo SGP. Naquela época, a indústria de calçados nacional passou a exportar em grandes quantidades principalmente para os Estados Unidos da América. Nesse período, as fábricas de calçados maiores e melhor estruturadas passaram a direcionar sua produção para a exportação.

A Fábrica de Calçados Pestalozzi estava entre os grandes exportadores de Franca, e o destino da Fundação foi definido por essas circunstâncias: ao mesmo tempo em que experimentou um forte crescimento, viu-se diretamente influenciada pela complexa conjuntura econômica daqueles anos.

É comum que a década de 1980, no Brasil, seja lembrada como a “década perdida” em função da crise do endividamento externo e o desajuste interno da economia brasileira¹³. Como consequência desse processo, o país passou a conviver com um cenário econômico adverso, marcado pela escalada inflacionária e pela estagnação da economia. Esse cenário econômico enfraqueceu o mercado interno.

Diante disso, a indústria de calçados que tinha seus produtos protegidos pelo SGP, passou a destinar a maior parte da sua produção para a exportação. Ademais, havia vários outros incentivos governamentais às empresas exportadoras.

¹² *Clusters* são concentrações geográficas de empresas e instituições inter-relacionadas em um setor específico. Os *cluster* englobam uma gama de empresas e outras entidades importantes para a competição, incluindo, por exemplo, fornecedores de insumos sofisticados tais como componentes, maquinário, serviços e fornecedores de infraestrutura especializada (*Clusters and the new economics of competition*, Harvard Business Review apud CORREA, 2001 p. 68).

¹³ A esse respeito, partindo dos estudos de Fiori, Soares (2001, p. 153) “[...] analisa a conjuntura interna brasileira afirmando que a expressão interna da crise dos anos 80 se dá no Brasil, numa perspectiva histórico-estrutural, no chamado esgotamento do “Estado Desenvolvimentista”, cujo padrão se baseava no tripé Estado-Capital estrangeiro-Capital nacional, com surtos de crescimento e desenvolvimento que possibilitavam os movimentos de “fuga para a frente” onde se acomodavam os diversos interesses dominantes. [...] O estado brasileiro se encontra econômica e politicamente fragilizado diante da crise dos anos 80, sem contar com os recursos (econômicos e políticos) para enfrentar as medidas de ajustes que se impunham naquele período.”

Em sua entrevista, o consultor da Abicalçados entende que resoluções do Banco Central, como por exemplo, a Resolução Bacen 674/81¹⁴ as quais na prática representavam ações protecionistas do Estado em relação a alguns setores da indústria brasileira, tiveram grande ligação com o quadro econômico vivenciado pela indústria de calçados francana na década de 1990.

Entretanto, ao se referir ao processo, especificamente, ele diz que

As Empresas exportadoras começaram a entrar no mercado americano. Se ela, por exemplo, exportou um milhão de dólares naquele ano, fazia o termo junto ao Banco Central cuja operadora era a CACEX. Então, junto à Carteira de Comércio exterior, essa empresa se comprometia a exportar no exercício que começava, ao invés de um milhão de dólares, dois. Assim, ela tinha uma *performance* a cumprir durante aquele período. E o que significava isso? Significava que sobre aquela exportação, sobre aquela *performance* a mais que estava conseguindo, ela tinha quarenta por cento de financiamento do Banco Central, sem juros. Isso era, altamente benéfico. Eram juros subsidiados pelo próprio Banco Central. Muitas vezes, dependendo da operação, isso ia a fundo perdido. Foi onde nós tivemos um bom desenvolvimento de indústrias do setor, no caso de Franca e muitos montaram fábricas para poder exportar. (J. C.).

Essas políticas protecionistas provocaram um crescimento jamais vivido pela cidade de Franca. Mas especificamente, no caso da Fundação Educandário Pestalozzi, do ponto de vista contábil, passa a ocorrer um aumento dos valores referentes ao ativo da empresa; ou seja, as condições financeiras ficaram cada vez mais favoráveis. Devido à sua condição jurídica, mesmo que não tivesse tal propósito, a entidade se via na necessidade de utilizar os recursos obtidos nas atividades socioeducacionais por ela desenvolvidas.

Em decorrência desse processo, ocorreu um forte crescimento nos serviços oferecidos à comunidade. Segundo o depoimento de um dos diretores da Fundação a expansão deu-se

Dentro do próprio serviço de lar-escola, havia o da Unidade I, depois se formaram outros dois em dois bairros, [totalizando] portanto, três unidades. Mais adiante, como o Doutor Tomás era muito ligado à cidade de Sacramento e gostaria de ajudar no serviço social, no trabalho de Eurípedes Barsanulfo, ele construiu lá uma fábrica de calçados, mas com todo auxílio técnico e até financeiro, com a hipótese de fazer um Lar-escola em Sacramento. Na época, houve muita expansão. Depois, também se adquiriu uma fazenda que tinha o objetivo de fornecer alimento para os próprios

¹⁴ A resolução Bacen 674/81 favorecia as empresas exportadoras que se cadastrassem junto à Carteira de Comércio Exterior (CACEX), com subsídios de até 40% sobre o valor exportado. O valor do subsídio da indústria calçadista correspondia a esse teto. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 1981, online).

lares-escola, para o restaurante da fábrica que dava refeição aos seus funcionários. Ali na fazenda, como o Doutor Novelino tinha um sonho de construir um grande observatório [astronômico], iniciou-se a obra [cuja construção avançou] noventa e cinco por cento.

Conheçamos um pouco mais de perto esses novos empreendimentos da Fundação, suas características e amplitudes.

4.3 A Unidade II – Histórico e estrutura

Essa unidade foi criada em 1982, na Vila Santa Helena, Zona Oeste da cidade de Franca. Iniciou suas atividades atendendo 180 crianças por mês no regime de lar-escola, já desenvolvido pela Fundação em sua Unidade I.

O prédio foi construído em uma área bastante ampla e foi planejado para abrigar, além das instalações da parte assistencial, uma escola que atendia tanto às crianças do lar-escola como os alunos da comunidade. Os mais carentes eram bolsistas e aqueles que tinham condições pagavam pelos estudos, embora os pagantes fossem a minoria. Ali, eram oferecidos cursos que iam desde a educação infantil até a série final do então 1º. grau, a oitava série.

Na sua parte física, a Unidade II contava com as mesmas características da Unidade I: salas de aula, anfiteatro, quadra esportiva, campo de futebol e parque infantil, consultório médico, consultório dentário, enfermaria infantil masculina e feminina, cozinha industrial e refeitório, salão de costuras e lavanderia industrial.

Ofereciam-se, segundo a diretora da época, o transporte das crianças de suas casas até o lar-escola e dali de volta às casas, cinco refeições diárias, escola formal e acompanhamento escolar, atendimento médico-dentário realizado por profissionais contratados pela Instituição, formação ético-moral, atividades musicais com a banda e o coral.



FIGURA 23 - vista parcial da estrutura física da Unidade II – Pestalozzi (s/d)

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino



FIGURA 24 - Coral Bate-Boca, formado pelas crianças do lar-escola – Unidade II (1998)

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Os alunos assistidos pela Unidade II tinham um bom conceito do lugar. Q.B.T., que frequentou a entidade nos anos 80, afirmou que

Pra nós que era de classe baixa, lá era uma escola muito boa. Considero que lá era muito bom; em termos de tudo: alimentação, educação, parte de saúde e de tudo eles atendiam. [...]Fez diferença na aprendizagem, no convívio, eram muitas crianças, a cidade inteira convivia ali, a educação como a escola, era muito boa. Foi numa parte mais infantil minha, mas esquecimento eu não tenho não, porque foi uma escola boa.

4.4 A Unidade III – Histórico e estrutura

A Unidade III iniciou suas atividades em 1983, no bairro City Petrópolis, localizado na zona norte da cidade de Franca. A ex-diretora da Unidade conta que a Fundação tinha um plano de expandir o seu trabalho assistencial de modo a poder atender as várias regiões da cidade. Interessava ao Dr. Novelino e à D. Aparecida que a terceira unidade ficasse em um bairro carente para atender à comunidade de forma mais próxima.

Através do seu relato, conseguimos recuperar alguns aspectos da história daquela Unidade. A área que deu origem ao loteamento pertencia à antiga fazenda Petrópolis, cujo proprietário, ao formalizar o loteamento de uma gleba, procurou o casal Novelino e ofereceu-se para doar um lote no qual deveria ser construída uma creche. Ao visitarem o local, os diretores da Fundação perceberam que a localização se adequava aos seus planos de expansão. O loteamento era bastante popular e a comunidade que começava a se formar era muito carente. No entanto, a metragem do lote oferecido somente permitiria a construção de um empreendimento pequeno que atenderia apenas uma parte da população do bairro. Assim, para viabilizar o processo, a Fundação comprou alguns lotes próximos à área que recebera sob forma de doação para a construção da Unidade III em uma área mais ampla.

Como o filho do doador fosse engenheiro civil, ofereceu-se para fazer a planta e assim se construiu aquele lar-escola. Dessa forma, o prédio da nova Unidade foi construído para ser uma escola, ele foi concebido, não foi adaptado.

Desde o ponto de vista da estrutura física, a escola já tinha todas as condições físicas de que as crianças precisavam e mereciam para terem todo o conforto.

Tão logo foram concluídas as primeiras instalações, a nova escola começou a funcionar. O atendimento inicial foi de apenas 70 crianças. Conforme as demais estruturas foram sendo concluídas, o número de atendimentos foi aumentando. Foi uma construção rápida. Essa Unidade chegou a atender 700 crianças. Desses atendimentos, 270 crianças pertenciam ao lar-escola e as outras 430 eram da comunidade. Todas as crianças eram bolsistas.

Já com as três unidades em pleno funcionamento, sob a supervisão e aconselhamento da D. Aparecida, com a participação das diretoras e da assistente social, formalizou-se um regimento para os lares-escola. Essa formalização iria ser fundamental para que o serviço social procedesse à seleção das crianças que seriam atendidas.

Naquele momento, a Fundação buscava se aproximar, ao máximo, da assistência em detrimento do assistencialismo, embora, como já discutimos, nem sempre fosse possível.

Assim como nas demais unidades, o atendimento às crianças do lar-escola era integral. Já temos feito a descrição desses serviços, entretanto, talvez fosse interessante conhecê-los a partir da fonte primeira. Assim, transcrevemos, a seguir, o depoimento da Diretora, que descreve a rotina e a dinâmica da Instituição

[...] os serviços oferecidos às crianças eram muito completos: a criança era trazida para a Unidade pela própria Fundação, no ônibus da Fundação; Depois, ela permanecia o dia todo até a tarde quando retornávamos com ela. A cidade foi dividida em três setores: nós atendíamos a parte norte da cidade até a Santa Terezinha e Leporace, que eram os bairros mais próximos de lá. As outras unidades atendiam aos outros setores, de forma que a Fundação atendia a toda a cidade. A criança chegava no ônibus pela manhã, vinha com a roupinha dela de casa; cada criança tinha o seu armário. Ela tirava a roupinha, guardava; quando eram dois, três irmãozinhos, eles usavam o mesmo armário. Em seguida tomavam banho, colocavam uniforme da escola porque iam para a escola e se igualavam a todas as crianças que chegavam, naquele momento, uniformizadas. Iam para a sala de aula onde permaneciam, mais ou menos até o meio dia. [...] Depois, tiravam o uniforme, vestiam uma roupa que a Fundação oferecia: não era uniforme, era uma roupa comum, colorida, diferente. Elas almoçavam, faziam a escovação, eram recebidas em grupos, por outras professoras que eram chamadas professoras do lar-escola, para todas as atividades que tinham no período da tarde.[...] Lá, elas passavam pelo médico, quando necessário. O médico atendia diariamente, de forma preventiva e também de acordo com as necessidades diárias. Havia a enfermaria para os repouso necessários. Havia a dentista que atendia na mesma sistemática que o médico. Havia a enfermeira que ficava o dia todo cuidando das necessidades nos pequenos acidentes, ministrando remédios.

Havia também as costureiras que faziam e arrumavam as roupinhas das crianças. No funcionamento da cozinha, as crianças recebiam cinco refeições: café da manhã, o lanche, o almoço, o lanche da tarde e o jantar. Eles saíam da escola a partir das 17h30 já alimentados.

Essa descrição coincide com os depoimentos que colhermos nas entrevistas junto aos ex-alunos, como por exemplo a de N.C.N., que ali estudou: “Eu gostava daquele jeito de chegar, tomar banho, tomar café, trocar a roupinha que estava no armário. [...] lembro que tinha enfermaria, o quartinho onde a gente ficava deitada caso tivesse uma febre.”

4.5 A fazenda e o observatório astronômico

Por ocasião da expansão dos lares-escola, a Fundação comprou uma fazenda cujo objetivo era o fornecimento de leite, verduras e legumes tanto para as crianças assistidas, como também para suprir as necessidades do restaurante mantido para atender aos funcionários da fábrica de calçados.

A estrutura montada em torno da produção era moderna, além de haver uma preocupação com a qualidade de vida do trabalhador rural. Observemos, na figura 25 as construções que foram feitas para a moradia dos colonos :



FIGURA 25 - Casas dos trabalhadores rurais que moravam na fazenda Pestalozzi

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Há um elemento recorrente nas construções idealizadas por Novelino: a preocupação em garantir dignidade e conforto às pessoas que ali vivessem ou convivessem.

Esse conjunto de casas que foi construído na fazenda Pestalozzi para a moradia dos trabalhadores rurais demonstra bem essa característica porque, na maioria das vezes, o padrão de moradia, nesse meio, era bem mais simples. Casas lajotadas, com amplas venezianas, acabamento externo diferenciado, com proteção de alambrados e pequenos jardins às portas ilustravam muito bem essa visão humanista.

O perfeccionismo e pioneirismo também se faz presente ao observarmos as características dos recursos instalados no lugar como podemos notar na figura 26:



FIGURA 26 - ordenhadeira mecânica instalada fazenda Pestalozzi na década de 1980¹⁵

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

Novelino tinha grande fixação pela qualidade. Se nas suas escolas podemos encontrar portas e assoalhos que foram feitas em madeira de lei, além do que havia de mais moderno em termos tecnológicos, a Fazenda não era uma

¹⁵ Segundo dados estatísticos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) - Embrapa Gado de Leite), no ano de 1995 apenas 2,2% dos produtores de leite do Estado de São Paulo informaram utilizar ordenhadeira mecânica. (R. ZOCCAL, 1995, online).

exceção, por isso, ver que as ordenhadeiras mecânicas lá foram instaladas há mais de vinte anos, não surpreende, apenas confirma essa faceta de sua personalidade.

Moderna, bem equipada, a fazenda foi pensada para atender a toda expansão da parte assistencial. Era esse, portanto o seu principal objetivo: fornecer alimentos saudáveis para as crianças e para os trabalhadores da fábrica.

Foi também nesse espaço, longe das luzes da cidade, que a Fundação se propôs a construir um dos mais modernos observatórios astronômicos (Figura 27) do Brasil. Novelino que aprendera, ainda jovem, a amar as estrelas com seu professor Eurípedes em Sacramento, era defensor da ideia de que os alunos deveriam ter ali aulas de física experimental e astronomia, de que deveriam ser capazes de polirem lentes, usando as noções de ótica de construir pequenos telescópios com os quais pudessem aprender a ler o universo. Esse sonho não se realizou totalmente, pois, já no final dos anos 80 e no início dos anos 90, a Fundação vivenciou a sua segunda grande crise e o observatório, a fazenda, assim como outras importantes conquistas de toda uma vida foram abaladas.



FIGURA 27 - observatório astronômico Eurípedes Barsanulfo; o detalhe, o telescópio

Fonte: Acervo pessoal de Cleber Rebelo Novelino

4.6 A grande crise dos anos 1980 e 1990

No final da década de 1980 e na década de 1990, a indústria de calçados francana começou a sentir os reflexos das mudanças ocorridas nas conjunturas nacional e internacional.

Internamente, recessão associada à hiperinflação, fim do protecionismo governamental à indústria de calçados, políticas econômicas inconfiáveis, maxidesvalorizações da moeda nacional, abertura de mercado em 1990 e externamente, a política neoliberal e a globalização. Esses foram alguns dos problemas que se refletiram na indústria calçadista francana.

Dados do Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca nos demonstram que se tratava de uma crise grave, que marcaria de maneira bastante ampla, profunda, o setor coureiro-calçadista da cidade.

No quadro 5, podemos verificar as oscilações ocorridas na produção anual de calçados, em Franca, entre 1984 e 1999.

Ano	Pares	Ano	Pares
1984	32,0	1992	25,7
1985	30,0	1993	31,5
1986	35,0	1994	31,5
1987	17,0	1995	22,0
1988	24,0	1996	24,8
1989	27,0	1997	29,0
1990	27,0	1998	29,0
1991	24,0	1999	29,5

QUADRO 5 - PRODUÇÃO ANUAL DE CALÇADOS (MILHÕES DE PARES)

Fonte: Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca (2006)

Vemos que o desempenho em 1987 foi particularmente ruim e nos anos posteriores, de 1988 a 1992 as exportações não conseguiram apresentar a mesma *performance* do início da década. Percebemos uma pequena melhora em 1993 e 1994, para mais uma vez observarmos retração na vendas, particularmente nos anos de 1995 e 1996.

No quadro 6, apresentamos os dados sobre o número de trabalhadores formalmente empregados na indústria de calçados francana entre 1985 e 1992 e no quadro 7, os mesmos dados referentes ao período do ano 1993 até 2000. Também através desses dados, podemos observar a evolução das vagas oferecidas. O comportamento das indústrias em relação às contratações também são indicadores da recessão vivida naquele período.

Há uma situação de retração instalada. Entre 1985 e 1996, cerca de 12.240 postos de trabalho diretos na indústria calçadista foram eliminados como consequência da situação econômica.

Data	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
JAN	34.676	32.747	36.835	26.480	29.688	29.612	27.335	24.394
FEV	34.062	33.017	36.845	26.178	29.681	28.998	26.874	24.433
MAR	32.392	33.217	36.211	27.062	29.721	29.415	25.659	24.535
ABR	32.172	32.905	34.174	27.433	30.042	29.168	26.329	24.959
MAI	32.665	35.031	32.820	27.640	30.545	29.441	27.272	25.721
JUN	32.570	35.652	30.779	27.913	30.946	29.911	28.202	26.043
JUL	33.066	36.717	27.286	28.734	31.242	30.588	29.125	26.641
AGO	34.680	37.328	27.131	29.129	31.794	30.013	29.240	27.062
SET	33.224	37.279	26.116	29.000	31.761	29.944	28.810	26.941
OUT	33.431	37.240	26.987	29.178	31.281	29.181	27.535	26.983
NOV	32.935	37.062	27.364	29.389	30.042	28.215	26.086	27.039
DEZ	32.169	36.609	26.704	29.408	29.572	27.088	24.939	26.901

QUADRO 6 – NÚMERO DE TRABALHADORES EMPREGADOS (1985-1992) NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA (SP)

Fonte: Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca (2006)

Data	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
JAN	27.046	27.539	24.496	18.932	18.837	16.710	15.215	16.845
FEV	27.128	27.046	24.109	18.163	18.607	16.076	15.153	17.719
MAR	26.921	26.895	23.805	18.074	18.761	16.086	15.794	18.262
ABR	26.977	26.750	23.431	18.386	19.553	16.103	16.158	18.659
MAI	27.220	26.737	23.349	18.689	19.645	16.944	16.720	18.524
JUN	27.499	26.421	22.307	19.349	19.770	17.266	16.855	18.797
JUL	27.259	26.152	21.965	19.477	19.451	17.213	17.144	18.255
AGO	27.414	25.836	21.410	19.330	18.883	17.046	17.226	18.462
SET	27.673	25.932	20.230	19.494	18.485	16.898	17.095	18.981
OUT	27.621	25.002	18.577	19.333	18.311	17.111	17.046	19.711
NOV	27.746	24.949	19.445	19.146	17.716	17.604	17.203	19.241
DEZ	27.364	24.676	18.761	18.791	17.174	15.360	16.927	18.975

QUADRO 7 – NÚMERO DE TRABALHADORES EMPREGADOS (1993-2000) NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA (SP)

Fonte: Sindicato das Indústrias de Calçados de Franca (2006)

Realmente, estávamos diante de uma crise estrutural cujas raízes remontavam aos anos 80, porém estiveram escamoteadas pela política governamental protecionista adotada para o setor calçadista. Sobre esse período, o país enfrentava, segundo Fiori (1992, apud SOARES, 2001, p. 153),

Um processo circular e crônico de instabilização macroeconômica e política: instabilidade da moeda; instabilidade do crescimento; instabilidade na condução das políticas públicas, etc.. A política econômica acabou por submeter-se à própria volatilidade do processo econômico e político, ambos movendo-se em direções opostas. Foram contabilizados nesse período oito planos de estabilização monetária, quatro diferentes moedas (uma a cada 30 meses), onze índices de cálculo inflacionário, cinco congelamentos de preços e salários, quatorze políticas salariais, dezoito modificações nas regras do câmbio, cinquenta e quatro alterações nas regras de controle de preços, vinte e uma propostas de negociação da dívida externa e dezenove decretos sobre a autoridade fiscal.

Como se comportava economicamente a indústria de calçados Pestalozzi diante dessa conjuntura? Um dos diretores da Fundação daquela época assim se expressou: eu não sei explicar o que aconteceu. Éramos uma pujança e, de repente, tudo começou a dar errado.

Em nossas entrevistas, buscamos localizar ex-funcionários que participaram do processo de encerramento das atividades da fábrica. Foi apresentada a seguinte pergunta: *Você entende que a economia mundial e a economia do país estiveram relacionadas com a crise que a fábrica viveu?* A visão apresentada por um deles foi a seguinte:

Eu acho que, principalmente a crise interna do nosso país. Isso é tão nítido que várias outras grandes empresas de Franca fecharam as portas, umas um pouco antes, outras depois, mas com certeza, a nossa política econômica, era irresponsável, porque de um dia para outro, mudavam-se as regras sem mais sem menos e, às vezes, uma coisa que era viável hoje, em função de algumas decisões político-governamentais, no dia seguinte, já não era; isso acontecia muito naquela época.

Notemos que a sua fala em muito se aproxima da síntese que Fiori (1992, apud SOARES, 2001, p. 153), apresentou-nos anteriormente. A colocação do autor que a política econômica acabou por submeter-se à própria volatilidade do processo econômico e político, em um momento em que o modelo desenvolvimentista alcançava a expressão máxima do seu esgotamento. O autor contabiliza não menos que dezoito mudanças nas regras do câmbio perdido entre medidas ortodoxas e heterodoxas para tentar retomar o controle sobre a economia nacional. Quando o ex-funcionário da fábrica de calçados Pestalozzi afirma que “a nossa política econômica era irresponsável”, expõe, de forma indireta, as dificuldades que o empresariado enfrentava em seu dia-a-dia.

Perguntamos a um dos diretores da Fundação se, na opinião dele, a *macro-economia teve algum papel na crise econômica vivenciada pela Fundação naquela ocasião*. Sua resposta é uma reflexão sobre toda a trajetória das exportações de calçados. Passados vários anos, a sua síntese é bastante significativa por demonstrar a questão a partir da situação do exportador. Não de forma técnica, mas sim a partir da prática e suas implicações para o setor. O texto seguinte é uma viagem pelos emaranhados caminhos da economia brasileira nas décadas de 70, 80 e 90. Trata-se de um legado que nos permite encontrar, na sua leitura mais profunda alguma explicação para os descaminhos nacionais e de como

esse descompasso agiu sobre a (des)construção desse país. Eis o que disse ele em seu depoimento:

Eu vou dizer como era antes. Para a política do governo militar, o que interessava era exportar. O país tinha que exportar, essa era a política e havia um incentivo muito grande à exportação, chegando a um ponto tal em que o governo dava um incentivo a quem exportava. Se você exportava, digamos cem dólares, tinha um incentivo a mais que o governo dava e isso facilitou muito o trabalho e aumentou muito a exportação, mas eu acho que não houve um preparo da indústria para dias mais difíceis e, principalmente, não houve um preparo, na indústria para enfrentar a rivalidade no mercado externo. No caso do Pestalozzi, quando se tirou esse incentivo do governo e quando se abriu o mercado, no início do governo Collor em que ele dizia que o carro brasileiro era uma carroça e que ele abriu as portas para aquela enxurrada de fábricas, a mesma coisa aconteceu com o calçado, principalmente em relação ao calçado chinês. Principalmente, as grandes fábricas, as grandes estruturas, não estavam preparadas do ponto de vista de qualificação, de máquinas de empenhos para isso e mais ainda: não estavam preparadas para concorrer com o preço da China, o calçado chinês é um problema não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro. Houve, realmente, uma dificuldade muito grande, principalmente das grandes fábricas tanto aqui quanto no Rio Grande do Sul. E nesse sentido, o Pestalozzi sentiu primeiro, porque o Pestalozzi não era só fábrica, ele era uma locomotiva, um trabalho social, educacional enorme que não se encerrava em um piscar de olhos. E, por mais que se fizesse, por mais que se tentasse reduzir [o trabalho assistencial], isso não foi suficiente para que se estancasse [a crise] e as dívidas foram aumentando. Concentrou-se em exportação antecipada: recebia-se antes de exportar. [...] A um ponto tal que vendeu-se a fazenda, conseguimos autorização para isso, já se estava preparando para vender prédios da Fundação, todo o patrimônio, para acertar isso, quando nós chegamos à conclusão de que, se nós não encerrássemos a fábrica, ela [a Fundação] morreria. Foi quando se resolveu encerrar as atividades da fábrica.

A fábrica de calçados Pestalozzi fechou suas portas em 1995. Esteve entre as primeiras grandes fábricas que sucumbiram. A explicação aparece clara na análise do diretor: a calçados Pestalozzi não era só uma fábrica, era uma locomotiva.

Uma questão nos incomodava: se as exportações haviam se tornado um problema, por que a fábrica não redirecionou suas vendas para o mercado interno? Para o consultor da Abicalçados (informação verbal)¹⁶, isso se deu porque o mercado se tornou autofágico, pois um grande número de empresas quiseram voltar para ele ao mesmo tempo. Algumas delas, no auge das exportações, tinham deixado o mercado interno de lado e, por isso, perderam seus pontos de venda. Os lojistas preferiram continuar dando a preferência para os fornecedores mais fiéis,

¹⁶ Em entrevista concedida a essa pesquisadora em dezembro de 2009

pois sabiam que se a exportação melhorasse, seriam deixados de lado pelas fábricas exportadoras.

Além disso, o mercado interno não conseguia consumir a produção de nacional de calçados, seja pela sua extensão, seja pelas políticas econômicas que, não raro, buscaram o controle inflacionário através de medidas que provocavam recessão econômica.

Os dados do quadro 8 referem-se às vendas para o mercado interno e sobre os valores percentuais dessas vendas sobre o total da produção das indústrias francanas

ANO	MILHÕES DE PARES	%
1984	20,5	64,06
1985	21,2	70,67
1986	27,3	78,00
1987	9,0	52,94
1988	15,6	65,00
1989	17,6	65,19
1990	18,2	67,41
1991	16,8	70,00
1992	14,9	57,98
1993	15,9	50,48
1994	18,6	59,05
1995	14,5	51,73
1996	16,6	66,93

QUADRO 8 - VENDAS DE CALÇADOS PARA O MERCADO INTERNO ENTRE 1984 E 1996

Fonte: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca

Conforme podemos avaliar, há um movimento em direção ao mercado interno nos anos de 1988 a 1992, quando, em média apenas 34,88% da produção é exportada. Mas aparentemente, somente isso não era suficiente para sanear a indústria calçadista francana.

Quando perguntamos a um dos diretores da Fundação sobre os motivos que tinham, na opinião dele, levado a fábrica à falência, ouvimos que, embora ele não tivesse participado das primeiras dificuldades, entendia que houve, em primeiro lugar, talvez pelas facilidades da época, um crescimento exagerado da assistência. Ele conta que a Instituição chegou a atender oitocentas e cinquenta crianças/dia nos lares-escola, além da assistência que ocorria em Sacramento e que era diretamente ligada ao Pestalozzi. Paralelamente ao aumento da assistência, ocorreu a ampliação das escolas. Todas essas coisas se deram sem um respaldo administrativo totalmente profissional. Em segundo lugar, vieram as mudanças governamentais no tocante à exportação. Todas essas coisas aconteceram concomitantemente, e a estrutura, que era enorme, fugiu aos respaldos administrativos.

Diante desse revés, a Fundação Educandário Pestalozzi se viu sem a sua fonte provedora. Com a fábrica fechada, dívidas de grande monta, um enorme trabalho assistencial, a Instituição estava diante de cenário jamais vivido. Naquele momento, como em nenhuma outra ocasião, a Fundação correu um sério risco de ser obrigada e encerrar o seu trabalho.

4.7 O processo de reestruturação da entidade após a instalação da crise

O final da década de 1980 e a década de 1990 serão lembrados como um dos períodos mais difíceis da Fundação Educandário Pestalozzi.

Naquela época, muitos importadores estavam substituindo os contratos com fornecedores do Brasil pelos contratos com a China, que praticava preços muito menores.

Sem visão de mercado, a indústria da calçados nacional, havia-se especializado em fabricar calçados para as grandes redes varejistas, normalmente norte-americanas que, detentoras das marcas, podiam fazer suas encomendas onde mais lhes interessasse. Em tempos de globalização, o calçado brasileiro já não parecia tão interessante.

A Fundação Educandário Pestalozzi, que em 1982 e 1983 tinha criado os lares-escola das Unidades II e III e visto serem multiplicadas várias vezes seus

gastos com as unidades assistenciais viu-se na necessidade de proceder a algumas mudanças para se adequar aos novos tempos. Ainda não se tinha, nesse final da década de 1980, uma visão clara da seriedade da situação financeira da Instituição.

Até 1990 buscou-se manter todos os serviços prestados. Dessa forma, os ajustes foram em alguns aspectos do trabalho. Os lares-escola deixaram de funcionar aos sábados; as cestas alimentícias que eram entregues às famílias para que se pudesse garantir a alimentação das crianças nos finais de semana foram cortadas; a distribuição de cobertores às crianças, por ocasião do inverno, foi suspensa; as crianças passaram a vir com os uniformes escolares de suas casas e, os serviços de manutenção dos uniformes passaram a ser feitos por cada família; as professoras que faziam o acompanhamento escolar foram sendo, aos poucos, substituídas por monitoras estagiárias; houve uma alteração no regimento do lar-escola no sentido de reduzir a idade limite para permanência na Instituição de catorze para dez anos ou até completar a quarta série.

Também a política para as escolas mudou. A partir de 1990, o curso fundamental I, que era gratuito para todos os alunos, passou a ser cobrado. Aos poucos, os valores das mensalidades pagas pelos alunos dos outros cursos foram sendo ajustados para patamares reais de custo; a Unidade II deixou de aceitar matrículas para o Fundamental II, os alunos dessas séries eram transferidos para as classes da Unidade I.

Entretanto, em 1990, compreendeu-se que apenas essas medidas seriam insuficientes para conter a derrocada. Assim, o lar-escola da Unidade I foi fechado e as crianças foram remanejadas para as Unidades II e III. Imaginava-se que o fechamento da Unidade permitisse uma grande economia com professores e auxiliares de todos os setores que trabalhavam diretamente com as crianças. Porém, logo ficou claro que, embora essas medidas tivessem trazido alguma economia, ainda era improvável que a Fundação conseguisse manter todas as crianças. Decidiu-se pelo fechamento de mais uma Unidade.

Assim, em 31 de dezembro de 1994, a Unidade III do City Petrópolis também foi fechada. As crianças da comunidade que ali estudavam foram encaminhadas para outras escolas e as crianças do lar-escola que realmente não podiam prescindir da Instituição foram remanejadas. A diretora responsável por aquela unidade assim registrou esse momento:

Eu vi a Unidade nascer, crescer e depois fechar as portas em 94. Lembro-me de que, quando fui fazer o comunicado aos pais, em um salão cheio, foi muito chocante. Felizmente, naquele momento, houve por parte da prefeitura um apoio. Nós encaminhamos cada criança para a escola do bairro em que ela morava, já os pais de bairros mais distantes tiveram que se organizar melhor. As crianças do lar-escola que tinham extrema necessidade não perderam o espaço porque elas foram encaminhadas para a Unidade II. Foi feita uma triagem e, as famílias que se interessaram e não podiam ficar sem o atendimento foram encaminhadas para a unidade que, naquele momento, permaneceu e permanece até hoje em atividade e que pôde assumir mais crianças por ser em um prédio maior.

Sobre a experiência escola-comunidade naquele período de quase treze anos, a análise feita pela diretora é significativa. Assim, ela percebe aquela vivência:

Enquanto nós estivemos no bairro, a impressão nítida que eu tinha é que nós acendemos um farol naquele lugar. Eu vi o bairro crescer, quando nós fomos para lá, não havia asfalto. Eram pouquíssimas casas, o loteamento ao lado, o Parque do Horto ainda não existia. Miramontes era paupérrimo. Não havia nenhum recurso ali em volta. Depois desse tempo, havia supermercados, açougues, outra escola. De repente, nesse pouco espaço de tempo que nós ali estivemos, eu vi a transformação do bairro, a transformação das famílias; foi uma coisa surpreendente. Eu penso que o lar-escola Pestalozzi levou para aquela localidade um avanço, uma possibilidade para aquelas famílias terem realmente seus filhos atendidos em uma escola de alta qualidade, e isso conferiu à época uma perspectiva muito interessante do ponto de vista social.

No momento, a luta para salvar a Instituição ocorria em várias frentes. Também a fábrica passou por várias ações de readequação administrativa. A diretoria da Fundação, que sempre esteve alheia à administração direta da fábrica, veio para dentro do processo na tentativa de administrar melhor, vistoriar o que estava acontecendo, passou a se interar dos problemas e procurar soluções: a produção diária foi reduzida, assim como foi reduzido o número de unidades fabris para concentrar toda produção em um só local.

Mesmo diante dessas medidas, percebeu-se que, com a fábrica em funcionamento, todos os esforços seriam infrutíferos pois o custo da manutenção de um empreendimento com essas características é muito elevado. Mesmo dispondo de parte de seu patrimônio para honrar fornecedores, funcionários e todos os compromissos que tinham, os administradores não conseguiam reverter o quadro. Por esse motivo, em 1995 as atividades da fábrica foram definitivamente encerradas.

Nesse processo, a Fundação perdeu em torno de 40% do seu patrimônio, mas conseguiu pagar todas as suas dívidas e manter o trabalho assistencial.

Justamente na época, Novelino foi procurado pela televisão suíça. Por ocasião das comemorações pelos 250 anos do Educador J.H.Pestalozzi, uma equipe estava correndo o mundo com o objetivo de registrar experiências que se fundamentassem no pensamento desse pedagogo. As câmeras puderam registrar a fábrica desmontada e no silêncio triste daquele ambiente antes tão repleto de sons e trabalho, um Dr. Novelino triste, dizendo: *perdido, tudo perdido. Agora temos que levantar*. O que nos surpreende nessa cena é ver um homem, aos 96 anos, pronto para recomeçar.

Quanto a esse recomeço, um dos diretores assim explica

Foi difícil até para entender como foi o processo porque a gente não tinha um plano, tentamos reduzir [os custos] ao máximo. Procuramos tornar as mensalidades reais porque elas eram irreais, era muita gente com bolsa e, mesmo aqueles que pagavam, pagavam um valor muito abaixo do mercado. Nós tivemos que fazer um acerto, e conseguimos. Ao mesmo tempo, foi-se negociando as dívidas da fábrica, usando o patrimônio da Fundação. Nós conseguimos vender, negociar com os credores. O prédio da Unidade III foi alugado para a prefeitura durante muitos anos, agora recentemente, foi vendido, não por necessidade nossa, mas por necessidade do município e as coisas foram paulatinamente se equilibrando até o ponto em que a Unidade I, que é a unidade inicial, na qual a maioria dos alunos são pagantes, tornou-se a locomotiva da Fundação e consegue “lucro” que é aplicado nas obras sociais da Fundação. Na Unidade II, continuamos esse trabalho social.

Vendo a Fundação, novamente, aos poucos se reerguer, refletindo sobre o difícil momento atravessado, assim disse Dr. Novelino: Tudo isso não tem real importância, o fundamental é que o cerne foi preservado (informação verbal)¹⁷.

¹⁷ Palestra “Eurípedes Barsanulfo e o casal Novelino” proferida durante o 1º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita, realizado na cidade de Santos/SP no período de 10 a 12 de junho de 2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos os caminhos da Fundação Educandário Pestalozzi descobrimo-nos diante de uma Instituição singular. Havia, desde a sua criação, uma perspectiva inovadora, na qual se percebe a busca por respostas para alguns problemas educacionais já naqueles idos de 1944.

A Instituição nasceu sob a bandeira da liberdade de credo em um momento da história da educação nacional no qual os pioneiros da educação haviam defendido, pouco tempo antes, uma escola laica, opondo-se aos ideais conservadores católicos. Nasceu sob a bandeira do anseio pela paz, inspirada pelos sentimentos que a perspectiva do final da Segunda Guerra Mundial inspirava. Nasceu sob a bandeira de uma educação com preceitos claramente humanitários.

Lourenço Filho (1978, p. 155), em sua obra *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, cuja primeira edição data de 1929, em capítulo intitulado “Ensaio precursor, primeiras ‘escolas novas’ e expansão das ideias de reforma”, afirma que há quem veja nos sistemas didáticos de Basedow, Pestalozzi ou Fröbel, manifestações precursoras da *escola nova*. Apesar daquele autor entender que, em certos aspectos, isso seja possível, para, entretanto, acrescentar que havia um caráter próprio ao movimento escolanovista que somente viria à tona em meados do século XIX, fica registrada a importância do pensamento de J.H. Pestalozzi.

As ideias daquele educador suíço estavam presentes nas palavras de D. Aparecida quando do lançamento da pedra fundamental para a construção da sede própria da Instituição, aquele era, por si só, um pensamento que se distanciava da escola tradicional, ao propor métodos que dessem significado à aprendizagem e ao procurar levar a educação para todos, o que viria também a favorecer aos segmentos pobres da sociedade. Dessa forma, o caráter inovador das ideias defendidas pelos ‘pioneiros’ por certo se aproximava do pensamento daqueles que queriam construir, em Franca, uma escola mais humanitária, mais igualitária e mais universal.

O segundo ponto importante sobre o qual refletimos refere-se à experiência dos lares-escola. No nosso entender, o acolhimento das crianças pobres se deu de uma maneira bastante inclusiva, de forma coerente com o pensamento

que a Instituição já havia manifestado na sua prática educacional. Essa perspectiva, a nosso ver, demonstra que a maneira pela qual a Instituição se organizou levou-a a antecipar-se em mais de quarenta anos às propostas mestras da Conferência de Educação Para Todos em Jomtien, na Tailândia em 1990 e do Fórum de Educação Para Todos, realizado em Dacar, no Senegal, em 2000.

No chamado Compromisso de Dakar, cujas metas vêm sendo monitoradas pela UNESCO (2000) através da publicação de relatórios anuais, podemos notar que dos seis objetivos previstos para serem alcançados até 2015, quatro se referem direta ou indiretamente às crianças: 1) quando se referem aos cuidados e educação de crianças em situação de vulnerabilidade; 2) quando orientam para que seja assegurado a todas as crianças que vivem em situação difícil, notadamente as meninas, o acesso ao ensino gratuito e de qualidade; 3) quando defendem eliminação das disparidades de gênero; 4) ou ainda quando pretendem a melhoria de todos os aspectos da qualidade da educação de modo a garantir a excelência a todos, de forma que resultados de aprendizagem, reconhecidos e mensuráveis, sejam alcançados por todos.

Embora não estejam voltados para o atendimento de crianças de 0 a 3 anos, no período da primeira infância, os lares-escola Pestalozzi, longo desses anos, acolheram crianças em situações de grande vulnerabilidade para assegurar-lhes as condições de segurança em meio as quais pudessem se dedicar aos estudos em escolas que apresentavam os aspectos de qualidade e excelência previstos pela Conferência de Dakar.

É claro que a proposta de Educação Para Todos abrange uma conjuntura que se estende às políticas públicas mundiais. No entanto, não deixa de ser importante registrar que desde 1951, e principalmente após 1963, a despeito da inexistência desse cenário mundial desenhado por conferências e compromissos internacionais, os idealizadores da Fundação Educandário Pestalozzi foram capazes de perceber os pilares sobre os quais se deveria alicerçar a educação das crianças desvalidas, para ficarmos apenas no âmbito da assistência.

Ainda sobre propostas que nortearam os lares-escola, entendemos que também aqui a Instituição se antecipou em muitos anos ao que seria proposto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Desde 1963, quando D. Aparecida reviu o trabalho assistencial que era prestado aos jovens internos e criou o primeiro lar-escola, houve a preocupação em garantir às crianças alguns aspectos

que, somente muito mais tarde, ganhariam a força de lei. Para ilustrarmos nossas conclusões, podemos nos reportar ao Título II, Capítulo II, Artigos 15 e 16, do ECA, onde se lê

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II - *opinião e expressão*; III - *crença e culto religioso*; IV - *brincar, praticar esportes e divertir-se*; V - *participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação*; VI - participar da vida política, na forma da lei; VII - *buscar refúgio, auxílio e orientação* (BRASIL, 1990, online, grifo nosso).

As convicções humanitárias, educacionais e ético-morais que nortearam a Instituição, desde o seu princípio, mostraram-se em consonância com aqueles pressupostos que foram privilegiados pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que dispôs sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ademais, uma última reflexão sobre esse tema nos remete a um ponto bastante significativo: a questão da manutenção dos vínculos familiares de crianças que vivam em situações de exceção. O Estatuto elege como sua primeira opção, a possibilidade da preservação dos vínculos familiares¹⁸. Se voltarmos no tempo e nos recordarmos dos motivos que levaram a Fundação Educandário Pestalozzi a transformar o seu internato em um semi-internato, com todas as características por nós pesquisadas, vamos encontrar no cerne dessa proposta a questão da manutenção dos vínculos familiares, aqui acrescida da preocupação em colaborar para a estruturação ou reestruturação da família de cada criança assistida.

Quanto a esses aspectos não temos dúvidas de que nos deparamos com uma experiência de grande relevância para estudos e análises posteriores pois se trata uma proposta de atendimento a crianças oriundas de famílias “parcialmente constituídas”, que ainda mantém vínculos familiares. Na medida em que essas famílias se estruturaram, mesmo que em parte, e que as crianças estudaram, ampliaram-se as chances de fortalecimento dos laços familiares, bem como as possibilidades dessas famílias romperem a linha da pobreza e ascenderem socialmente. Nenhum dos alunos egressos dos lares-escola, participantes de nossa

¹⁸ Título II, Seção I, Artigo 92.

amostragem, demonstrou viver abaixo da linha de pobreza. Embora saibamos que apenas essa nossa observação não seja suficiente para uma análise definitiva, e que estudos mais profundos possam ser feitos nessa direção, trata-se de um índice que não podemos deixar de considerar pela sua relevância quanto à ascensão e inclusão social.

Quanto à análise dos aspectos econômicos em torno dos quais a Instituição se estruturou, cremos que não restam dúvidas de que a base financeira foi a fábrica de calçados, bem como percebemos que essa solução foi diretamente responsável pela Fundação conseguir obter a expressão e dimensão atingidas até o final da década de 1980.

Nossas pesquisas indicaram que os reflexos da macroeconomia sobre a economia nacional, mormente com o cenário que se construiu após os choques do petróleo, tiveram um reflexo negativo direto sobre as políticas públicas voltadas para o incentivo às exportações de manufaturados brasileiros, o que levou à falência de grande parte das grandes fábricas exportadoras de calçados da cidade de Franca (SP), dentre as quais a Indústria de Calçados Pestalozzi.

Houve, nos anos 1980, uma crise econômica estrutural, na qual se manifestaram as primeiras iniciativas neoliberais nos EUA, com Reagan e na Inglaterra, com Thatcher. Essas primeiras posturas neoliberais acabariam por se refletir no chamado Consenso de Washington¹⁹, delineado em 1989.

Embora esses acontecimentos tenham tido reflexos no cenário brasileiro, principalmente a partir da década de 1990, com o início do governo Collor de Mello, percebemos que a crise que se abateu sobre a indústria calçadista tem

¹⁹ O Consenso de Washington faz parte do conjunto de reformas neoliberais que apesar de práticas distintas nos diferentes países, está centrado doutrinariamente na desregulamentação dos mercados, abertura comercial e financeira e redução do tamanho e papel do Estado. Sua origem nos remete ao ano de 1989 quando, no bojo do reaganismo e do tatcherismo máximas expressões do neoliberalismo em ação, reuniram-se em Washington, convocados pelo *Institute for International Economics*, entidade de caráter privado, diversos economistas latino-americanos de perfil liberal, funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do governo norte-americano. O tema do encontro *Latin American Adjustment: How Much has Happened?*, visava a avaliar as reformas econômicas em curso no âmbito da América Latina. John Williamson, economista inglês e diretor do instituto promotor do encontro, foi quem alinhavou os dez pontos tidos como consensuais entre os participantes. E quem cunhou a expressão "*Consenso de Washington*", através da qual ficaram conhecidas as conclusões daquele encontro. Embora tivessem, em princípio, caráter acadêmico, as conclusões do Consenso acabaram tornando-se o receituário imposto por agências internacionais para a concessão de créditos: os países que quisessem empréstimos do FMI, por exemplo, deveriam adequar suas economias às novas regras. (NEGRÃO, 1998, p. 41-43).

também outras implicações que antecedem o advento das medidas neoliberais no Brasil.

Em nossa opinião, o complexo cenário da economia brasileira que acenava para o fracasso do modelo desenvolvimentista já nos momentos derradeiros momentos do regime militar, associado aos dramáticos desdobramentos ocorridos no governo Sarney frente à impossibilidade do Estado debelar a hiperinflação, afastar o cenário de recessão, adotar políticas fiscais, salariais ou cambiais pautadas na transparência e continuidade, foram os fatores desencadeadores para que a fábrica de calçados entrasse em um processo de desestruturação econômica. Os fatos político-econômicos que se sucederam, como o Plano Collor, o Plano Real e a maneira como esses planos econômicos alteraram a política de importação brasileira usando-a como ferramenta de controle inflacionário, foram agravantes para a situação da indústria de calçados já bastante fragilizada.

Percebe-se que, ao mesmo tempo em que, a partir do Plano Collor, ocorreu o agravamento da situação financeira, dentre outras, da indústria calçadista brasileira, houve um descompromisso do governo Collor de Mello com as políticas públicas sociais²⁰, o que deixou a Fundação Educandário Pestalozzi em condições de dupla penalização por não poder contar com o Estado em nenhum aspecto. Nem tampouco a implantação do Plano Real, com vistas a estabilizar a economia brasileira foi de alguma valia à Instituição, pois a política cambial que veio na esteira do novo plano colocava a nova moeda brasileira, o real, em paridade com o dólar e, em alguns momentos a sobrevalorizava em detrimento da moeda estrangeira, essa medida acabou favorecendo muito mais às importações do que às exportações brasileiras.

O impacto das medidas neoliberais sobre a educação e o trabalho na Fundação Educandário Pestalozzi são extensas: quer seja ao considerarmos a questão do trabalho com fechamento da fábrica de calçados e as consequências que essa falência trouxe tanto para a Fundação quanto para centenas de funcionários demitidos; quer seja naquilo que mais nos interessa nessa pesquisa, ao considerarmos os aspectos socioeducacionais: milhares de bolsas de estudo

²⁰ Soares (2001, p. 216, grifo da autora) afirma que “[...] o governo Collor resultou em um brutal desmantelamento do setor público como um todo – nenhum órgão público do governo federal escapou ‘ileso’ ao ‘furacão’ Collor. [...] Esse governo desmontou os programas sociais existentes – precários ou não – e não colocou nada no lugar.”

deixaram de serem possíveis, várias centenas de crianças deixaram ser integralmente assistidas nos lares-escola, houve a redução do período de permanência de 14 para 10 anos de idade. Jamais conheceremos a real dimensão social dessas perdas, se podemos intuí-las, não podemos aferi-las.

Todas as medidas de reestruturação dos lares-escola foram tomadas pelas diretorias da Fundação e das escolas, com a participação da assistente social da Instituição que vem, desde 1981 imprimindo um caráter profissional à atividade social. Mesmo com esse amparo, foi um momento bastante difícil para todos os envolvidos.

Atualmente, após adotar várias medidas reestruturadoras a entidade conseguiu manter a essência do seu trabalho e está de pé. Trata-se, enfim, de um novo momento, de um novo recomeço, onde as atividades do lar-escola estão concentradas na Unidade II. Quanto à Unidade I, cabe-lhe manter financeiramente o trabalho assistencial através das mensalidades pagas por aqueles que ali estudam.

Como uma alternativa à redução do tempo de permanência das crianças na Instituição, há alguns anos foi criado o Projeto Girassol voltado para adolescentes entre 11 e 14 anos. Nessa nova estrutura, eles estudam na rede pública e, no período livre, participam de cursos e atividades oferecidos pela Fundação Educandário Pestalozzi. Esse, no entanto é um outro trabalho mantido pela Instituição que poderá ser oportunamente analisado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMANAQUE histórico de Franca: obra de compilação histórica do município em seus variados aspectos. Franca: Departamento de Imprensa, 1943.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILE, Pablo. (Org.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo C. **A desertificação neoliberal no Brasil**: Collor, FHC e Lula. Campinas, SP: Autores associados, 2004.

_____. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.

APPENDINO, Ricardo. **Gustavo Marcondes**: o apóstolo da educação. Disponível em: <<http://www.ceak.org.br/script/espiritabiografias.asp?codigo=11>>. Acesso em: 4 jan. 2009.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1988

AZEVEDO, André Felipe Z. de; PORTUGAL, Marcelo S. **Abertura comercial brasileira e instabilidade da demanda de importações**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/1997_05.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2010.

AZEVEDO, Fernando et all. **O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)**. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2006.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Resolução Bacen 674/81**. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/normativo/detalharNormativo.do?N=081000003&method=detalharNormativo>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade:** por uma teoria geral da política. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Pensamento crítico).

BORDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 (Ciências sociais da educação).

_____.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRASIL. Lei 3.071, de 1 de janeiro de 1916. Código Civil. **Coleção de Leis do Brasil**, Poder Judiciário, 1 jan. 1916. Rio de Janeiro, Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L3071.htm>>. Acesso em: 9 jun. 2009.

_____. Decreto 70.373, de 6 de abril de 1972. Autoriza o funcionamento da Faculdade Pestalozzi de Ciências, Educação e Tecnologia. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 abr. 1972.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul. 1990. p. 13563. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 2 mar. 2009

BUFFA, Ester. **Ideologia em conflito:** escola pública e escola privada. São Paulo: Cortez, 1979.

_____.; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania:** quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, 1998.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s):** questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAVALCANTI, Bianor S.; RUEDIGER, Marco Aurélio; SOBREIRA, Rogério. **Desenvolvimento e construção nacional:** políticas públicas. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia.** 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1989.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

COELHO, Hercília M. F. (Coord). **Histórias de Franca.** Franca: UNESP/FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997. (História Local, 4).

COELHO, Jonas Gonçalves; PETRUCI, Maria das Graças Ribeiro Moreira; BROENS, Marian Cláudia. (Org.). **Metodologia de pesquisa científica e educacional**. São Paulo: Ed. UNESP : Pró-reitoria de Graduação, 2006. (Pedagogia cidadã. Cadernos de formação).

COMÉRCIO DA FRANCA. Franca, p. 1, 7 out. 1945.

CORREA, Abidak Raposo. Complexo coureiro-calçadista brasileiro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 65-92, set. 2001

COUTINHO, Carlos Nelson. O Estado neoliberal brasileiro. In: SEMINÁRIO SOBRE POLÍTICAS SOCIAIS E MODERNIDADE: crise e perspectivas, 1992, Fortaleza **Anais....** Fortaleza: CRAS, 1992. p. 113-176.

COZAC, Claudia M. D. (Org.). **Projeto pedagógico**: 2001. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2001.

CUNHA, Luiz. A. **Educação, estado e democracia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. **Em Aberto**, Brasília, DF, v. 18, n. 73, p. 11-27, jul. 2001. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1107/1007>>. Acesso em: 12 ago. 2009

DREIFUSS, René Armand. **Época das perplexidades**: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios. Petrópolis: Vozes, 1996.

FÁVERO, Osmar; GIOVANNI Semeraro (Org.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. (Org.). **A educação nas constituintes brasileiras: 1823-1988**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Autores Associados, 2001. (Memória da educação).

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FISHLOW, Albert. A economia política do ajustamento brasileiro aos choques do petróleo: uma nota sobre o período de 1974/84. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 507-550, dez. 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRATERNIDADE: a base da evolução. Direção de Francisco Sampaio Jr. Produção: Ivano Particelli e Fundação Educandário Pestalozzi, Franca (SP), 1970. 1 DVD. (15 min.).

FREITAG, Barbara. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo: Moraes, 1977.

FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI. Relatório especial da Fundação Educandário Pestalozzi. **Comércio da Franca**, Franca, supl., 28 jan. 1974.

GABRIEL, Carmem Teresa. A identidade (nacional) na berlinda: uma forma possível de entrar no debate em torno da educação intercultural. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

GARCIA, Ronaldo A. G. **Migrantes mineiros em Franca: memória e trabalho na cidade industrial (1960-1980)**. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 1997. (História local, 2).

GHANEM, Elie. **Educação escolar e democracia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOBI, Ismael. Um paladino da educação: Dr. Tomas Novelino. **Folha Espírita**, São Paulo, maio 2000. Disponível em: <<http://www.universoespirita.org.br/entrevistas/novelino.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2006.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Tradução de Attilio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995. (Ciências sociais na educação).

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. Tradução de Ivone C. Benedeti. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

HARGRAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004

INCONTRI, Dora. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. 2001. Tese (Doutorado em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1996.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Franca, 11 set. 1945.

_____. Franca, p. 1, 30 dez. 1944.

_____. Franca, p. 2, 5 out. 1944.

JOSÉ FILHO, Mário; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. (Org.). **Prática de pesquisa**. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2004.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés; OLIVEIRA, Eliane C. **A promoção da educação infantil na obra e pensamento de Anália Franco**, Disponível em: <http://agata.ucg.br/formularios/ucg/eventos/historiaeducacao/trabalhos_completos/individuais%20e%20co-autorias/eixo%2002/texto/eliane%20de%20christo%20oliveira%20e%20moys%C3%A9s%20kuhlmann%20jr.%20-%20texto.doc>. Acesso em: 20 set. 2008.

LEMME, Paschoal. O manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira. **RBEP: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 86, n. 212, p. 163-178, jan./abr. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João F. de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Políticas: estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Silvio César S. Nascimento da medicina brasileira. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, n. 248, p. 77, maio 2008.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**. 13. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. (Obras completas de Lourenço Filho, v. 2)

MARTINS, Marco Antônio Campos. **Impasse: o Brasil na crise do petróleo**: 1. Brasília, DF, ago. 1980, Disponível em: <<http://www.aeconomiado brasil.com.br/artigo.php?artigo=39>>. Acesso em: 15 out. 2009.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** Tradução de Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999. (Temas sociais, 1).

_____. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999. (Temas sociais, 1).

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Sistema Geral de Preferências**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=407>>. Acesso em: 24 set. 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Tradução de Eloá Jaconina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Em busca dos fundamentos perdidos**. Tradução de Maria Lúcia Rodrigues e Salma Tannus. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NEGRÃO, João J. **Para conhecer o neoliberalismo**. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.

NOVELINO, Tomás; NOVELINO Maria Aparecida R. **Escritos espíritas: uma militância pedagógica**. Bragança Paulista: Comenius, 2001.

OLIVEIRA, Ana Paula B. **Fundação Educandário Pestalozzi: uma perspectiva histórica**. 1998. (mimeo).

OLIVEIRA, Manfredo A.; TEIXEIRA, Francisco J. S. **Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez; Fortaleza: Ed. UFC, 1996.

PALMA FILHO, João Cardoso (Org.). **História da educação**. São Paulo: Ed. UNESP : Pró-reitoria de Graduação, 2005. (Pedagogia cidadã. Cadernos de formação).

_____. **Política educacional brasileira: educação brasileira numa década de incerteza (1990-2000): avanços e retrocessos**. São Paulo: Cte, 2005 (Políticas públicas, v. 1).

PAPA, Theodoro José. **Contando à nova geração a história do espiritismo em Ribeirão Preto**. Capivari: Gráfica e Editora do Lar, 1989.

PESTALOZZI export. Direção de Tobias Wyss. Produção: PS-Film-und Fernsehproduktion. Zurique, 1996. 1 VHS. (70 min).

PIMENTEL, Alessandra. O método e análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. In: COELHO, Jonas Gonçalves; PETRUCI, Maria das Graças Ribeiro Moreira Petrucy; BROENS, Maria na Claudia. (Org.). **Metodologia de pesquisa científica e educacional**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP : Pró-reitoria de Graduação, 2006. (Pedagogia cidadã. Cadernos de formação).

PONCE, Aníbal. **A educação e a luta de classes**. São Paulo: Cortez, 2003.

R. ZOCCAL. Número de informantes de ordenhas mecânicas no Brasil, 1995. In: EMBRAPA. **A Embrapa no Brasil e no exterior: sudeste: Embrapa gado de leite**. Disponível em:
<<http://www.cnpqgl.embrapa.br/nova/informacoes/estatisticas/insumo/tabela0110.php>>. Acesso em: 15 dez. 2009.

REIS, Luis; BARBOSA, Haroldo. Notícia de jornal. Interprete Chico Buarque. In: CHICO BUARQUE; MARIA BETÂNIA. **Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo**. Rio de Janeiro: Phonogram, 1975. 1 disco sonoro. 46 min.

RIBEIRO, Rosa; SABÓIA, Ana Lúcia. Crianças e adolescentes na década de 1980: condições de vida e perspectivas para o terceiro milênio. In: RIZZINI, Irene. (Org.). **A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2008.

_____.; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo. (Org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel M. (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Memória da educação).

_____. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: _____. et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE FRANCA. Disponível em: <<http://www.sindifranca.org.br/>>. Acesso em: 2008.

SOARES, Laura Tavares Ribeiro. **Ajuste neoliberal e desajuste na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOARES, Leônicio; GALVÃO, Ana Maria de O. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3.

TEIXEIRA, Francisco J. S.; OLIVEIRA, Manfredo Araújo. (Org.). **Neoliberalismo e reestruturação produtiva**: as novas determinações do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Fortaleza: Ed. UEC, 1996.

TORRES, Carlos Alberto. **Sociologia política da educação**. Tradução de Sandra T. Valenzuela. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Questões da nossa época).

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, mar. 1990.

UNESCO. Fórum de Educação para Todos. **Compromisso de Dakar**. Dakar, 2000.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. **Afrânio Peixoto**. (Conferência pronunciada em 27 de março de 2007 na Academia Brasileira de Letras, no ciclo Presidentes da ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/RB53%20%20Culto%20da%20Imortalidade.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2009.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.19, n. 37, p. 103-124, set. 1999.

WORSLEY, Peter. O conceito de populismo. Tradução de Lygia Maria B. neves. In: TABAK, Fanny. (Org.). **Ideologias e populismos**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

XAVIER, Francisco Cândido. **Reencontros**. Araras: IDE, 1992.

DOCUMENTOS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Acta da 35ª. Sessão do Conselho Director**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1927. Disponível em: <http://abe1924.org.br/images/docs/arq_digi/atas_cd/atas1927/atcd35s19270725.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2010.

BRASIL. Decreto-lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova Consolidação das Leis do trabalho. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, 9 ago. 1943. p. 11937.

BRASIL. Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. Código Civil. **Coleção de Leis do Brasil**, Rio de Janeiro, 1916. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3071.htm>. Acesso em: 23 mar. 2009.

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS DO 1º. SUBDISTRITO DE RIBEIRÃO PRETO, DO MUNICÍPIO E COMARCA DE RIBEIRÃO PRETO. **Certidão de assentamento do casamento de Thomaz Novelino e Maria Aparecida de Mello Rebelo.** Assentada no livro B número 57, à folha 66 sob o temo 186. Ribeirão Preto, 1970.

CARTÓRIO DO REGISTRO GERAL DE HIPOTECAS E ANEXOS. **Certidão de personalidade jurídica da Fundação Educandário Pestalozzi.** Franca, jan. 1975.

FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI. **Estatutos Sociais da Fundação Educandário Pestalozzi.** Franca, 1972

FUNDAÇÃO EDUCANDÁRIO PESTALOZZI. **Fundação Educandário Pestalozzi: sua história e seus fins.** Franca, 1968. (mimeo).

_____. **Livro de atas da Associação de Pais e Mestres do Educandário Pestalozzi.** Franca, 1959-1961.

_____. **Prontuários de alunos da década de 1970: fichas modelo 18.** Franca, 1972.

_____. **Prontuários de alunos da década de 1970: fichas modelo 19.** Franca, 1976.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: SEGMENTO EX-ALUNOS DO LAR-ESCOLA

- 1) Gostaria que você iniciasse essa entrevista com a sua apresentação pessoal: nome completo, local e data de nascimento.
- 2) O que você faz, atualmente, profissionalmente?
- 3) Quem foi a pessoa que procurou a Fundação Educandário Pestalozzi para matriculá-lo (a) no lar-escola? Qual era a sua idade naquela época?
- 4) Por que a Instituição foi procurada? Quais eram as condições de sua família naquela época?
- 5) Em qual das unidades você foi matriculado? Por quanto tempo ali ficou?
- 6) Havia alguma exigência para a criança ser admitida nos lares-escola?
- 7) Havia outras crianças de sua família que também faziam parte do lar-escola?
- 8) O que a Instituição oferecia às crianças?
- 9) Quais estudos a Fundação Educandário Pestalozzi lhe proporcionou?
- 10) Na sua sala de aula, havia alunos que não eram do lar-escola? Se existiam, como você considera que eram as suas notas comparadas às notas deles?
- 11) Fora do horário normal de aulas, quais atividades eram oferecidas às crianças?
- 12) Com quantos anos você saiu do lar-escola? Você deu continuidade aos estudos? Até onde estudou?
- 13) Qual foi o significado dessa experiência no lar-escola para a sua vida?
- 14) Você acha que ter participado do lar-escola tenha feito alguma diferença em sua vida?
- 15) Há algo que você gostaria de acrescentar?

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: SEGMENTO DIRETORIA DA FUNDAÇÃO

- 1) Gostaria que o(a) senhor(a) iniciasse essa entrevista com a sua apresentação pessoal: nome completo, local e data de nascimento, profissão e função desempenhada na Fundação Educandário Pestalozzi.
- 2) O que diferencia, juridicamente, uma fundação com as características da Fundação Educandário Pestalozzi de outras entidades filantrópicas?
- 3) Na opinião do(a) senhor (a), o que motivou os fundadores a optarem pelo modelo de fundação ao invés de constituírem um empresa convencional?
- 4) Por que a opção de intitular o trabalho filantrópico desenvolvido pela Fundação pelo termo lar-escola e não por creches? Qual é a diferença entre os dois modelos?
- 5) Essa entidade tem mais de seis décadas. Qual foi e qual é o peso das verbas governamentais para a manutenção do lar-escola?
- 6) Complementando a pergunta anterior, qual era o papel econômico que a fábrica de calçados tinha na manutenção dessa estrutura?
- 7) Quando essa Fundação atingiu a sua maior abrangência, quais foram os serviços prestados, quais os ramos de atividade ela já incorporou?
- 8) Segundo a análise do(a) senhor (a), quais foram os fatores que colaboraram para a falência da fábrica de calçados?
- 9) Quais foram os maiores problemas advindos da interrupção das atividades calçadistas e como a fundação lidou com esses percalços para manter o seu trabalho social?
- 10) Na opinião do(a) senhor (a), a macro-economia teve algum papel na crise econômica vivenciada pela fundação naquela ocasião?
- 11) Quais mudanças que foram feitas nos lares-escola para permitir que a Fundação se adequasse ao fechamento da fábrica?
- 12) De alguma maneira o fechamento da fábrica de calçados provocou mudanças qualitativas na dinâmica do lar-escola?
- 13) Após a crise dos anos 90, a fundação precisou restringir o número de crianças assistidas? Se houve uma redução no número de crianças, quais foram os critérios adotados para encaminhar esse processo?

- 14) Nos primeiros tempos, quais foram os princípios que nortearam a constituição dessa Fundação? Foi possível sustentar esses princípios após o processo de reestruturação da FEP?
- 15) A sua vivência frente à FEP lhe permite opinar se a política neoliberal perceptível no governo Collor, bem como nos governos FHC, de alguma maneira, interferiu nos rumos do Pestalozzi? Por favor, justifique a opinião expressada.
- 16) Na opinião do(a) senhor (a), qual foi o impacto do trabalho desempenhado pela FEP, através dos seus lares-escola, para a cidade de Franca?
- 17) Há alguma colocação sobre os lares-escola que o senhor ache relevante acrescentar?

APÊNDICE C - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: SEGMENTO EX-DIRETORA LAR-ESCOLA UNIDADE II

- 1) Gostaria que a senhora iniciasse essa entrevista com a sua apresentação pessoal e profissional: nome, o período em que atuou como diretora da Unidade II do lar-escola Pestalozzi.
- 2) Como se deu a aproximação entre a senhora e a Fundação Educandário Pestalozzi para que se tornasse a diretora de uma das unidades do lar-escola?
- 3) Quais eram os fundamentos que norteavam o seu trabalho, ou seja, como a Fundação concebia a função social e educacional dos seus lares-escola?
- 4) Por que a Fundação usa a terminologia lar-escola e não a de creche. Na prática, quais são as semelhanças e as diferenças entre os dois modelos?
- 5) Quando foi criada a Unidade II? Aproximadamente quantas crianças ali ingressaram enquanto a senhora dirigia o local?
- 6) Como era a dinâmica do lugar, ou seja, quais eram os serviços oferecidos àquelas crianças? Quais eram os objetivos da Instituição?
- 7) Quem mantinha financeiramente a Unidade II? Qual era a participação dos órgãos públicos em termos de verbas? (No seu entender essa participação era majoritária ou minoritária?)
- 8) A senhora classifica os serviços prestados como sendo de assistência ou de assistencialismo. Por que defende esse ponto de vista?
- 9) Quais eram os objetivos da Fundação ao criar, além da Unidade I do lar-escola, também as unidades II e III? Houve um planejamento para essa expansão ou ela ocorreu a partir de algum episódio específico?
- 10) Como era a relação da comunidade com a Unidade II? Quais foram os reflexos para a comunidade da presença da Unidade III naquele bairro?
- 11) Qual era a participação do Dr. Tomás Novelino e de D. Aparecida na administração dos lares-escola?
- 12) Por que somente a Unidade II dos lares-escola foi mantida? Qual foi, a partir do seu ponto de vista, o significado dessa estruturação para a comunidade?
- 13) Qual foi o significado dessa experiência para a vida da senhora?
- 14) Há algo que a senhora gostaria de acrescentar?

**APÊNDICE D - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA : SEGMENTO DIRETORA
LAR-ESCOLA UNIDADE III**

- 1) Gostaria que a senhora iniciasse essa entrevista com a sua apresentação pessoal e profissional: nome, o período em que atuou como diretora da Unidade III do Lar-escola Pestalozzi.
- 2) Como se deu a aproximação entre a senhora e a Fundação Educandário Pestalozzi para que se tornasse a diretora de uma das unidades do Lar-escola?
- 3) Quais eram os fundamentos que norteavam o seu trabalho, ou seja, como a Fundação concebia a função social e educacional dos seus lares-escola?
- 4) Por que a Fundação usa a terminologia lar-escola e não a de creche. Na prática, quais são as semelhanças e as diferenças entre os dois modelos?
- 5) Por quanto tempo a Fundação manteve a Unidade III? Quantas crianças ali ingressaram nesse período?
- 6) Como era a dinâmica do lugar, ou seja, quais eram os serviços oferecidos àquelas crianças? Quais eram os objetivos da Instituição?
- 7) Quem mantinha financeiramente a unidade III? Qual era a participação dos órgãos públicos em termos de verbas? (No seu entender essa participação era majoritária ou minoritária?)
- 8) A senhora classifica os serviços prestados como sendo de assistência ou de assistencialismo. Por que defende esse ponto de vista?
- 9) Quais eram os objetivos da Fundação ao criar, além da unidade 1 do Lar-escola, também as unidades II e III? Houve um planejamento para essa expansão ou ela ocorreu a partir de algum episódio específico?
- 10) Como era a relação da comunidade com a Unidade III? Quais foram os reflexos para a comunidade da presença da Unidade III naquele bairro?
- 11) Qual era a participação do Dr. Tomás Novelino e de D. Aparecida na administração dos lares-escola?
- 12) Por que a Unidade III foi fechada? Qual foi, a partir do seu ponto de vista, o significado desse fechamento para aquela comunidade?
- 13) Qual foi o significado dessa experiência para a vida da senhora?
- 14) Há algo que a senhora gostaria de acrescentar?

APÊNDICE E - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: SEGMENTO FUNCIONÁRIOS E EX-FUNCIONÁRIOS DO SETOR CONTÁBIL E FINANCEIRO DA FUNDAÇÃO

1. Gostaria que o(a) senhor(a) iniciasse essa entrevista com a sua apresentação pessoal: nome completo, local e data de nascimento, profissão e função desempenhada na Fundação Educandário Pestalozzi.
2. O que diferencia, juridicamente, uma fundação com as características da Fundação Educandário Pestalozzi de outras entidades filantrópicas?
3. Segundo a análise do(a) senhor (a), quais foram os fatores que colaboraram para a falência da fábrica de calçados?
4. Quais foram os maiores problemas advindos da interrupção das atividades calçadistas e como a fundação lidou com esses percalços para manter o seu trabalho social?
5. Na opinião do(a) senhor (a), a macro-economia teve algum papel na crise econômica vivenciada pela fundação naquela ocasião?
6. Quais mudanças que foram feitas nos lares-escola para permitir que a Fundação se adequasse ao fechamento da fábrica?
7. A sua vivência frente à FEP lhe permite opinar se a política neoliberal perceptível no governo Collor, bem como nos governos FHC, de alguma maneira, interferiu nos rumos do Pestalozzi? Por favor, justifique a opinião expressada.
8. Como os senhores se organizaram para enfrentar o cenário de crise financeira que se abateu sobre a Instituição na época do fechamento da fábrica.
9. Qual é a situação financeira da Fundação na atualidade? A crise foi debelada?
10. Há algo sobre a crise econômica da instituição na década de 90 que o senhor ache relevante acrescentar?